

EUGENE H.
PETERSON
O PASTOR
SEGUNDO
DEUS

A integridade pastoral vista por vários ângulos



EUGENE H.
PETERSON
O PASTOR
SEGUNDO
DEUS

A integridade pastoral vista por vários ângulos



O pastor segundo Deus – A integridade pastoral vista por vários ângulos é o segundo de três livros sobre a obra dos pastores na América do Norte. O conjunto dos três livros é concebido para fornecer orientação bíblica e entendimento teológico em condições culturais decididamente incompatíveis com tal orientação e entendimento.

Este segundo volume fornece um antídoto contra as poderosas pressões que reduzem a vocação pastoral a uma tarefa religiosa administrativa de manter uma igreja em funcionamento, e define a função peculiar do pastor, de ouvir e ajudar os outros a ouvirem Deus falando na Escritura, na oração e por intermédio do próximo.

Five Smooth Stones for Pastoral Work é o primeiro livro da série; Under the Unpredictable Plant: An Exploration in Vocational Holiness é o terceiro.

EUGENE H.
PETERSON
O PASTOR
SEGUNDO
DEUS

A integridade pastoral vista por vários ângulos



*O pastor segundo Deus, de Eugene H. Peterson © 2017, Editora Cultura Cristã.
Publicado originalmente em inglês com o título Working the angles – The shape
of pastoral integrity, Eugene H. Peterson © 1987 por Wm. B. Eerdmans
Publishing Co. 2140 Oak Industrial Drive N.E., Grand Rapids, Michigan 49505.
Todos os direitos são reservados.*

1ª edição 2017

Conselho Editorial Cláudio Marra (Presidente) Filipe Fontes Heber Carlos de Cai

■

P485p

Peterson, Eugene

*O pastor segundo Deus / Eugene Peterson; traduzido por Cláudio Chagas. _
São Paulo: Cultura Cristã, 2017*

176 p.

Recurso eletrônico (ePub)

ISBN 978-65-5989-069-9

Tradução: Working the angles

1. Pastoreio I. Título

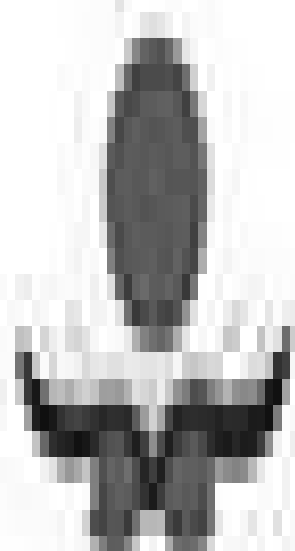
CDU 636.083.314

■

A posição doutrinária da Igreja Presbiteriana do Brasil é expressa em seus “símbolos de fé”, que apresentam o modo Reformado e Presbiteriano de compreender a Escritura. São esses símbolos a Confissão de Fé de Westminster e seus catecismos, o Maior e o Breve. Como Editora oficial de uma denominação confessional, cuidamos para que as obras publicadas espelhem sempre essa posição. Existe a possibilidade, porém, de autores, às vezes, mencionarem ou mesmo defenderem aspectos que refletem a sua própria opinião, sem que o fato

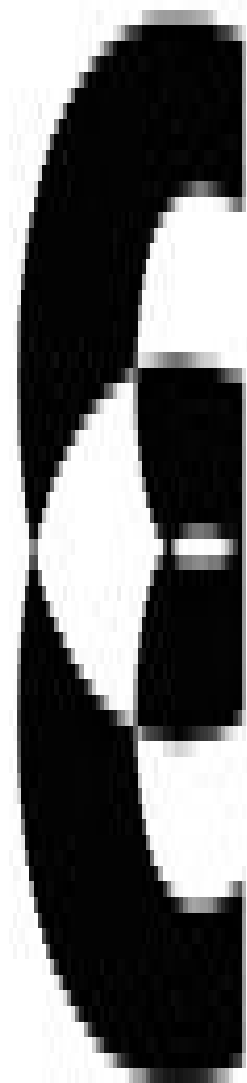
de sua publicação por esta Editora represente endosso integral, pela denominação e pela Editora, de todos os pontos de vista apresentados. A posição da denominação sobre pontos específicos porventura em debate poderá ser encontrada nos mencionados símbolos de fé.

ad



ALUMINIO
CERAMICA
COPOLAMER
COPOLAMER
COPOLAMER
COPOLAMER
COPOLAMER

Respete o direito autoral



EDITORA CULTURA CRISTÃ

Rua Miguel Teles Júnior, 394 – CEP 01540-040 – São Paulo – SP

Fones 0800-0141963 / (11) 3207-7099

www.editoraculturacrista.com.br – cep@cep.org.br

Superintendente: Clodoaldo Waldemar Furlan

Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

Para

Jeffrey Dirk Wilson

Sumário

Introdução

primeiro ângulo ORAÇÃO

I. Histórias gregas e orações hebraicas

II. Orando segundo a Bíblia

III. Tempo de oração

segundo ângulo ESCRITURA

IV. Transformando olhos em ouvidos

V. Exegese contemplativa

VI. Notas de Gaza

terceiro ângulo ORIENTAÇÃO ESPIRITUAL

VII. Sendo um orientador espiritual

VIII. Obtendo um orientador espiritual

IX. Praticando a orientação espiritual

Notas

Introdução

Os pastores dos EUA estão abandonando seus postos, em toda parte, numa proporção alarmante. Eles não estão deixando suas igrejas e obtendo outros empregos. As congregações ainda pagam seus salários. Seus nomes permanecem nos boletins da igreja e eles continuam a aparecer nos púlpitos aos domingos. Porém, estão abandonando os seus postos, o seu chamado. Eles se prostituíram ante outros deuses. O que eles fazem com o seu tempo sob o pretexto de ministério pastoral não tem a mais remota conexão com o que pastores de igrejas fizeram durante mais de vinte séculos.

Alguns de nós estamos irados com isso. Estamos irados porque fomos abandonados. Dos meus colegas que definiram o ministério para mim, me examinaram, me ordenaram e, depois, me consagraram como pastor de uma congregação, a maioria, pouco mais tarde, saiu e me deixou, por terem, segundo eles, coisas mais urgentes a fazer. As pessoas com quem pensei que trabalharia desapareceram quando o trabalho começou. Ser pastor é um trabalho difícil; queremos o companheirismo e o conselho de aliados. É amargamente decepcionante entrar em uma sala cheia de pessoas com as quais você tem todos os motivos para esperar compartilhar a missão e os compromissos do trabalho pastoral e, dentro de dez minutos, descobrir que elas, definitivamente, não o farão. Elas falam de imagens e estatísticas. Para impressionar, falam de pessoas famosas que conhecem. Elas discutem influência e status. Assuntos de Deus, da alma e da Escritura não são o trigo a ser processado em seus moinhos.

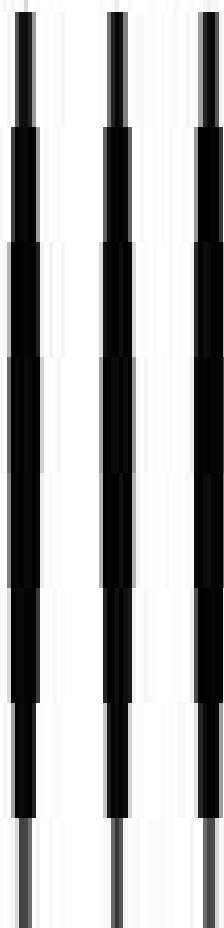
Os pastores dos EUA se transformaram em um grupo de lojistas, cujas lojas são igrejas. Suas preocupações são as mesmas do lojista — como manter os clientes felizes, como atrair os clientes dos concorrentes, como embalar os produtos para que os clientes desembolsem mais dinheiro.

Alguns deles são muito bons lojistas. Eles atraem um grande número de clientes, arrecadam muito dinheiro, desenvolvem reputações esplêndidas. Ainda assim, são lojistas; lojistas religiosos, com certeza, mas lojistas. As estratégias de marketing das franquias de fast food ocupam as mentes vigilantes desses empresários; enquanto dormem, eles sonham com o tipo de sucesso que atrairá a

atenção dos jornalistas. “Uma congregação grande e poderosa é boa e divertida”, diz Martin Thornton, “mas aquilo de que a maioria das comunidades realmente precisa é de alguns santos. A tragédia é que eles podem muito bem estar lá em forma embrionária, esperando para serem descobertos, à espera de uma formação sólida, esperando para serem emancipados do culto à mediocridade”.¹

O fato bíblico é que não há igrejas bem-sucedidas. Há, em vez disso, comunidades de pecadores, reunidos diante de Deus semana após semana em cidades e aldeias do mundo todo. O Espírito Santo os reúne e faz a sua obra neles. Nessas comunidades de pecadores, um dos pecadores é chamado pastor e recebe uma responsabilidade designada na comunidade. A responsabilidade do pastor é manter a comunidade atenta a Deus. É essa responsabilidade que está sendo, inquestionavelmente, abandonada.

“De mim se apoderou a indignação...” (Sl 119.53). Não sei dizer quantos sentem a mesma indignação que eu. Sei de alguns nomes. Ao todo, não devemos ser numerosos. Ainda há sete mil que não dobraram os joelhos a Baal? Há um número suficiente para ser identificado como uma minoria? Penso que sim. Nós reconhecemos uns aos outros de tempos em tempos. Muita coisa foi realizada por minorias. Deve haver alguns lojistas que já estão achando muito insosso o guisado que adquiriram em troca do seu direito de primogenitura da ordenação e estão anelando por uma restauração ao seu chamado. Esse desejo é uma brasa suficientemente forte para tornar-se um feroz repúdio de sua deserção, permitindo que a Palavra de Deus volte a tornar-se fogo em suas bocas? Minha indignação é capaz de soprar para acender aqueles carvões?



Três atos pastorais são tão básicos, tão críticos, que determinam a forma de tudo o mais. Eles são: oração, leitura da Escritura e orientação espiritual. Além de serem básicos, esses três atos são silenciosos. Eles não chamam atenção para si mesmos e, por isso, frequentemente não são percebidos. No mundo clamoroso do trabalho pastoral, ninguém grita conosco para nos engajarmos nesses atos. É possível realizar um trabalho pastoral satisfatório às pessoas que julgam nossa competência e pagam os nossos salários sem sermos diligentes ou habilidosos nesses atos. Dado que quase nunca alguém percebe se fazemos essas coisas ou não, e só, ocasionalmente, alguém nos pede para fazê-las, esses três atos de ministério sofrem negligência generalizada.

As três áreas constituem atos de atenção: oração é um ato no qual me levo à atenção de Deus; ler a Escritura é uma forma de atentar para Deus em sua fala e uma ação sobre Israel e Cristo ao longo de dois milênios; orientação espiritual é um ato de atentar ao que Deus está fazendo na pessoa que está diante de mim em qualquer dado momento.

É sempre a Deus que estamos atentando ou tentando atentar. Os contextos, porém, variam: na oração, o contexto sou eu mesmo; na Escritura, é a comunidade de fé na história; na orientação espiritual, é a pessoa que está diante de mim. Deus é aquele a quem estamos primariamente atentos nesses contextos, mas nunca é Deus em si mesmo; em vez disso, é Deus em relacionamento — comigo, com seu povo, com essa pessoa.

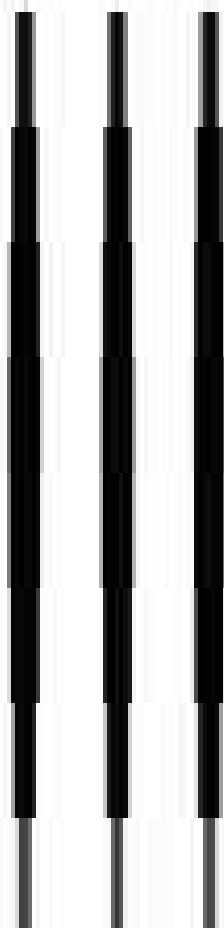
Nenhum desses atos é público, o que significa que ninguém sabe ao certo se estamos ou não realizando algum deles. As pessoas nos ouvem orar em adoração, nos ouvem pregar e ensinar a partir das Escrituras, percebem quando as estamos escutando em uma conversa, mas nunca podem saber se estamos atentando a Deus em qualquer dessas situações. Não são necessários muitos anos nesse negócio para perceber que podemos conduzir um ministério pastoral razoavelmente respeitável sem dar a Deus muito mais do que uma atenção cerimonial. Dado que podemos omitir esses atos de atenção sem que alguém perceba, e devido a cada um dos atos envolver uma grande quantidade de rigor, é fácil e comum desconsiderá-los.

Isso não é inteiramente culpa nossa. Grandes multidões entraram numa enorme conspiração para eliminar de nossas vidas a oração, a Escritura e a orientação

espiritual. Elas estão preocupadas com nossa imagem e posição, com o que elas podem mensurar, com o que produz programas bem-sucedidos de construção de igrejas e impressionantes gráficos de número de membros, com impacto sociológico e viabilidade econômica. Elas se empenham ao máximo para preencher nossas agendas com reuniões e compromissos, para que não haja tempo para isolamento ou descanso para estarmos diante de Deus, para refletirmos sobre a Escritura, para não termos pressa de estar com outra pessoa.

Recebemos apoio da igreja e da comunidade para realizar um ministério desatento a Deus e, portanto, sem alicerces. Ainda assim, isso não é desculpa. Segundo algumas definições, um profissional é alguém comprometido com padrões de integridade e desempenho que não podem ser alterados para se adequarem ao gosto das pessoas ou ao que elas estão dispostas a pagar. Nos dias atuais, o profissionalismo está em declínio em todas as frentes — na medicina, no direito, na política e entre os pastores —, mas ainda não foi repudiado. Ainda há, em todas as áreas da vida, um número considerável de profissionais que fazem o árduo trabalho de se manterem fiéis àquilo que eles foram chamados a fazer, recusando-se obstinadamente a fazer o trabalho fácil que os tempos lhes pedem.

Encontrei na trigonometria uma metáfora que será útil para manter isso claro; eu vejo esses três atos essenciais do ministério como os ângulos de um triângulo. A maior parte do que vemos num triângulo são linhas. As linhas têm diferentes proporções entre si, mas o que determina as proporções e o formato do todo são os ângulos. As linhas visíveis do trabalho pastoral são: pregação, ensino e administração. Os pequenos ângulos desse ministério são: oração, Escritura e orientação espiritual. O comprimento e as proporções das “linhas” do ministério são variáveis, servindo para numerosas circunstâncias e acomodando uma ampla gama de dons pastorais. Se, porém, as linhas forem desligadas dos ângulos e desenhadas intencional ou aleatoriamente, deixam de formar um triângulo. O trabalho pastoral desconectado das ações angulares — os atos de atenção a Deus em relação a mim mesmo, as comunidades bíblicas de Israel e da igreja, a outra pessoa — não mais recebe sua forma de Deus. Ajustar os ângulos é o que dá forma e integridade ao trabalho diário de pastores e sacerdotes. Se estabelecermos os ângulos corretamente, desenhar as linhas será simples. Mas, se formos descuidados com os ângulos ou os dispensarmos, por mais longas ou retas que desenhemos as linhas, não teremos um triângulo, um ministério pastoral.



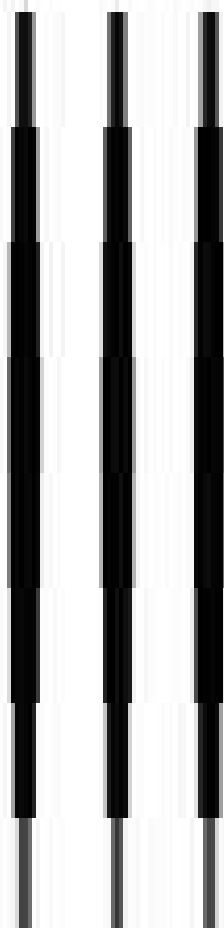
Não tenho conhecimento de qualquer outra profissão em que seja tão fácil ser falso como na nossa. Adotando uma atitude reverencial, cultivando uma bela voz, introduzindo na conversa palavras ocasionais como “escatologia” e heilsgeschichte em nosso discurso — não com frequência suficiente para confundir as pessoas, mas o suficiente para mantê-las cientes de que nossa linha habitual de pensamento está um degrau acima do nível dos fiéis — conquistamos confiança, sem perguntas, como mordomos dos mistérios. A maioria das pessoas, pelo menos aquelas com quem estamos na maior parte do tempo, sabe que somos, de fato, rodeados por enormes mistérios: nascimento e morte, bem e mal, sofrimento e alegria, graça, misericórdia, perdão. Basta uma insinuação aqui e um gesto ali, um suspiro de empatia ou um toque compassivo para transmitir que somos conhecedores e especialistas nesses assuntos profundos. Mesmo quando, em ocasionais acessos de humildade ou honestidade, negamos santidade, não somos acreditados. As pessoas têm necessidade de ser asseguradas de que alguém está em contato com as coisas irrevogáveis. Suas próprias vidas interiores são uma confusão de listas de compras e boas intenções, adultérios culposos (quer fantasiados ou reais) e episódios de virtude heroica, desejos de santidade misturados com cobiça por autossatisfação. Elas esperam fazer melhor algum dia, talvez a partir de amanhã ou, o mais tardar, na próxima semana. Enquanto isso, elas precisam de alguém por perto que possa tomar o seu lugar, em quem elas possam projetar seus desejos de uma vida agradável a Deus. Se lhes damos um mero esboço de fingimento, eles o tomam como a coisa real e o adotam, imputando-nos mãos limpas e coração puro.

Os aspectos menos pessoais e mais públicos de nossas vidas são igualmente fáceis de falsificar. Podemos plagiar nossos sermões dos mestres, aprender a conduzir uma liturgia por repetição mecânica, escrever em nossos punhos os versículos adequados para consulta discreta em visita domiciliar e hospitalar, memorizar meia dúzia de orações para as ocasiões em que somos convidados a fazer uma “pequena oração” para que as coisas comecem bem, e aprender como presidir um comitê participando de algumas reuniões de pais e mestres e anotando o que funciona e do que não funciona.

Durante muito tempo, estive convencido de que eu poderia pegar uma pessoa com ensino médio, dar-lhe um treinamento de seis meses na escola de comércio e obter um pastor que seria satisfatório para qualquer congregação exigente dos EUA. O currículo consistiria em quatro cursos. Curso I: Plágio Criativo. Eu

colocaria você em contato com uma ampla gama de palestras excelentes e inspiradoras, lhe mostraria como alterá-las apenas o suficiente para obscurecer suas origens, e lhe daria uma reputação de sagacidade e sabedoria. Curso II: Controle da Voz para Oração e Aconselhamento. Nós desenvolveríamos o seu próprio estilo distinto de entonação piedosa, adquirindo a habilidade em ressonância e modulação que transmite uma aura inconfundível de santidade. Curso III: Gestão Administrativa Eficiente. O que os paroquianos mais admiram em seus pastores é a capacidade de administrar bem situações difíceis. Se retornarmos todas as ligações telefônicas dentro de 24 horas, respondermos a todas as cartas dentro de uma semana, distribuindo cópias suficientes a pessoas-chaves para que elas saibam que estamos no controle, e tivermos apenas a quantidade certa de desordem em nossas escrivadinhas — não em excesso para parecermos ineficientes, não pouco demais para parecermos subempregados —, rapidamente obtemos a reputação de eficiência, que é muito mais importante do que qualquer coisa que realmente fazemos. Curso IV: Projeção da Imagem. Aqui, dominaríamos a meia dúzia de dispositivos bem conhecidos e facilmente implantados que criam a impressão de estarmos terrivelmente ocupados e amplamente procurados para aconselhamento a pessoas influentes da comunidade. Uma semana de curso de reciclagem a cada ano introduziria novas frases que convenceriam os nossos paroquianos de que somos inovadores ousados na vanguarda das megatendências e, ao mesmo tempo, solidamente enraizados em todos os valores tradicionais dos nossos santificados antepassados.

(Há vários anos, rio muito com esse treinamento em escola de comércio para pastores com o qual pretendo fazer fortuna. Recentemente, porém, a brincadeira saiu pela culatra. Vejo sempre propagandas de institutos e workshops de todo o país que convidam pastores a se inscreverem para esse exato currículo. As ofertas de cursos anunciadas não têm rótulos tão honestos quanto os meus, mas o conteúdo parece ser idêntico — um currículo que treina pastores para satisfazerem as atuais preferências dos consumidores em religião. Não estou mais rindo).



Em seu romance *Morgan's Passing*, Anne Tyler contou a história de um homem de meia-idade de Baltimore que passava pela vida das pessoas com surpreendente autoconfiança e perícia em assumir funções e expectativas gratificantes. O romance começa com Morgan assistindo a um show de marionetes, no gramado de uma igreja, numa tarde de domingo. Poucos minutos após o início do show, um jovem vem de trás do palco das marionetes e pergunta: “Há um médico aqui?” Após trinta ou quarenta segundos de silêncio da plateia, Morgan se levanta, aproxima-se lenta e deliberadamente do jovem e pergunta: “Qual é o problema?” A esposa grávida do marionetista está em trabalho de parto; um nascimento parece iminente. Morgan põe o jovem casal no banco traseiro de sua perua e se dirige ao hospital Johns Hopkins. A meio caminho, o marido grita: “O bebê está chegando!”. Calmo e autoconfiante, Morgan estaciona, manda o futuro pai até a esquina para comprar um jornal de domingo como substituto para toalhas e lençóis, e faz o parto. Então, dirige-se ao pronto-socorro do hospital, coloca a mãe e o bebê com segurança numa maca e desaparece. Terminada a empolgação, o casal pergunta pelo Dr. Morgan. Eles querem agradecer-lhe. Ninguém havia ouvido falar de um Dr. Morgan. Eles estão intrigados — e frustrados por não poderem expressar a sua gratidão. Vários meses depois, eles estão empurrando o carrinho com seu bebê e veem Morgan andando do outro lado da rua. Eles correm até ele e o cumprimentam, mostrando-lhe o bebê saudável que ele trouxera ao mundo. Eles lhe contam sobre o quanto haviam procurado por ele e a incompetência burocrática do hospital em encontrá-lo. Em um incomum jorro de honestidade, ele admite a eles não ser, de fato, médico. Na verdade, ele tem uma loja de ferragens, mas eles precisavam de um médico e, naquelas circunstâncias, ser médico não foi tão difícil. Ele lhes diz ser uma questão de imagem: você discerne o que as pessoas esperam e se encaixa naquilo. Você pode sair-se bem em todas as profissões honradas. Morgan tem feito isso toda a sua vida, personificando médicos, advogados, pastores e conselheiros conforme as ocasiões se apresentam. Então, ele confidencia: “Sabe, eu nunca fingiria ser um encanador ou açougueiro — eles me descobririam em 20 segundos”.²

Morgan percebia algo que a maioria dos pastores compreende no início de seu trabalho: os aspectos de imagem de ser um pastor, os papéis que têm a ver com satisfazer às expectativas das pessoas, podem ser facilmente fingidos. Podemos nos passar por pastor sem ser um pastor. O problema, porém, é que, embora possamos levar isso adiante em nossas comunidades, frequentemente com

aplausos, não conseguimos fazê-lo dentro de nós mesmos. Pelo menos, não todos nós. Alguns de nós se inquietam. Sentimo-nos horríveis. Nível zero de sucesso parece ser prova contra uma erupção de revolta no meio de nosso desempenho aplaudido. A inquietação não provém de culpa puritana: estamos fazendo o que somos pagos para fazer. As pessoas que pagam nossos salários estão recebendo o valor do seu dinheiro. Estamos “dando bom peso” — os sermões são inspiradores, os comitês são eficientes, a moral é boa. A inquietação vem de outra dimensão — uma memória vocacional, uma fome espiritual, um compromisso profissional. Ser o tipo de pastor que satisfaz a uma congregação é um dos trabalhos mais fáceis sobre a face da terra — se ficamos satisfeitos com congregações satisfatórias. A carga horária é boa, o salário é adequado, o prestígio é considerável. Por que não consideramos fácil? Por que não estamos contentes com isso?

Porque nos propusemos a fazer algo muito diferente. Propusemo-nos a arriscar a vida em um empreendimento de fé. Comprometemo-nos com uma vida de santidade. Em algum ponto, percebemos a imensidão de Deus e das grandes coisas invisíveis que se acoplam a nossos braços e pernas, a pão e vinho, a nossos cérebros e ferramentas, a montanhas e rios, dando-lhes significado, destino, valor, alegria, beleza, salvação. Respondemos a um chamado para transmitir essas realidades em palavra e sacramento, e a liderar uma comunidade de fé de uma maneira que conectasse e coordenasse o que os homens, mulheres, crianças e jovens dessa comunidade estão fazendo, em seu trabalho e diversão, ao que Deus está fazendo em misericórdia e graça. No processo, aprendemos a diferença entre uma profissão, ou ofício, e um trabalho. Um trabalho é o que fazemos para levar a bom termo uma tarefa. Seu requisito primário é darmos satisfação a quem quer que nos dê a tarefa e pague o nosso salário. Aprendemos o que é esperado e o fazemos. Nada há de errado em fazer trabalhos. Em maior ou menor grau, todos nós os temos; alguém tem de lavar os pratos e levar o lixo para fora. Porém, profissões e ofícios são diferentes. Nestes, nós temos uma obrigação que excede o agradar a alguém: estamos buscando ou moldando a própria natureza da realidade, convencidos de que, ao cumprirmos os nossos compromissos, realmente beneficiamos as pessoas em um nível muito mais profundo do que se simplesmente fizéssemos aquilo que elas nos pediram.³ Nos ofícios, lidamos com as realidades visíveis; nas profissões, com o invisível. O ofício de marceneiro, por exemplo, tem uma obrigação para com a própria madeira, seu grão e textura. Um bom marceneiro conhece suas madeiras e as trata com respeito. Muito mais está envolvido do que agradar a clientes; algo como a integridade do material está envolvido. Nas profissões, a integridade tem

a ver com as coisas invisíveis: para os médicos, é a saúde (não apenas fazer as pessoas se sentirem bem); para os advogados, a justiça (não ajudar as pessoas a se encaminharem); para os professores, a aprendizagem (não encher as cavidades cranianas com informações a serem usadas nas provas). E, para os pastores, é Deus (não aliviar a ansiedade, dar conforto ou administrar um estabelecimento religioso).

Todos nós começamos sabendo isso ou, pelo menos, tendo uma boa pista disso. Mas, quando entramos em nossa primeira paróquia, nos foi dado um emprego. A maioria das pessoas com quem lidamos a maior parte do tempo é dominada por uma percepção de si mesma, não uma percepção de Deus. À medida que lidamos também com sua principal preocupação, elas mesmas —orientando, aconselhando, instruindo, incentivando —, elas nos dão boas notas por nosso trabalho como pastores. Elas não se importam demasiadamente se lidamos com Deus ou não. Flannery O'Connor descreve um pastor em tais circunstâncias como 1/4 ministro e 3/4 massagista.⁴

É muito difícil fazer uma coisa quando a maioria das pessoas ao nosso redor está nos pedindo para fazer outra muito diferente, especialmente quando essas pessoas são agradáveis, inteligentes, nos tratam com respeito e pagam nossos salários. Nós nos levantamos a cada manhã e o telefone toca, pessoas nos encontram, cartas nos são enviadas — frequentemente, a um ritmo de desconcertante urgência. Todos esses telefonemas, encontros e cartas são de pessoas que nos pedem para fazer algo por elas, muito independentemente de qualquer crença em Deus. Isto é, elas vêm a nós não porque estão à procura de Deus, mas porque estão à procura de uma recomendação, ou bons conselhos, ou uma oportunidade, e vagamente supõem que poderíamos ser qualificados para dá-los a elas.

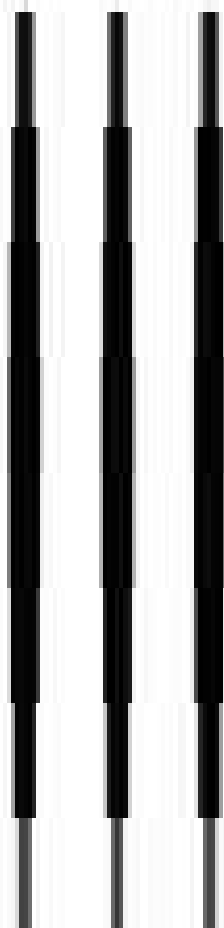
Vários anos atrás, tive uma lesão no joelho, da qual me autodiagnostiquei. Eu sabia que tudo de que eu precisava eram alguns tratamentos de turbilhão. Quando estava na faculdade, tínhamos um tanque de turbilhão na sala de treinamento; por isso, eu tinha uma considerável experiência com sua eficácia no tratamento das minhas lesões de corrida e em me fazer sentir bem no processo. O único lugar de minha comunidade onde havia um tanque de turbilhão era o consultório do fisioterapeuta. Liguei para marcar um horário. Ele recusou; eu tinha de ter uma prescrição médica. Liguei para um ortopedista, fiz um exame (aquilo estava ficando mais complicado e caro do que eu havia planejado) e descobri que ele não me daria a prescrição para o turbilhão. Ele disse que não era

o tratamento adequado para a minha lesão. Eu protestei: certamente, não poderia fazer mal algum e poderia fazer algum bem. Sua recusa foi categórica. Ele era um profissional. Seu compromisso primário era com alguma abstração invisível chamada saúde, cura. Ele não tinha compromisso com satisfazer aos meus pedidos. Sua integridade, de fato, o proibia de satisfazer aos meus pedidos se eles prejudicassem seu compromisso primário. Desde então, aprendi que, procurando um pouco mais, eu poderia ter encontrado um médico que teria me dado a prescrição que eu queria.

Reflito sobre esse incidente ocasionalmente. Estou mantendo claro o limite entre meu compromisso e o que as pessoas estão pedindo de mim? Minha orientação principal é a graça de Deus, sua misericórdia, seu agir na criação e na aliança? E estou suficientemente compromissado com isso para recusar quando as pessoas me pedirem para fazer algo que não as levará a uma participação mais madura nessas realidades e atos? Não gosto de pensar em todas as visitas que fiz, aconselhamentos que dei, casamentos que celebrei, reuniões de que participei e orações que fiz — um amigo chama isso de aspergir água benta sobre bonecas Repolhinho — unicamente porque as pessoas me pediram para fazê-lo e, no momento, parecia que não faria mal algum e, quem sabe, poderia fazer algum bem. Além disso, eu sabia haver, ali perto, um pastor que fazia qualquer coisa que lhe pediam, mas cuja teologia era tão lamentável que, provavelmente, ele faria um mal ativo no processo. Minha teologia, pelo menos, era evangélica e ortodoxa.

Como mantenho a linha bem definida? Como mantenho um senso de vocação pastoral em meio a uma comunidade de pessoas que estão me contratando para desempenhar tarefas religiosas? Como mantenho um senso de integridade profissional em meio a um povo muito experiente em compra comparativa e que não se exercita excessivamente nas minúcias da integridade pastoral?

Há uma velha e boa resposta a essas perguntas. Não é um conselho simplista, mas a imersão em uma matéria que costumava ser o currículo básico na formação de pastores e sacerdotes. A matéria tinha o nome de teologia ascética, o que estou chamando “ajustar os ângulos”.



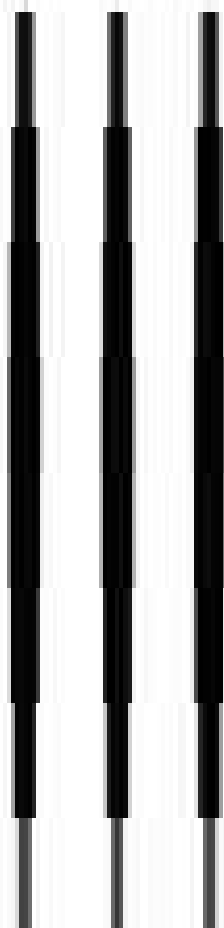
Ascético é uma palavra arruinada neste fim do século vinte. Screwtape, de C. S. Lewis, alertou seu demônio tentador Wormwood de que uma das maneiras mais eficazes de desacreditar a virtude é, primeiramente, arruinar a palavra: introduzir associações que alteram sutilmente nossas sensações e percepções para que a palavra não mais funcione da maneira como foi concebida.⁵ Os demônios lexicográficos do Braço Filológico de Nosso Pai Inferior fizeram um excelente trabalho em ascético. Agora, a palavra transmite uma imagem de definhado, masoquista, misantropo, misógino. Agora que a palavra está arruinada, os demônios não têm de se preocupar com provas ou argumentos. Quem de nós se agradaria se alguém nos chamasse de pastor ascético e, depois, o adjetivo se transformar em reputação? Pense no que isso significaria: ninguém nos convidaria a participar das frivolidades de uma festa ou das barbaridades vicárias de um jogo de futebol, ou mesmo se ofereceria para nos comprar um Big Mac no caminho para casa após uma reunião tarde da noite. Se fôssemos conhecidos como ascéticos — inacessíveis, não mundanos —, seríamos cortados da maior parte da raça humana; como, então, exerceríamos um ministério pastoral viável?

Todavia, ascético é a palavra de um atleta. Ela significa treinamento para a excelência. Ela é a prática das disciplinas que nos colocam em forma para termos o nosso melhor desempenho num evento. Poucas pessoas não se comovem ao ver um atleta com desempenho de nível mundial: vencendo uma corrida, quebrando um recorde, lançando, saltando ou mergulhando com uma precisão perfeitamente coordenada. Nossa admiração é espontânea ao vermos alguém ser excelente em um feito atlético. Toda ação desse tipo decorre de anos de comportamentos repetitivos que são a própria antítese da espontaneidade. Quando chega o momento do desempenho, os atletas bem treinados, todos ascetas, correm, arremessam ou saltam com intrepidez. Aplaudimos os resultados e admiramos (se pensamos nisso) as práticas de bastidores que os levam àquilo.

O desempenho atlético está na moda em nossos tempos; por isso, entendemos e aprovamos todo o processo que leva um homem ou uma mulher ao ouro olímpico. Suponha, porém, que daqui a algumas centenas de anos ele já não esteja em moda. Os regimes de treinamento que agora vemos com admiração pareceriam bastante diferentes. G. K. Chesterton especulou que um historiador futuro olharia para trás e escreveria que centenas e milhares de jovens, homens e

mulheres, do mundo todo “eram submetidos a uma espécie horrível de tortura religiosa. Eles eram proibidos... de consumir vinho ou tabaco durante certos períodos arbitrariamente fixados, que precediam certas lutas e festivais brutais. Fanáticos insistiam em que eles se levantassem da cama em horários inconvenientes e corressem violentamente por campos.”⁶ À medida que tais pontos de vista antipáticos sobre as disciplinas de formação de atletas fossem adotadas pela população em geral, as práticas seriam gradualmente negligenciadas e os excelentes desempenhos se tornariam cada vez menos frequentes.

Algo semelhante aconteceu à teologia ascética. As práticas de formação de nossos antepassados nas vocações pastorais não foram cuidadosamente observadas e depois descartadas porque foram comprovadas como inadequadas; a palavra foi arruinada. Isso praticamente garante que o significado não será examinado ou compreendido. Diabo inteligente.



Eu assumo como ponto pacífico que é fútil desafiar o diabo em seu próprio terreno. Ele é espertalhão. Se ele arruinou a palavra, provavelmente ela está arruinada sem qualquer possibilidade de recuperação. Então, em vez disso, estou usando essa metáfora extraída da matemática — “uma trigonometria do ministério” —, pela qual espero ser ouvido quanto às três práticas de formação que são básicas a todo trabalho pastoral: o ato de oração, a leitura da Escritura e a prática da direção espiritual. Sem essas práticas não pode haver solidez de desenvolvimento no trabalho pastoral. Sem um “asceta” adequado, o melhor dos talentos e a melhor das intenções não podem impedir a diluição de uma vida que se torna, em sua maior parte, uma personificação.

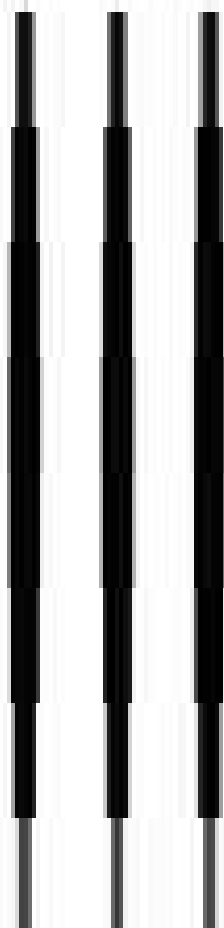
Se aos pastores dos EUA fossem feitas duas perguntas: “o que você pensa sobre Deus?” e “o que você deseja realizar como pastor?”, acredito que a maioria das respostas teria de ser julgada satisfatória. Mas, e se fizermos uma terceira pergunta: “Como você realiza isso? — que meios você utiliza para levar seus objetivos espirituais à existência em sua paróquia?”. Estou bem certo de que, neste ponto, as respostas variariam entre o caprichoso, o banal e o tolo. De modo geral, os pastores não perderam o contato com o melhor pensamento sobre Deus e não perderam o contato com os elevados objetivos da vida cristã, mas perderam o contato com a trigonometria do ministério, os ângulos, os meios pelos quais as linhas do trabalho se conectaram formando um triângulo, o trabalho pastoral. O pastor que não tem habilidade com os meios compra jogos, truques e programas sem fim, sob a ilusão de ser prático.

Então. Há uma teologia de ministério facilmente disponível. Temos um ministério bem-intencionado. Porém, temos uma tecnologia de ministério empobrecida. Martin Thornton nos diz que, quando termina de ler um livro sobre ministério, ele costuma encontrar as suas margens repletas de iniciais YBH: “Sim, mas como?”.⁷ Ideias formidáveis! Excelente pensamento! Percepções magníficas! Grandes metas! “Sim, mas como?”. Como eu realizo isso? Quais são os meios reais pelos quais eu realizo essa vocação pastoral, esse ministério ordenado, esse compromisso profissional com a Palavra de Deus e com a graça de Deus em minha vida e na vida das pessoas a quem eu prego e ministro os sacramentos, dentre as quais eu ordeno vida para os outros, em nome de Jesus Cristo? O que conecta essas grandes realidades de Deus e as grandes realidades da salvação à geografia desta paróquia e à cronologia desta semana? Dentre os mestres a quem consulto, a resposta não muda: uma treinada atenção a Deus na

oração, na leitura da Escritura e na orientação espiritual. Isso não foi julgado e rejeitado por não funcionar, mas sim julgado e considerado difícil (e bastante tedioso) — e, assim, arquivado em favor de uma ou outra coisa que poderia se encaixar na agenda de um pastor ocupado.

É comum, entre nós, ouvir essas áreas de atenção praticada a Deus nos três contextos fundamentais serem desprezadas sob a alegação “Eu não tenho aptidão alguma para esse tipo de coisa” ou “Meus interesses estão em outro campo”. O fato é que ninguém tem aptidão para isso. Trata-se de um trabalho árduo, um trabalho sem glamour. Passei uma quantidade considerável de tempo, durante boa parte de minha vida, entre praticantes de atletismo; nunca conheci alguém que gostasse de correr volta após volta ou fazer flexões. Entretanto, encontrei alguns que estavam determinados a vencer corridas e alguns que tinham um grande desejo de quebrar recordes. Eles aceitavam qualquer exercício que seus treinadores lhes davam para que seus corpos pudessem ter o melhor desempenho e, assim, atingir esses excelentes fins. Os treinadores do pastor são os teólogos espirituais/ascéticos. Eles operam ao longo de um amplo espectro de condições culturais e representam toda aptidão e temperamento concebível. Essas pessoas resistem à categorização, são impacientes com rótulos e fórmulas e, continuamente, nos pegam desprevenidos com uma surpresa após outra. Eles insistem em que “as almas não têm similares”,⁸ sejam pastores ou as pessoas com quem eles trabalham. Ainda assim, subjacente ao florescimento das espontaneidades está um consenso generalizado de que nenhum de nós consegue amadurecer em excelência sem uma persistência vitalícia de atenção treinada em Deus na alma, em Israel e na igreja, e no próximo enquanto nos esforçamos em nossa trigonometria de oração, Escritura e orientação espiritual.

Em sua maior parte, nada disso é muito empolgante. É muito mais divertido assistir alguém ir à Lua do que construir a máquina necessária para levá-la até lá. É muito mais desafiador pregar um sermão do que desenvolver a pessoa que o prega. É muito mais estimulante organizar e administrar com agradável resolução um programa paroquial do que viver durante semanas ou meses na incerteza, esperando pacientemente por uma clareza de visão. “Ajustar os ângulos” é o que fazemos quando ninguém está olhando. É repetitivo e, frequentemente, tedioso. É trabalho de operário, não de sacerdote.



Este não é um livro-texto que ensina uma “trigonometria do ministério”. Não estou escrevendo instrução formal nas áreas de oração, Escritura e orientação espiritual. Isso já foi e continua sendo bem feito por muitos outros. Minha intenção é mais modesta, mas não menos convincente: chamar a atenção de meus irmãos e irmãs de ministério pastoral para aquilo que todos os nossos antecessores concordaram ser básico na prática do nosso chamado; insistir em que o trabalho pastoral não tem integridade se desconectado dos ângulos de oração, Escritura e orientação espiritual; e oferecer reflexões e comentários oriundos do contexto de meu próprio trabalho. Dado que nenhum de nós vê com bons olhos conselhos dados a partir da segurança do lado de fora quando estamos no meio de um trabalho difícil, poderá ser importante dizer que tudo isso foi escrito “em campo” numa igreja de um só pastor.

primeiro ângulo

ORAÇÃO

I Histórias gregas e orações hebraicas

A grande quantidade de destruição em torno de nós é terrível: corpos destruídos, casamentos destruídos, carreiras destruídas, planos destruídos, famílias destruídas, alianças destruídas, amizades destruídas, prosperidade destruída. Nós desviamos os nossos olhos. Tentamos não pensar nisso. Assobiamos no escuro. Acordamos de manhã desejando saúde e amor, justiça e sucesso, construímos rápidas defesas mentais e emocionais contra o influxo de más notícias e tentamos manter as nossas esperanças. Então, algum tipo de acidente ou outra ocorrência coloca a nós, ou a alguém com quem nos importamos, numa pilha de destroços. Jornais documentam as ruínas com fotografias e manchetes. Nossos próprios corações e diários preenchem os detalhes. Há alguma promessa, alguma esperança isenta da carnificina geral? Parece que não.

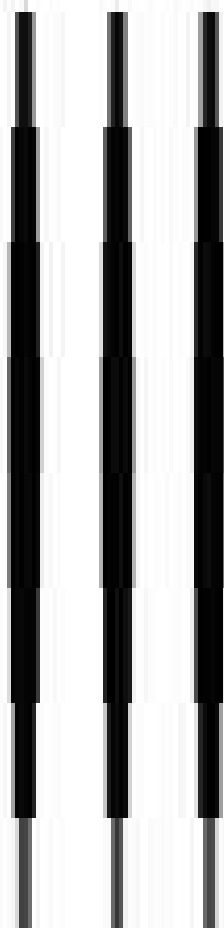
Pastores entram nessas ruínas e caminham nelas todos os dias. Por que o fazemos? E o que esperamos realizar nas ruínas? Após todos esses séculos, as coisas não parecem ter melhorado muito; pensamos que o esforço de mais um dia conterà a avalanche até o dia do juízo final? Por que todos nós não acabamos nos tornando cínicos? É pura ingenuidade o que impede alguns pastores de se lançarem em atos de compaixão, convidarem as pessoas a uma vida de sacrifício, sofrerem abusos para testemunhar a verdade, teimosamente repetirem uma velha história difícil de acreditar e muito negada de boas notícias em meio às más notícias?

Nossa conversa sobre um reino de Deus dentro de nós e entre nós, e nossa cidadania nele, é algo que pode ser interpretado como o “mundo real”? Ou estamos transmitindo um tipo de ficção espiritual análoga às ficções científicas que fantasiam um mundo melhor do que jamais viveremos? É o trabalho pastoral, em sua maior parte, uma questão de colocar flores de plástico na vida monótona das pessoas — tentativas bem-intencionadas de melhorar uma cena ruim, não totalmente sem uso, mas não real em qualquer sentido substancial ou vivo?

Muitas pessoas pensam assim, e a maioria dos pastores tem momentos em que pensa assim. Se pensarmos dessa forma com suficiente frequência, lenta, mas

inexoravelmente, começaremos a adotar a opinião da maioria e moldaremos o nosso trabalho a algo aceitável às expectativas de indivíduos para os quais Deus não é tanto uma pessoa quanto uma lenda; que supõem que o reino será maravilhoso após o Armagedom, mas será melhor trabalharmos agora mesmo no tocante aos termos que este mundo nos impõe; e que pensam que a Boa Nova é tão agradável quanto os versos contidos num cartão de felicitações, mas de modo algum tão necessária à vida quotidiana quanto um manual de computador ou uma descrição de cargo.

Dois fatos: o ambiente geral de destruição fornece estímulos diários e poderosos para que desejemos reparar e consertar o que está errado; a mente secular exerce uma pressão constante e implacável para reajustarmos nossa convicção do que é o trabalho pastoral, para que respondamos às condições terríveis à nossa volta em termos que façam sentido aos que estão horrorizados.



A definição inicial dos pastores, que nos é dada em nossa ordenação, é que o trabalho pastoral é um ministério de palavra e sacramento.

Palavra

Mas, na destruição, todas as palavras soam como “meras palavras”.

Sacramento

Mas, na destruição, que diferença podem fazer um pouco de água, um pedaço e pão e um gole de vinho?

Contudo, século após século os cristãos continuam a tomar certas pessoas de suas comunidades, separá-las e dizer: “Nós queremos que você seja responsável por dizer e representar, em nosso meio, aquilo em que acreditamos sobre Deus, o reino e o evangelho. Nós cremos que o Espírito Santo está entre nós e dentro de nós. Cremos que o Espírito de Deus continua a pairar sobre o caos do mal do mundo e o nosso pecado, moldando uma nova criação e novas criaturas. Cremos que, por sua vez, Deus não é um espectador divertido e alarmado com os destroços da história do mundo, mas um participante dela. Cremos que tudo, especialmente tudo que parece destroço, é material que Deus está usando para fazer uma vida de louvor. Cremos em tudo isso, mas não o vemos. Vemos, como Ezequiel, esqueletos desmembrados, esbranquiçados sob um impiedoso sol babilônico. Nós vemos muitos ossos que já pertenceram a crianças que riam e dançavam, a adultos que faziam amor e planos, a crentes que levavam suas dúvidas à igreja e ali cantavam seus louvores — e pecavam. Nós não vemos os dançarinos, os amantes ou os cantores — na melhor hipótese, temos apenas fugazes vislumbres deles. O que vemos são ossos. Ossos secos. Vemos pecado e julgamento sobre o pecado. Assim parece. Assim parecia a Ezequiel; assim parece a qualquer pessoa com olhos para ver e cérebro para pensar; e assim parece a nós.

“Mas nós cremos em outra coisa. Cremos que esses ossos se juntam formando seres humanos conectados, com tendões e músculos, que falam, cantam, riem, trabalham, creem e bendizem o seu Deus. Cremos que isso aconteceu da maneira como Ezequiel pregou e cremos que ainda acontece. Cremos que isso aconteceu em Israel e acontece na Igreja. Cremos ser parte do acontecimento ao cantarmos nossos louvores, escutarmos com fé a Palavra de Deus, recebermos a nova vida

de Cristo nos sacramentos. cremos que a coisa mais importante que acontece ou pode acontecer é não estarmos mais desmembrados, mas sermos lembrados no corpo ressurreto de Cristo.

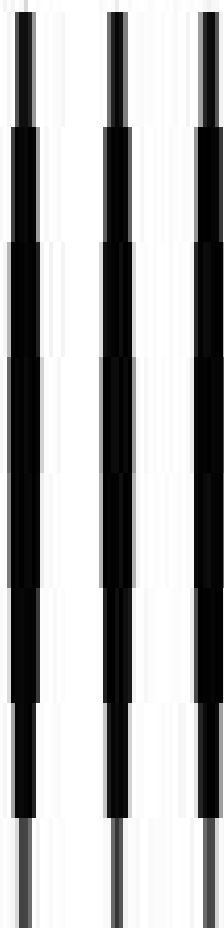
“Precisamos de ajuda para manter nossas crenças nítidas, precisas e intactas. Não confiamos em nós mesmos — nossas emoções nos seduzem a praticarmos infidelidades. Sabemos que somos lançados em um difícil e perigoso ato de fé e que existem fortes influências desejosas de dissolvê-lo ou destruí-lo. Queremos que você nos ajude: seja nosso pastor, um ministro de palavra e dos sacramentos, no meio da vida deste mundo. Ministre-nos com a Palavra e com os sacramentos em todas as diferentes partes e estágios de nossas vidas — em nosso trabalho e diversão, com nossos filhos e nossos pais, no momento do nascimento e no da morte, em nossas celebrações e tristezas, naqueles dias em que a manhã irrompe sobre nós num banho de luz do sol, e naqueles outros dias em que só garoa. Essa não é a única tarefa na vida de fé, mas é a sua tarefa. Nós encontraremos outro alguém para fazer as outras tarefas importantes e essenciais. Esta é a sua: Palavra e sacramento.

“Mais uma coisa: nós vamos ordená-lo a esse ministério e queremos o seu voto de que você o cumprirá. Esta não é uma atribuição de trabalho temporária, mas um modo de vida que precisamos que seja expressado em nossa comunidade. Sabemos que você está lançado no mesmo difícil empreendimento de crença no mesmo mundo perigoso em que nós estamos. Sabemos que as suas emoções são tão inconstantes quanto as nossas e que a sua mente pode enganá-lo tanto quanto as nossas. É por isso que vamos ordená-lo e exigir um voto seu. Sabemos que haverá dias e meses, talvez anos, em que sentiremos não estar crendo em coisa alguma e não quereremos ouvir isso de você. E sabemos que haverá dias, semanas e, talvez, anos em que você não terá vontade de dizê-lo. Não importa. Faça-o. Você está ordenado para esse ministério, fez voto a ele. Poderá haver momentos em que viremos a você como um comitê ou uma delegação e exigiremos que você nos diga algo mais do que isso que estamos lhe dizendo agora. Prometa, neste momento, que você não cederá ao que exigirmos de você. Você não é o ministro dos nossos desejos mutáveis ou da nossa compreensão, condicionada ao tempo, das nossas necessidades, nem das nossas esperanças secularizadas de algo melhor. Com esses votos de ordenação, nós o estamos atando firmemente ao mastro da Palavra e do sacramento, para que você seja incapaz de responder às vozes das sereias. Há muitas outras coisas a serem feitas neste mundo destruído e nós estaremos fazendo pelo menos algumas delas, mas, se não conhecermos os princípios básicos com que estamos trabalhando, as

realidades fundamentais com as quais estamos lidando — Deus, reino, evangelho —, acabaremos tendo vidas fúteis, fantasiosas. A sua tarefa é continuar contando a história básica, representando a presença do Espírito, insistindo na prioridade de Deus, falando as palavras bíblicas de mandamento, promessa e convite”.

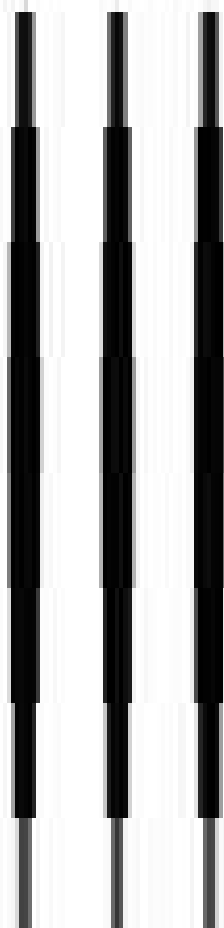
Isso, ou algo muito parecido com isso, é o que eu entendo que a igreja diz às pessoas que ela ordena para serem seus pastores.

Ainda assim, independentemente de quão impressionante seja o ritual ou de quão sinceramente os votos sejam feitos, continuamos tentando desatar as cordas que nos açoitam no mastro. Alguns de nós conseguem se soltar e responder a outras demandas. Quando as pessoas à nossa volta se esquecem dos termos da nossa ordenação, se esquecem de por que, em primeiro lugar, nos pediram para sermos pastores, e tentam nos envolver urgentemente em seu mais novo projeto, começamos a perder a confiança na autoridade do nosso próprio difícil ofício. Sentimo-nos excluídos da tendência dominante e, então, tentamos curar nosso sentimento de exclusão, obscuridade e frustração mergulhando numa ação que “fará diferença”.



Haverá algo a ser feito sobre isso, alguma coisa que nos manterá naquilo que nos propusemos a fazer e fomos separados para fazer? Se entrevistássemos nossos colegas pastores, como alguém faz de vez em quando, obteríamos uma variedade de respostas. Uma resposta — que, porém, seria previsivelmente rara — seria “oração”. Não quero dizer que a pesquisa mostraria que os pastores não oram, mas sim que eles não veem a oração como o ato central e essencial que mantém o trabalho pastoral fiel a si mesmo, centrado na Palavra e no sacramento. E se, porém, estendêssemos nossa enquete a todos os pastores que nos antecederam e lhes perguntássemos: “Qual é o ato pastoral mais importante para a manutenção da sua identidade?”? G. K. Chesterton disse que a tradição é a única democracia verdadeira, porque significa dar um voto aos seus antepassados.¹ Se contamos somente os votos dos que ainda estão vivos, estamos deixando a tomada de decisão para uma pequena minoria — uma minoria não muito distinguida nisso. Chesterton argumentou em favor de estender a franquia aos cemitérios. Quando fazemos isso, as cédulas indicando “oração” aparecem em maioria esmagadora. Durante os séculos de cristianismo, a maioria dos pastores esteve convencida de que a oração é o ato central e prioritário para manter a forma essencial do ministério para o qual eles foram ordenados.

Por que este século de pastores não está votando com a maioria? As condições mudaram tanto, em nossa época, que a oração não é mais apta a ser o ato formativo? Avanços na teologia mostraram que outras coisas são centrais e a oração está na periferia? Ou nos deixamos ser distraídos, desviados e seduzidos? Penso que deixamos. E penso haver uma história que mostra como isso aconteceu.



Ao tentarmos nos orientar na realidade, raramente teremos melhor opção do que pedir ajuda aos gregos. Os gregos viviam com paixão e inteligência. Eles tentavam entender o que significa viver num mundo em que as coisas estão sempre dando errado. Com suas imaginações maravilhosas, eles transformavam sua compreensão em histórias. Os gregos foram os melhores contadores de histórias que o mundo já conheceu. Nós continuamos a contar as suas histórias uns aos outros para nos localizarmos na condição humana. As histórias de Ulisses e Aquiles, de Édipo e Electra, de Narciso e Sísifo são como diagnósticos ao tentarmos nos orientar e manter nosso equilíbrio. A história que nos ajuda a compreender a perda da oração no trabalho pastoral é a história de Prometeu.

Ésquilo conta melhor essa história.² Segundo ele, a característica essencial do ser humano, nos primeiros dias de nossa raça, era que cada pessoa sabia o dia de sua morte. Ou seja, nós conhecíamos os nossos limites. A mortalidade não era uma vaga apreensão, mas uma data fixa no calendário. Em tal condição e com tal conhecimento, não havia incentivo para fazer muito mais do que existir. Além disso, os deuses eram caprichosos e brutais. Eles tinham o conhecimento de como as coisas funcionavam e os meios para realizá-las, mas não compartilhavam seu conhecimento, nem seus meios. Eles não eram nem generosos, nem justos. Eles mantinham todas as cartas importantes em suas próprias mãos. Então, para que tentar? A experiência humana básica é de mortalidade e tirania.

De alguma maneira, um dos deuses, Prometeu, se compadeceu de nossa situação e, conseqüentemente, irou-se com Zeus, o chefe dos deuses. Ele assumiu a responsabilidade de fazer algo para melhorar a condição humana. Ele fez três coisas que fariam diferença. Em primeiro lugar, ele “fez com que os mortais parassem de prever a desgraça”. Isto é, ele tirou o conhecimento do dia da morte, o senso de limites, a consciência da mortalidade. Libertado de uma debilitante percepção da desgraça, o ser humano poderia tentar qualquer coisa. Em segundo, ele “depositou neles esperanças cegas”. Prometeu instilou em homens e mulheres o incentivo para que se tornassem mais do que eles já eram, se estendessem, se ampliassem, a que fossem ambiciosos. Mas os incentivos eram cegos e sem direção, sem relação com qualquer realidade. E, em terceiro, Prometeu roubou fogo dos deuses e o deu à humanidade. Com esse presente, as pessoas foram capazes de cozinhar alimentos, fazer armas, queimar cerâmica. O mundo da tecnologia se abriu por inteiro.

Por esse ato, Prometeu nos colocou no caminho em que continuamos: descuidados de limites, estabelecendo nossos objetivos sem qualquer relação com as condições reais de nossa condição humana, e possuindo os meios técnicos para mudar as condições em que vivemos. Não temos de aceitar as coisas como elas são. As coisas podem ser melhores; nós temos os meios para realizar o que quer que desejemos fazer. O fogo forneceu a energia que se tornou a tecnologia — a máquina. Consequentemente, nós, seres humanos, não sabemos que somos humanos; em vez disso, pensamos ser deuses e agimos como deuses. Perdemos a consciência de nossa mortalidade. Perdemos a sensibilidade aos resultados de nossas ações. Isso não seria tão ruim se não tivéssemos fogo, o meio técnico para expressarmos nossas ilusões de divindade. No presente estado, temos a tecnologia dos deuses sem a sabedoria dos deuses, sem a antevisão dos deuses.

Zeus ficou furioso, é claro. Ele puniu Prometeu acorrentando-o a uma rocha numa montanha remota, exposto ao sol escaldante e à lua fria. Todos os dias, abutres o atacavam, rasgando suas entranhas, comendo seu fígado. Todas as noites, o fígado crescia de volta, pronto para o ataque voraz do dia seguinte. Prometeu não se arrepende. Ele trouxe o fogo à humanidade. Ele é desafiador. Ele sofre. A história é trágica. A vinda de fogo, iluminação e tecnologia à humanidade nos possibilita termos vidas civilizadas; ao mesmo tempo, é a fonte do sofrimento. O ato que nos possibilita subir acima de nossas vidas brutais é a causa de uma nova ordem de inimaginável sofrimento.

Prometeu: ousado, corajoso, compassivo, inteligente — elevando o padrão de viver, expandindo o escopo de viver, aprofundando os recursos para viver. Porém, atado: acorrentado à rocha que mostrava as consequências de tentar aprimorar a condição humana dando-nos ambição e ferramentas sem, ao mesmo tempo, nos dar antevisão e treinar-nos em autoconhecimento. Essa é a história da civilização ocidental: incrível progresso em coisas, desafiadoramente desatenta da natureza da nossa humanidade, sofrimento inimaginável de pessoas. Uma história poderosa. Uma história verdadeira. Werner Jaeger diz que o mito de Prometeu é a maior expressão da tragédia de nossa própria natureza.³

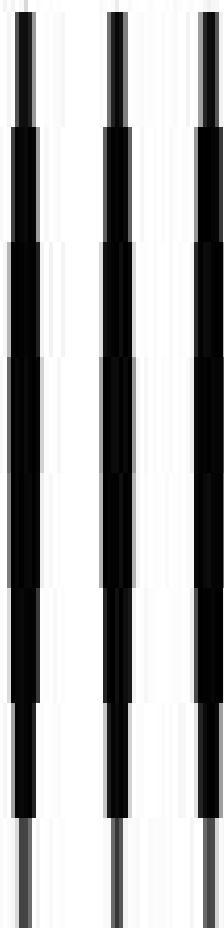
A história de Prometeu exhibe a condição humana como uma tragédia: assim é a vida. Ela não sugere uma solução. O poder da história é a percepção de que não há solução. Esse é o destino. O progresso da tecnologia está inevitavelmente relacionado a um aumento do ansioso sofrimento. Ocorre que nós não suportamos tragédia. Queremos soluções. A fantasia recorrente é que, com a

ajuda do computador, daremos um salto quântico tecnologicamente e resolveremos os problemas da era. Apenas um pouco mais de fogo dos deuses e faremos o mundo funcionar de modo perfeito. Vozes contrárias proclamam a solução antitecnológica: reduzir a tecnologia, aprender a viver dentro dos limites, reaprender o significado do dia de nossa morte, respeitar mais as pessoas do que as coisas — a maneira humanista.

Nossa era é muito prometeana. Talvez não mais do que eras anteriores, mas com a diferença de que a trágica história de Prometeu não é bem conhecida entre nós. As gerações anteriores a postavam como uma advertência. Elas contavam a história de Prometeu como um antídoto contra o espírito de Prometeu. A realidade da tragédia era mantida viva na consciência do povo por poetas e romancistas, filósofos e artistas. Mas os filósofos modernos abandonaram o que Platão definiu como a agenda da filosofia, especificamente o estudo da morte. As massas têm seu senso de realidade moldado por comerciais e publicitários que prometem longevidade sem dor. Nossa sociedade rejeita os artistas e escritores que aprofundam nossa consciência sobre as dimensões trágicas da existência. Os modernos criadores de mitos revisaram e condensaram a história de Prometeu e a contaram não como uma tragédia, mas como um triunfo. A versão expurgada leva o singular elemento de roubar fogo dos deuses, isto é, a inauguração de tecnologia, energia e ferramentas, e a celebra como uma porta de entrada para a utopia. As outras partes da história — amnésia referente à morte, ambição não dirigida, o renovado sofrimento diário que é uma consequência de viver sem sabedoria, desafiando nossa natureza humana — são eliminadas.

Com constrangimento, nossos ancestrais pastorais se opuseram a esse espírito de Prometeu e compreenderam seu trabalho como procedente de uma fonte muito diferente, da oração: cultivar um relacionamento repleto de graça com Deus, não desafiadoramente tramar uma rivalidade ambiciosa contra ele. Devido a essa atuação de fonte diferente, a morte foi vista de modo diferente. Houve momentos, de fato, em que o trabalho pastoral foi definido como preparar as pessoas para uma boa morte.⁴ Quando o espírito de Prometeu turvou ou eliminou uma consciência da mortalidade, a tarefa do pastor foi para trazê-la de volta ao foco. A consideração meditada da morte é importante porque ensina sabedoria: como viver como um ser humano, não como um deus; como viver dentro dos limites humanos, mas não além deles. “Ensina-nos a contar os nossos dias, para que alcancemos coração sábio”, exclamou o salmista (Sl 90.12). Em resposta, Lutero clamou: “Senhor! Que todos nós possamos ser aritméticos assim qualificados!”.⁵

Mas a velha frase “preparar para uma boa morte” foi expurgada do trabalho pastoral. Deixamo-nos ser cooptados na luta contra os limites, compromissados com elevar o padrão de vida: máquinas maiores, frango mais barato. Nós mesmos nos tornamos prometeanos — trabalhando numa boa causa, compassivamente ajudando as pessoas, mas utilizando de modo acrítico os meios oferecidos pelo mundo. Nossos motivos são dos melhores. Mas o esforço é desafiante, assertivo, tristemente compulsivo — uma luta contra o destino pelo bem dos seres humanos pobres, moribundos, desprovidos e ignorantes. E por que não devemos fazê-lo com os meios tão acriticamente aplaudidos e tão prontamente à mão? A tecnologia faz as coisas acontecerem e promete eliminar pobreza, dor, tédio. Quando alguém levanta a questão de que há mais pobreza, dor e tédio hoje do que nosso planeta já conheceu, o discurso é interrompido em menos de cinco minutos pelo anúncio esbaforido de algum avanço tecnológico incrível, e ficamos tão deslumbrados com o feito, que somos distraídos de perceber as consequências. Com as melhores intenções do mundo, mas as piores memórias, aderimos à luta para tornar a vida melhor para todos, com todos os meios disponíveis. Há tanto a fazer, há tantos limites a serem rompidos e não há, bem à nossa porta, uma tecnologia prometeana para nos ajudar a fazê-lo. Prometeu, é claro, não ora; há coisas demais a fazer e pouco tempo demais para fazê-las.



Ao mesmo tempo em que o espírito de Prometeu tem subvertido o trabalho pastoral, desvalorizando a ação formativa da oração, outro elemento está discretamente aliançado com ele. Esse elemento não é menos insidioso por ser menos conspícuo. A história de capa e espada de um deus grego dá conta do primeiro elemento de subversão; o trabalho livresco de um estudioso alemão dá conta do segundo, que envolveu uma reescrita da história hebraica de tal maneira que a oração foi excluída da ação.

O século passado experimentou uma reavaliação radical da história bíblica. Essa nova abordagem histórica teve sua origem entre os filósofos do Iluminismo dos séculos 17 e 18. Nesse grupo de homens letrados — liderados por Kant na Alemanha, Voltaire na França, Gibbon na Inglaterra — houve uma grande onda de curiosidade e entusiasmo por tudo que era terreno e humano, acompanhado por uma acentuada aversão a qualquer coisa divina e celestial. “Chega de especulação medieval sobre anjos e eternidade”, disseram eles. “A pauta urgente é quanto às mentes e os corpos das pessoas, como pensamos e nos comportamos, o que realmente fizemos na história”. No campo da história, tudo foi analisado com olhar crítico e cético, e reescrito com um rigor que tentou excluir mentiras de superstição, lenda, mito e propaganda. Anteriormente ao Iluminismo, a história havia sido escrita com algum tipo de esquema em mente. A história não era um mero relato, simplesmente anotando o que aconteceu, mas estava a serviço de Deus, da Nação ou da Moralidade. A história era escrita para mostrar Deus operando seus propósitos, ou o Destino operando algum princípio impessoal, ou a Moralidade em ação nos assuntos da raça humana, ou como esse rei era superior a todos os outros. A escrita da história variava entre os polos de propaganda e ingenuidade. Em torno do polo da propaganda, a história era escrita com tendenciosidade — provas eram buscadas e selecionadas para apoiar qualquer coisa favorecida pela causa moral, religiosa ou política. Em torno do polo da credulidade, tudo que era relatado ou fofocado — fantasmas, unicórnios, prodígios — era solenemente registrado por escrito. A história real também era escrita, é claro, mas adulterada com a propaganda e as fofocas — às vezes mais, às vezes menos, ninguém parecendo se importar muito com o mais ou o menos.

Nas décadas do Iluminismo, isso mudou. Os historiadores encararam com seriedade o fato bem conhecido de que as pessoas mentem muito e não param de mentir quando ocupadas com atividades literárias, acadêmicas ou religiosas. As pessoas inventam histórias para se fazerem parecer melhores e inventam

histórias para fazer seu deus ou deuses se parecerem melhores. Os novos historiadores perguntaram: “Como seriam essas antigas histórias se levássemos em conta essas tendências de propagandear uma causa e fofocar sobre o miraculoso, e sujeitássemos tudo a uma metodologia crítica que refugue as mentiras e meias-mentiras?”. Esse passou a ser o programa.

Uma das aplicações famosas do novo método foi a reescrita, por Edward Gibbon, da história do período final do império romano e do início do cristianismo. A visão aceita era de que o império romano caiu por um processo de desintegração moral, enquanto a Igreja ascendeu pela força de seu fervor moral e vida santa. A versão de Gibbon virou isso de cabeça para baixo. Ele escreveu a história para mostrar que a nobre vida romana foi enfraquecida pelo parasitismo cristão. Não foi o pecado o que colocou o grande império romano em declínio, mas a tolice religiosa. Quando as pessoas começaram a levar um deus mais a sério do que as suas próprias essências divinas, a grandiosa realização humana em que Roma havia beirado a perfeição se tornou em ruínas por pura negligência. Foi como se os proprietários de uma maravilhosa casa de campo que, durante várias gerações, melhoraram suas edificações e cultivaram suas terras com pródigo cuidado, de repente, comessem a ir ao hipódromo apostar dinheiro nos cavalos, perdendo o interesse por sua casa e terras, deixando-as cair em vergonhosa ruína. Exceto que, para os romanos, não foi o hipódromo e um cavalo o que os atraiu à irresponsabilidade; foi a Igreja e o Cristo.

Capítulo após capítulo da história antiga foi submetido a esses métodos críticos. Os benefícios foram numerosos: o conhecimento do que significa ser humano foi estendido para trás no tempo, ao longo de uma variedade de culturas e civilizações. Os resultados, porém, nem sempre foram tão verdadeiros ou tão factuais quanto pareciam à primeira vista. Às vezes, o novo historiador meramente substituiu um antigo viés ideológico por um novo, mas escapava da detecção imediata sob a cobertura da objetividade científica. Na época do Iluminismo, a “objetividade acadêmica” intimidou os leitores a uma aceitação acrítica, tanto quanto a “inspiração divina” fizera anteriormente.

No século 19, esses métodos foram levados a incidir sobre as partes históricas da Escritura. A crença de que as Escrituras eram divinamente inspiradas e, portanto, autoritativas, as havia isentado de exame histórico-crítico durante aproximadamente um século, mas chegou o tempo em que elas deixaram de estar isentas. Os novos acadêmicos diziam que não se devia tolerar que a

Escritura se escondesse por trás da doutrina. Ela foi intimada e levada a enfrentar o mesmo tribunal de inquérito dos documentos seculares. A meta era a verdade; se a fé cristã fosse verdadeira, não teria nada a temer e muito a ganhar empregando métodos cujo único objetivo era descobrir e descrever o que realmente aconteceu, em contraste com acontecimentos de que as pessoas se lembravam incorretamente, esperavam ansiosamente ou reorganizavam tendenciosamente.

O nome mais famoso dessa reconstrução da história bíblica é Julius Wellhausen. Como resultado de sua reconstrução, os salmos, as orações hebraicas, perderam sua importância central e acabaram na periferia da cena histórica. Até esse momento, os salmos haviam estado no epicentro de toda a atividade, por mostrarem os hebreus em ousada e vigorosa oração, respondendo ao Deus que estava moldando neles a salvação. Eles eram tomados com grande seriedade e prazer. Eles atraíram os melhores comentaristas. Eles forneciam uma linguagem para expressar toda a vida de adoração e todas as dimensões da experiência nas pessoas de fé. Em nenhum outro lugar as dimensões humanas da história bíblica eram vistas em tanto detalhe e profundidade como ali. A pessoa que orava era a pessoa respondendo, da detalhada concretude da condição humana, à totalidade da presença divina. Então, com uma penada, Wellhausen tirou os Salmos da ação, afastando-os das partes dinâmicas e criativas da história. Seu trabalho foi tão profundo, e o efeito cascata, de tão grande alcance, que o nome Wellhausen toma assento ao lado de Prometeu na responsabilidade pelo deslocamento da oração de seu centro anteriormente assegurado.

A reconstrução causada por Wellhausen descreveu a história hebraica em três fases. Na primeira fase, suas origens estão envoltas em meio à pré-história: o lendário Abraão tateou desajeitadamente seu caminho através de sombras da superstição e sacrifício de crianças. Cultos tribais brutos da Palestina, assassinos e fanáticos, gradualmente evoluíram em direção a uma aparência de civilização, pegando fragmentos de moralidade de seus avançados vizinhos egípcios e babilônicos. Desenvolviam-se histórias em torno de características físicas singulares da paisagem e de catástrofes naturais, dando-se-lhes uma inclinação moral ou espiritual. Interpretações de poderes divinos ou demoníacos eram transformados em narrativa. Ao longo dos séculos, desse caldeirão de nômades emergiu gradualmente algo semelhante a uma nação com inclinação a falar de Deus.

Então, desse ambiente pouco promissor, algo verdadeiramente espetacular

aconteceu: os profetas surgiram à luz da história. Emergiram é uma palavra muito branda — seria mais adequado dizer explodiram. Essa foi a segunda fase. Isaías e Amós, Oseias e Jeremias eram gigantes na terra, apaixonados em seu monoteísmo, urgentes em sua moralidade, com uma ardente visão de justiça. O mundo nunca havia visto algo parecido. Esses profetas caminhavam pelas cidades e pelo campo confrontando e denunciando, despertando o espírito humano para alturas morais sem precedentes e dando nova forma às ordens política, econômica e social. Isso era o melhor da religião, uma religião evoluída das ordens inferiores de superstição, lenda cultural e mito em direção a uma moralidade monoteísta madura.

A terceira fase veio após uma série de desastres militares e um terrível exílio deixarem os hebreus oprimidos e desmoralizados. Eles perderam toda a identidade política. O movimento profético perdeu força e decaiu. O incrível vigor se dissipou. Com o desaparecimento dos grandes profetas, uma lassitude espiritual dominou o povo. Ele declinou, tornando-se um povo que contava histórias dos bons e velhos tempos por meio de um filtro de nostalgia. De lendas antigas e lascas de memória histórica as pessoas formavam figuras heroicas no modelo profético: Abraão corajoso na fé, Moisés sábio e destemido, Davi lírico e durão. O que mais havia a fazer além de contar histórias? Bem, eles também poderiam orar. Então eles oravam. Eles haviam sido excluídos do palco da história; nada mais havia a fazer, senão orar. Contar histórias e orar. Os salmos são, então, as suas orações. Eles são o resíduo piedoso de uma fé antes vigorosa. A energia poderosa, apaixonada, transformadora da vida e reformadora da sociedade dos profetas já não mais existia; em seu lugar havia as orações patéticas de um povo outrora orgulhoso, velhos e criancinhas que cultivam uma piedade interior para compensar sua glória perdida e lembrada.

Em linhas gerais, essa é a história revista. Fase um, os primórdios numa pré-história de superstição bruta e tribos cruamente beligerantes, foi depois formulada em sagas e mitos. Fase dois, um brilhante florescimento da paixão moral nos grandes profetas. Fase três, um fraco desfecho em piedade derrotada e lamentosa, expressado nos salmos.

No fim do século, em 1899, Bernard Duhm publicou seu influente comentário sobre o Livro dos Salmos.⁶ Ele estabeleceu a data de todos eles durante o período dos macabeus (167-63 a.C.), com a única exceção do exílico salmo 137. A posição de Duhm foi apoiada pelo maior estudioso dos salmos da época, Hermann Gunkel e, desde então, aceita como óbvia e irrefutável.

Nenhum desses estudiosos tinha a intenção de algo desonesto em seu trabalho — a maioria deles era formada por homens piedosos que amavam os salmos. A maioria estava simplesmente seguindo os caminhos dos estudiosos iluministas, acriticamente convencidos de ser esse o caminho para a verdade. Eles não tinham a intenção de sabotar a vida de oração. Entretanto, a consequência não intencional foi que os salmos foram eficazmente removidos da ação. Em vez de serem vistos como a peça central no cultivo da fé, a escola de oração formadora de atos na qual homens e mulheres aprendiam a responder, com cada parte de seu ser, ao Deus que estava chamando toda a criação e redenção à existência, os salmos foram considerados devoções decrépitas de uma religião que se exaurira.

Com os salmos assim considerados historicamente, a oração em geral não escapou por muito tempo de um veredito semelhante. Se este for o lugar de oração no desenvolvimento histórico da nossa fé, não vai atrair um grande número de seguidores entre as pessoas que querem fazer algo sobre o que está errado com o mundo. A pessoa que prefere assistir e imitar é o profeta. A expressão mais vigorosa de um ministério bíblico é na pregação profética e confronto político, chamando as pessoas para dar conta nas ruas, desafiando a autoridade corrupta, falando conselho de Deus com paixão eloquente. Os salmos são agradáveis como letras de hinos e como lemas para tapeçarias. Ao fim do dia, a oração é útil para acalmar o espírito exausto e nos ajeitar para uma noite de descanso. Se a profecia é o filé com fritas da religião, a oração é um copo de leite quente para incentivar um sono tranquilo.

Se os pastores adotam conscientemente essa reconstrução Wellhausiana da história bíblica e sua consequente depreciação dos salmos como dinamicamente centrais para a vida de fé é discutível: os salmos e a oração são, de fato, marginais na educação e prática pastoral. Julius Wellhausen desempenhou um papel importante nessa marginalização. Nos EUA do século 20, o pastor profético de ação e o pastor gerencial são os modelos de ministério; o pastor de oração conduzindo as pessoas à adoração arranca, na melhor hipótese, um bocejo. Porém, Wellhausen não era a última palavra. Ele era um estudioso brilhante e muito do que ele fez continua a ser desenvolvido e complementado por outros estudiosos. Contudo, uma parte de seu trabalho, a reconstrução histórica, desmoronou totalmente. Isso aconteceu sem alarde e, ao que parece, muitos pastores não ouviram a notícia do desastre. Um detalhe totalmente inesperado, mas extremamente interessante disso é particularmente irrefutável para pastores e a Igreja em oração. Ele foi colocado em movimento quando o estudioso norueguês Sigmund Mowinckel adentrou o campo em que Wellhausen

e Gunkel haviam sido pioneiros. Ao mesmo tempo em que estava envolvido em seus estudos bíblicos, Mowinckel também estava trabalhando em um campo paralelo, mas não bíblico, estudando a adoração das tribos teutônicas primitivas. Os dois estudos juntos — os hebreus em oração e os teutônicos em oração — se mostraram catalíticos e resultaram na total derrubada do veredicto Wellhausiano. As conclusões negativas sobre os salmos — de que seu cenário histórico era tardio, que seu significado espiritual era inferior — foram demonstradas como absolutamente erradas. O trabalho de Mowinckel restaurou os salmos ao centro da ação.⁷

Ao estudar as orações teutônicas, Mowinckel percebeu que, nas sociedades primitivas da Europa, o papel da comunidade em oração era formativo em todos os demais acontecimentos. Quando as pessoas se reuniam para unir suas orações no ato de adoração, esse ato não casual, nem periférico, mas dramático e básico. “Ele abraçava toda a sociedade em suas garras poderosas, moldando ideias, instruindo valores e atuando como um cimento para unir a comunidade”.⁸ As orações das pessoas eram as coisas mais importantes que elas faziam. As orações tinham impacto profundamente pessoal e moldavam a vida da comunidade em sua história e cultura. O pioneiro em perceber isso e perceber sua importância foi o antropólogo dinamarquês Vilhelm Gronbech.⁹ Mowinckel aplicou essas visões à história hebraica primitiva e demonstrou que elas eram igualmente verdadeiras nesta.

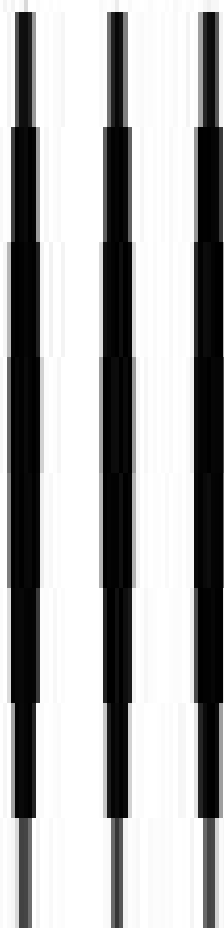
Isso levou a uma total inversão do julgamento dos estudiosos sobre o lugar dos salmos na vida de Israel. O trabalho de Wellhausen via a profecia como a fonte criativa em Israel, a qual, ao secar, deixou algumas poças de salmos. O trabalho de Mowinckel mostrou o oposto: os salmos eram o original poço artesiano, a oração e adoração das quais a profecia se desenvolvia. Os salmos, que haviam sido admirados por suas qualidades literárias — condenados, na verdade, com poucos elogios — e relegados a uma posição estritamente subordinada e secundária na história da religião, eram agora reconhecidos como básicos — a fonte do que mais nos impressiona em Israel. Ronald Clements resume a reviravolta: durante décadas, os salmos

foram considerados simplesmente como refletindo a tendência de piedade e esperança pessoal que floresceu quando os principais impulsos criativos da religião de Israel havia declinado. Porém, devido ao trabalho de Gunkel e

Mowinckel, os salmos foram elevados a uma nova posição de prioridade como testemunha das bases de culto e piedade subjacentes à formação dos livros históricos, bem como do fenômeno da profecia em Israel... uma posição notavelmente central.¹⁰

Em resumo, os Salmos fornecem a linguagem, as aspirações, a energia para a comunidade que se une em oração e, depois, chamam à existência e são formativos para as atividades de profetas, sábios e historiadores. Os salmos iniciam; os profetas seguem. A ação interior da oração tem precedência sobre a ação exterior da proclamação.

A implicação disso para o trabalho pastoral é simples: ele começa na oração. Qualquer coisa criativa, qualquer coisa poderosa, qualquer coisa bíblica, à medida que somos participantes dele, se origina na oração. Pastores que imitam a pregação e ação moral dos profetas sem também imitar a profunda oração e adoração dos profetas, tão evidentes nos salmos, são um embaraço para a fé e um estorvo para a igreja.



A história de Prometeu e a historiografia de Wellhausen são responsáveis pelo eclipse da oração dentre aqueles que querem fazer diferença num mundo arruinado. Porém, precisamos de mais do que uma responsabilidade; precisamos de uma estratégia para fazer algo a respeito. Para isso, não recorremos aos nossos antepassados culturais, os gregos, mas aos nossos ancestrais na fé, os hebreus. Os hebreus não estavam tão interessados em compreender a condição humana quanto estavam em responder à realidade divina. Seu esforço supremo era ouvir a Palavra de Deus, não contar histórias sobre deuses. Sua forma característica de discurso não era o mito, mas a oração. Eles eram profundamente compromissados com um modo de vida centrado nos atos de Deus.

Havia algo a ser feito quanto à condição humana; não era primariamente o que homens e mulheres tentavam, mas o que Deus está fazendo. Para entrar naquela ação, eles oravam. Seu propósito não era entender o que estava acontecendo na raça humana, mas, com Deus, ser uma parte do que estava acontecendo. Os gregos eram peritos em compreender a existência segundo um ponto de vista humano; os hebreus eram peritos em estabelecer a existência humana em resposta a Deus. Enquanto os gregos tinham uma história para cada ocasião, os hebreus tinham uma oração para cada ocasião. Para os pastores, as histórias gregas são úteis, mas as orações hebraicas são essenciais. Oração significa que nós lidamos primeiramente com Deus e, depois, com o mundo. Ou que nossa primeira experiência com o mundo não é um problema a ser resolvido, mas uma realidade na qual Deus está atuando.

As histórias gregas são as melhores histórias do mundo, interessantes e precisas. Elas relatam a nossa condição — mas não a alteram ou sequer prometem que ela pode ser alterada. Entretanto, como disse Karl Marx, o grande profeta herege hebraico do século passado, a questão não é compreender a história, mas transformá-la. Se estamos empenhados em recuperar nossa integridade original, isso ocorrerá por meio de uma recuperação da oração. Se ignoramos a oração ou nos permitimos debandar para outras atividades que não sejam a oração, acabamos no trágico impasse tão exatamente descrito pelo mito de Prometeu.

II Orando segundo a Bíblia

A oração é um empreendimento ousado em discurso que justapõe nossas palavras às palavras nitidamente vivas que penetram e dividem alma e espírito, juntas e medulas, expondo impiedosamente todos os pensamentos e intenções do coração (Hb 4.12-13; Ap 1.16). Se tivéssemos mantido nossa boca fechada, não nos teríamos exposto de maneira tão implacavelmente temível. Se tivéssemos nos contentado com falar às mulheres, aos homens e às crianças da vizinhança, poderíamos ter tido sucesso no uso de palavras, de maneira que os fariam pensar bem de nós, ao mesmo tempo em que esconderiam o que preferimos manter para nós mesmos. Porém, quando nos aventuramos em oração, cada palavra pode, a qualquer momento, vir a ter seu significado exato e nos envolver com um Deus santo que deseja a nossa santidade. Tudo com que havíamos contado era uma conversinha religiosa, um pouco de fofoca espiritual e, de repente, estamos envolvidos em algo eterno, sem pretender e sem ter calculado as consequências.

É por isso que muitos dos antigos mestres aconselham cautela: seja lento para orar. A oração não é algo a ser empreendido com leviandade. Quando oramos, estamos usando palavras que nos aproximam de palavras que despedaçam cedros, fazem tremer o deserto, retorcem os carvalhos [NVI] e desnudam florestas (Sl 29.5-9). Quando oramos, usamos palavras que podem muito bem nos deixar trêmulos, com a alma despedaçada, prostrados: "... ai de mim! Estou perdido! Porque sou homem de lábios impuros..." (Is 6.5). Quando oramos, temos uma probabilidade acima da média de acabarmos num lugar onde, definitivamente, nunca quisemos estar, protestando irados, preferindo a morte ao tipo de vida no qual Deus insiste, temerariamente, em nos lançar: "Peço-te, pois, ó

Senhor

, tira-me a vida, porque melhor me é morrer do que viver" (Jn 4.3). Queremos a vida nas nossas condições, não nas condições de Deus. Orar nos coloca em risco de nos envolvermos nas condições de Deus. Seja lento para orar. Na maioria das vezes, orar não nos dá o que queremos, mas o que Deus quer, algo muito diferente do que concebemos ser do nosso melhor interesse. E, quando

percebemos o que está acontecendo, frequentemente é tarde demais para voltar atrás. Seja lento para orar.

Sabendo de tudo isso — que a oração é perigosa, que ela transforma nossa linguagem em potências às quais não estamos acostumados e para as quais estamos despreparados —, continuamente me intriga que tanta oração soe tão hesitante e que, frequentemente, a oração seja tão absolutamente banal. A hesitação e a banalidade podem ser tão comuns em pastores quanto nos leigos, mas são mais evidentes em pastores, mais frequentemente expostos ao público.

Pergunta: Como ocorre que uma linguagem utilizada em seu máximo poder saia de bocas pastorais inerte e insípida?

Resposta: Ela foi arrancada do solo da Palavra de Deus. Essas assim chamadas orações são palavras de flores de corte, dispostas em pequenos vasos para decorações de mesa. Enquanto recebem artificialmente alimento dum recipiente de água, eles dão um toque de beleza. Mas não por muito tempo: logo elas murcham e são descartadas. Flores assim são, frequentemente, usadas como a peça central de uma mesa de jantar. Elas são lindas nesses cenários, mas nunca são confundidas com o verdadeiro interesse da mesa: a carne e as batatas que prometem barrigas cheias e calorias para um dia de trabalho árduo.

Em virtude do nosso trabalho e daquilo que os outros pensam ser o nosso trabalho, os pastores são rotineiramente chamados a orar de maneiras cerimoniais e decorativas. Abrimos reuniões com oração. Lideramos a oração de congregações. Às vezes, começamos o dia com oração. Quando somos convidados a participar de assuntos comunitários — formaturas escolares, celebrações patrióticas, consagração de construções civis —, nossa tarefa habitual, fazer a invocação, recebe o maior destaque nas programações impressas. A oração faz as coisas começarem com o pé direito. No decorrer de nosso trabalho diário, somos repetidamente envolvidos em fazer orações nestes contextos “iniciais”: nasce uma criança e oramos em ação de graças pela vida que está se iniciando; no hospital, oramos em petição quando o médico inicia uma cirurgia; uma pessoa começa a declinar para a morte, o fim que é também um início, e somos chamados para orar. Temos a impressão de que essas orações, colocadas, como são, como primeiro item nas agendas, feitas no início dos programas, associadas a todos os tipos e condições iniciais, tanto pessoais quanto públicas, são o ato básico, a primeira palavra no assunto.

Porém, as aparências enganam e, à medida que estamos enganados, nossas orações carecem de solo para enraizamento e obtenção de nutrientes. A classe dos pastores contribui enormemente para a quantidade de enganados. Por que eles não são sensatos? Por que são tão facilmente enganados? É vaidade ou ignorância o que os coloca nessas posturas de pomposidade banal? Em qualquer dos casos, a cura é o transplante do solo pedregoso cheio de ervas daninhas da tagarelice religiosa para o solo da Palavra de Deus.

As aparências enganam: a oração nunca é a primeira palavra, mas sempre a segunda. Deus tem a primeira palavra. A oração é uma fala que responde; ela não é primariamente “petição”, mas “resposta”. Essencial à prática da oração é perceber plenamente essa qualidade secundária. Isso é especialmente importante na prática pastoral da oração, já que os pastores são tão frequentemente colocados em posições nas quais parece que nossas orações têm uma energia iniciadora, as palavras sagradas que legitimam e abençoam a prosa secular do trabalho de uma comissão, de uma discussão da comunidade, de sarar de uma enfermidade ou de crescer.

Uma das indignidades a que os pastores são rotineiramente submetidos é serem abordados, quando um grupo de pessoas está se reunindo para uma reunião ou uma refeição, com o pedido: “O reverendo poderia iniciar com uma pequena oração?”. Seria maravilhoso se combatêssemos rugindo a resposta dos sonhos de William McNamara: “Não! Não há pequenas orações! A oração entra na cova do leão e nos coloca diante do sagrado, onde é incerto se voltaremos vivos ou sãos, porque ‘horrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo’”.¹

Não estou prescrevendo grosseria: o rugido não tem de ser audível. Estou insistindo em que o pastor que, por indolência ou ignorância, é educadamente complacente com pedidos da congregação ou comunidade por orações de flor de corte, perde seu chamado. A maioria das pessoas que encontramos, dentro e fora da igreja, pensa que as orações são pistolas de largada inofensivas, mas necessárias, que disparam cartuchos de festim e põem as coisas em movimento. Elas supõem que a “ação real”, como elas a chamam, está nas “coisas em movimento” — projetos e conversas, planos e desempenhos. Temos um ultraje e uma blasfêmia quando os pastores ajustam sua prática de oração para acomodar essas futilidades.

A ironia de tudo isso é que, ao colocar a oração no aparente primeiro lugar, contribuímos para a sua real diminuição. Ao proferir uma oração para “colocar

as coisas em movimento”, legitimamos e abençoamos um escasso e imaturo secularismo — todos agora estão livres para seguir seu próprio caminho, sem mais pensar em Deus. “Isso, pelo menos, não mais atrapalha; agora podemos prosseguir para as coisas importantes que requerem a nossa atenção. Agradamos a Deus com nossa piedade e estamos livres para continuar com as coisas que nos dizem respeito”.

Os pastores não são responsáveis por criar esse estado de coisas, mas quando o perpetuamos com nossa complacência, nos tornamos culpados. No momento em que percebemos a extensão de nossa responsabilidade, precisamos fazer algo a respeito. O que nós fazemos?

Fazemos o óbvio: restauramos a oração ao contexto na Palavra de Deus. A oração não é algo em que pensamos para atrair a atenção de Deus ou o seu favor. A oração é um discurso de resposta. A primeira palavra é a palavra de Deus. A oração é uma palavra humana e nunca é a primeira palavra, nunca a palavra primária, nunca a palavra iniciadora e formadora, simplesmente porque nunca somos os primeiros, nunca os primários. Não honramos a oração tratando-a como algo que ela não é, mesmo quando esse algo é, como supomos, sagrado e exaltado. O que fazemos, de fato, é transformar a oração em um ídolo verbal. Então, ela se torna uma ferramenta que realiza nossa diminuição e, talvez, até mesmo nossa condenação. Uma vez que, em virtude de nosso trabalho pastoral, com tanta frequência nos encontramos em situações nas quais todos ao redor estão bastante certos de que a oração é, ou pelo menos deveria ser, a primeira palavra, precisamos desenvolver em nós mesmos os meios para uma plena e contínua consciência de sua qualidade secundária, seu caráter de resposta. Caso contrário, derivamos inconscientes para a idolatria verbal e suas consequentes degradações. Precisamos de avisos repetidos e contundentes: a primeira palavra está em toda parte e é sempre a palavra de Deus para nós, não a nossa para ele. Uma atenção vigilante é necessária para manter nossas armas afiadas contra essas orações bárbaras que são solicitadas e preferidas por quase todas as pessoas que encontramos.

Nós afiamos nossa atenção em Gênesis. Na criação, Deus tem a primeira palavra. Gênesis descreve a obra da criação “no princípio” por meio da fala: “Disse Deus: Haja luz; e houve luz”. A palavra é repetida: Disse Deus... Disse Deus... Disse Deus... Disse Deus... As repetições são arquitetônicas. Ao longo dos seis dias da criação, nove vezes é pronunciada a frase *vayomer elohim*, “Disse Deus”. A palavra que Deus fala origina, inicia, forma, fornece, ordena,

comanda e abençoa.

A palavra de Deus é o meio criativo pelo qual tudo vem à existência. A palavra de Deus constitui a total realidade em que nos encontramos. Tudo o que vemos e sentimos, e com que lidamos — mar e céu, bacalhaus e rouxinóis, sicômoros e cenouras — se origina por meio dessa palavra. Tudo, absolutamente tudo, foi trazido à existência pelo falar. “Pois ele falou, e tudo se fez; ele ordenou, e tudo passou a existir” (Sl 33.9).

Isso se aplica igualmente à obra paralela de Deus, a redenção. Ao reescrever magistralmente Gênesis, João escreveu: “No princípio era o Verbo... E o Verbo se fez carne...”. O evangelho explica em detalhe Jesus trazendo a salvação à existência pelo falar: repreendendo o caos dos demônios, livrando homens e mulheres da condenação chamando-os pelo nome a uma vida de discipulado, derrotando o tentador com citações da Escritura, ordenando curas, usando palavras de bênção para alimentar e ajudar. A palavra é tão fundamental na obra da salvação quanto na obra da criação. Tudo que está fora de nós tem origem na palavra de Deus, e assim também ocorre com tudo que está dentro de nós. Não podemos estar por trás da palavra de Deus. Não há revelação humana, desejo humano ou grito humano anterior a essa palavra de Deus. Não há grande abstração ou grande verdade por trás ou pregressa a essa palavra. Onde quer que olhemos, onde quer que sondemos, onde quer que escutemos chegamos à palavra — e é a palavra de Deus, não a nossa.

Por mais óbvia que seja na Escritura, essa massiva e esmagadora preeminência da fala de Deus às nossas orações não é imediatamente óbvia para nós, simplesmente porque somos muito mais conscientes de nós mesmos do que de Deus. Somos muito mais autoconscientes do que conscientes de Deus; por isso, quando oramos, aquilo de que somos comumente conscientes é que estamos tendo a primeira palavra com Deus. Porém, nossa consciência mente.

Por isso, é necessário esforço — esforço repetitivo, imaginativo, biblicamente formado — para adquirirmos e mantermos nossa consciência dessa inqualificável e total anterioridade do falar de Deus para tudo e qualquer coisa que saia de nossas bocas.

Nossa experiência pessoal em aquisição de linguagem é congruente com o testemunho bíblico e fornece um laboratório acessível e barato para o exame de Gênesis e João. Devido a termos aprendido a linguagem tão cedo em nossas

vidas, não temos uma memória clara do processo, mas, ao observarmos nossos próprios filhos aprendendo a falar, facilmente confirmamos o óbvio: a linguagem é falada para entrar em nós; nós aprendemos um idioma ouvindo-o ser falado. No nascimento, somos mergulhados num mar de linguagem. Nadamos em palavras. Somos embebidos em substantivos e verbos. Gradualmente, percebemos que algumas dessas palavras são dirigidas a nós — palavras direcionadas pessoalmente que denominam, amam e confortam. Depois, lentamente, sílaba por sílaba, adquirimos a capacidade de responder: mamãe, papai, garrafa, cobertor, sim, não. Nenhuma dessas palavras foi uma primeira palavra. Centenas de milhares de palavras, durante dias, semanas e meses, nos foram ditas antes de começarmos a responder, a falar as nossas próprias palavras. Toda a fala é uma fala de resposta. Todos nós ouvimos falar antes de começarmos a falar.

Essa linguagem que aprendemos é imensamente complexa. É uma maravilha contínua nos tornarmos aptos tão cedo em selecionar, combinar e variar todos os elementos de som e silêncio, gestos e gritos, risos e lágrimas em respostas adequadas a mais e mais pessoas que estão dizendo mais e mais coisas a nós. Em algum momento, nos encontramos respondendo a Deus; a maneira habitual de descrever esse uso da linguagem é a palavra oração. A oração é a linguagem usada para responder à maior parte do que nos foi dito, com o potencial para dizer tudo que está em nós. A oração é o desenvolvimento da fala em maturidade, da linguagem em processo de ser adequado para responder àquele nos tem falado mais abrangentemente — especificamente, Deus. Dito isso, fica claro que a oração não é um uso restrito da linguagem para ocasiões especiais, mas o uso mais amplo da linguagem, no qual tudo o que é verdadeiramente humano em nós — todas as partes de nossa criação e salvação — atinge sua expressão madura. Porém, vivemos numa cultura que tem pouco interesse nessa linguagem. Vivemos numa sociedade em que a linguagem está sendo constantemente corroída e reduzida.

Pergunta: Aonde podemos ir para aprender nossa linguagem à medida que ela se desenvolve para atingir a maturidade, à medida que ela responde a Deus?

Resposta: Aos salmos.

A grande e disseminada universidade que hebreus e cristãos frequentaram para aprender a responder a Deus, aprender a orar, foram os salmos. Mais pessoas já aprenderam a orar matriculando-se nos salmos do que de qualquer outra

maneira. Os salmos eram o livro de orações de Israel; eles eram o livro de orações de Jesus; eles são o livro de orações da Igreja. Em momento algum, nos séculos hebreus e cristãos (com a possível exceção de nosso século 20), os salmos não estiveram bem no centro de todo o interesse e a prática de oração.

Há um grande fato sobre os salmos que exige aviso antes de passarmos à sua real leitura e oração — sua disposição. Cento e cinquenta salmos estão organizados em cinco livros. A disposição é impossível de não perceber, mas, como muitas outras coisas óbvias, porém familiares, comumente não a percebemos. Perceba é o que é necessário: a disposição em cinco livros estabelece as condições em que oraremos, moldando um contexto canônico para a oração. Se ignorarmos ou esquecermos essas condições e contexto, quase nada do que obteremos estará certo. Cientes das condições e do contexto nunca estaremos demasiadamente errados. A importância da disposição em cinco livros precisa ser enfatizada. Ela não é uma questão menor e incidental de ajustes editoriais, mas uma importante questão de orientação para que a oração seja aprendida corretamente como fala humana de resposta à fala peticional de Deus, e não seja confundida ou mal interpretada como a fala inicial.

A separação em cinco livros é realizada por uma fórmula litúrgica padrão com variações. A primeira ocorrência da fórmula vem após o salmo 41:

Bendito seja o

Senhor

, Deus de Israel, da eternidade para a eternidade! Amém e amém!

(41.13)

A segunda ocorrência reúne os salmos 42 até 72 num segundo livro. A primeira sentença de bênção é idêntica e o duplo amém final é idêntico, mas o centro é expandido. Uma nota adicional de rodapé afirma que isso conclui a parte davídica do Saltério.

Bendito seja o

Senhor

Deus, o Deus de Israel, que só ele opera prodígios. Bendito para sempre o seu glorioso nome, e da sua glória se encha toda a terra. Amém e amém! Findam as orações de Davi, filho de Jessé.

(72.18-20)

Os salmos 73 até 89 são ligados no terceiro livro pela fórmula litúrgica abreviada ao estritamente essencial:

Bendito seja o

Senhor

para sempre! Amém e amém!

(89.52)

A fórmula que liga os salmos 90 até 106 num quarto livro começa de modo idêntico, mas depois é intensificada. O duplo amém da fórmula é expandido em “... e todo o povo diga: Amém!” e o costumeiro amém final é substituído por “... Aleluia!”.

Bendito seja o

Senhor

, Deus de Israel, de eternidade a eternidade; e todo o povo diga: Amém! Aleluia!

(106.48)

O término do quinto livro é uma dupla conclusão. Ele liga os salmos 107 até 150 num livro, mas faz mais, terminando o próprio Saltério. Para atingir esse objetivo, a fórmula habitual (“Bendito... Amém”) é abandonada e uma nova é formada por “Aleluia” como mais adequada a essa obra maior. A palavra Aleluia foi introduzida na quarta conclusão como um suplemento para o Amém padrão. Agora, o Aleluia o substitui. A mudança de Amém para Aleluia emoldura as grandes afirmações Amém dos quatro primeiros livros em direção a uma conclusão celebrativa para o Saltério de cinco livros. Essa grande celebração rompe os limites da fórmula litúrgica e explode em cinco salmos de aleluia (146-150), um para cada “livro” do Saltério. Cada um desses cinco salmos finais começa e termina com Aleluia. Entre os Aleluias delimitadores, um novo conteúdo de louvor é introduzido e diversas dimensões de louvor são desenvolvidas. O último salmo, o 150, não só começa e termina, mas apoia cada frase no Aleluia: louve ao

Senhor

, louvai a Deus, louvai-o... treze vezes — uma salva de aleluias, explodindo de alegria.

Aleluia! Louvai a Deus no seu santuário; louvai-o no firmamento, obra do seu poder. Louvai-o pelos seus poderosos feitos; louvai-o consoante a sua muita grandeza. Louvai-o ao som da trombeta; louvai-o com saltério e com harpa. Louvai-o com adufes e danças; louvai-o com instrumentos de cordas e com flautas. Louvai-o com címbalos sonoros; louvai-o com címbalos retumbantes. Todo ser que respira louve ao

Senhor

. Aleluia!

É suficientemente claro que um editor ou comitê editorial operou aqui. Durante todo o Saltério há sinais reveladores de coleta e arranjo.² Uma enxurrada de novas evidências, mostrando a extensão e a vitalidade dessa obra, chegou neste

século a partir dos textos de salmos descobertos nas cavernas de Qumran, popularmente chamados Manuscritos do Mar Morto. Provavelmente, essa obra editorial prosseguiu durante, pelo menos, alguns séculos. Toda essa atividade editorial é uma evidência de que a oração estava recebendo muita atenção em Israel. Fornecer os meios pelos quais as pessoas eram ensinadas e treinadas em oração, responder a seu Deus a partir das realidades específicas de suas vidas estava no topo da agenda, compartilhando o primeiro lugar com os meios para ouvir a própria palavra. Porém, a única parte inequivocamente clara dessa obra editorial inspirada é a sua edição final, onde essas fórmulas finais ficam óbvias e definitivas. As orações de Israel são agrupadas em entidades; os grupos (“livros”) são claramente separados um do outro. Eles são contados em separado. Finalmente, chega o fim. A quinta conclusão é um grand finale. Contamos cinco livros; não haverá outros.

Por quê? Parece muito que essas orações estão dispostas em cinco livros para corresponderem aos cinco primeiros livros da Bíblia, a Torá, contrastando e conectando o enunciado divino (Torá) com a resposta humana (salmos).³ Christoph Barth chama isso “a resposta quántupla da congregação à Palavra de Deus nos cinco livros de Moisés”.⁴ Frequentemente, o modo como algo nos é dito é tão importante quanto o que é dito. O modo pode comunicar tanto quanto o conteúdo. Isso certamente se aplica aqui. O cuidado e a arte empregados para moldar o modo quántuplo do Saltério atraindo muito mais atenção hermenêutica do que normalmente lhe é dada. Quando os pastores ponderam e atentam a isso, descobrimos estar surpreendentemente bem defendidos contra pelo menos uma das principais doenças debilitantes da oração.

Os hebreus dividiram suas Escrituras em três grandes grupos. A Torá, os cinco primeiros livros da Bíblia, foi considerada o discurso primário de Deus. Tudo que Deus queria dizer a nós foi dito na Torá. A Torá é a Bíblia básica; tudo que se segue na Escritura é derivado dela. O próximo grande grupamento, os Profetas (nebiim), apresenta a Torá nas circunstâncias históricas em transformação ao longo dos séculos. O terceiro grupamento, os Escritos [livros históricos e sapienciais] (kethubim), reúne as respostas humanas à Palavra divina ouvida na Torá e vivenciada nos Profetas. Às vezes, essas respostas são argumentativas, como em Jó; às vezes, reflexões sábias, como em Provérbios; mas, em sua maior parte, elas são orações, como nos salmos. Os salmos dominam os Escritos e fornecem a principal documentação para o que significa responder “das profundezas” ao Deus que fala ao seu povo. Atanásio, o teólogo e bispo egípcio do século 4º, destacou o propósito singular dos salmos na Bíblia:

a maior parte da Escritura fala a nós; os salmos falam por nós.⁵

A disposição dos Salmos em cinco livros é, portanto, estratégica: para cada palavra que Deus fala a nós deve haver uma palavra de resposta de nós. Nenhuma palavra de Deus pode ficar sem resposta. A palavra de Deus não está completa simplesmente por ser proferida; ela precisa ser respondida. Para os cinco livros da palavra criativa/salvífica de Deus para nós há cinco livros de nossa palavra de crença/obediência a Deus. Cinco correspondendo a cinco, como os dedos de duas mãos entrelaçadas.

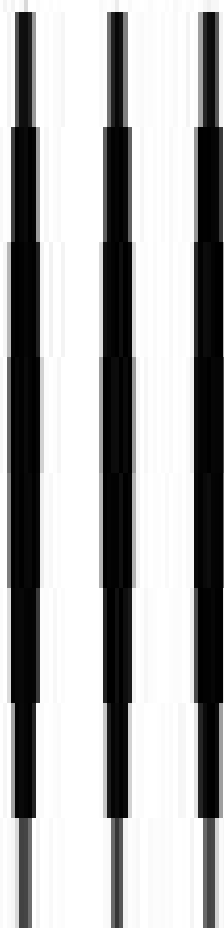
Porém, quando damos o próximo passo e começamos a procurar respostas dos salmos específicas para os discursos da Torá, ficamos patinando. Não há qualquer correspondência aparente de assunto entre os dois agrupamentos. A Torá progride em ordem cronológica desde Adão até Moisés. Os salmos são aleatórios e misturados, não correspondendo a algo específico da Torá. Também não há qualquer outro esquema de disposição, como, por exemplo, temático, em que vários salmos são agrupados — salmos de louvor, de lamento, confissões etc. Cada um dos cinco livros contém todos os tipos de orações agrupadas, muito aleatoriamente. Há alguns subgrupos discerníveis: o Livro 2 tem um aglomerado de salmos que correspondem às circunstâncias históricas da vida de Davi; o Livro 3 tem salmos atribuídos a Asafe e Corá, ligados à adoração pública; o Livro 5 tem a notável sequência de salmos associados à peregrinação ao templo. Não obstante, em cada um dos cinco livros também estão incluídos todos os demais tipos de salmos.

Parece muito que essa ausência de disposição interna é tão deliberada quanto a disposição externa em cinco livros. A razão disso é simples: aqui não há respostas padrão de catecismo, pelo simples motivo de essa não ser a maneira como ocorre a comunicação entre pessoas vivas. A vida que Deus chama à existência em nós é enormemente diversa e infinitamente complexa. Respostas mecânicas não são adequadas à deslumbrante criatividade do discurso apresentado a nós pela Palavra de Deus. O que é necessário em nós não é aprendermos uma resposta específica para uma fala específica, mas adquirirmos habilidade em linguagem pessoal que seja precisamente sensível ao que ouvimos Deus dizer a nós por sua palavra, na Escritura, e em Cristo, em nossas situações mutáveis e nossos diversos níveis de fé. Nós precisamos de um vocabulário e uma sintaxe que sejam suficientemente pessoais e adequadamente abrangentes para responder a tudo o que Deus diz, onde quer que o ouçamos em cada fase de desenvolvimento da nossa peregrinação por todo o espectro de nossas vidas.

Assim, o salmo 1 não é a resposta de oração padrão para Gênesis 1, nem o salmo 2 para Gênesis 2. O que o salmo 1 faz é apresentar-nos palavras e ritmos que nos fornecerão os meios para responder a Êxodo 16 em um dia e a Deuteronômio 4 em outro. Eu li Números 22 de uma maneira quando era um estudante de 17 anos de idade, de outra maneira quando um pastor de 45 anos, com precisão nas duas vezes. Porém, minhas respostas só foram precisas quando falaram uma obediência e fé oriundas de um presente real perfeitamente pessoal e físico. Eu preciso de uma linguagem que seja suficientemente grande para manter continuidades, suficientemente flexível para expressar nuances ao longo de toda uma vida que abrange experiências de criança e de adulto, e suficientemente corajosa para explorar todos os países de pecado e salvação, misericórdia e graça, criação e aliança, ansiedade e confiança, incredulidade e fé que compreendem a condição humana continental. Os salmos são essa linguagem grande, flexível e corajosa. João Calvino chamou aos 150 salmos uma “anatomia de todas as partes da alma”.⁶ Tudo que uma pessoa pode sentir, vivenciar e dizer é levado à expressão diante de Deus nos salmos.

Se insistirmos em ser autodidatas na oração, nossas orações serão deficientes, por mais eloquentes que sejam. Inevitavelmente, elas serão moldadas, por um lado, pelo que quer que o “mercado” da congregação exija; e, por outro, restringidas pela nossa própria pequena fé. Entretanto, os pastores precisam viver no país espaçoso da aliança e estar familiarizados com todas as pessoas e seus dialetos, conhecer cada canto e recanto da paisagem — não apenas estar informados sobre eles como um guia de turismo poderia, mas à vontade entre eles como alguém que cresceu lá, brincando nas montanhas e trabalhando nos campos, apaixonando-se e desapaixonando-se, ferindo-se e sarando. Não é uma coisa fácil aventurar-se em sair de nossos acolhedores programas religiosos tacanhos em direção a uma obediência com grande alma, deixar os sucessos seguros de nossas vidas profissionalmente definidas e viver por fé e amor em oração (o que, frequentemente, envolve fracasso e sofrimento). Onde adquiriremos uma linguagem que seja adequada a essas intensidades? Onde mais, se não nos salmos? Para os homens e mulheres chamados à liderança na comunidade de fé, a aprendizagem nos salmos não é uma opção, mas uma obrigação. A maior parte da igreja concordou com isso durante a maior parte de seus séculos. O Breviário católico romano, o Livro de Oração Comum anglicano e o Saltério Escocês presbiteriano, todos eles “livros” para seus respectivos clérigos, são construídos a partir dos salmos. Em sua bula papal *Divine afflatu*, São Pio X disse: “Os salmos ensinam a humanidade, especialmente às pessoas devotadas a uma vida de adoração, como Deus deve ser louvado”.⁷ Há coisas

demaís em jogo aqui — a maturidade da Palavra de Deus, a integridade do ministério pastoral, a saúde da adoração — para permitir que os pastores escolham um currículo de oração segundo as suas próprias inclinações. Podemos também permitir que um médico prepare seus remédios com as plantas e ervas daninhas de seu quintal, tanto quanto permitir que um pastor aprenda a oração a partir das suas próprias subjetividades. A oração não deve ser fabricada a partir de fragmentos emocionais ou deveres profissionais. Sem instrução e sem treinamento, nossas orações são algo aprendido por turistas num livro de frases em língua estrangeira: damos graças às refeições, nos arrependemos dos pecados mais grosseiros, abençoamos o piquenique do Rotary Clube e pedimos orientação ocasional. Pensávamos que a oração fosse meramente uma linguagem especial e acessória para sobreviver durante aqueles momentos em que atravessávamos algumas milhas de algum país religioso? Porém, nossas vidas inteiras estão envolvidas. Precisamos de fluência na língua do país em que vivemos. Não é suficiente apenas tomar notas sobre ele para montar o relatório semanal, que é uma exigência do nosso trabalho. Somos obrigados a ser alunos de pós-graduação nessa gramática abrangente que fornece todas as partes do discurso e complexidades de sintaxe para a “fala em resposta”. Orando os salmos, encontramos os fragmentos de alma e corpo, os nossos próprios e os de todos aqueles com quem nos relacionamos, falados em adoração, amor e fé. É claro que os salmos não são reservados espacialmente aos pastores. Todos os que oram, tanto cristãos quanto judeus, encontram neles sua “voz” de oração — mas, para os pastores, que ocupam um lugar especial de responsabilidade de orar pelos outros e ensiná-los a orar, é um abandono do dever ser ignorante ou negligente quanto a eles. Usando uma metáfora diferente, Santo Ambrósio chamou aos salmos “uma espécie de ginásio para uso por todas as almas, uma espécie de estádio da virtude, onde diferentes tipos de exercício lhes são apresentados, a partir dos quais alguém pode escolher o mais adequado para treiná-lo para conquistar sua coroa”.⁸



Certa vez, o Dr. Donald G. Miller criou uma espécie de midrash sobre os cinco livros de “Moisés” que mostra sua necessidade implícita de serem respondidos com as intensidades apaixonadas e pessoais transformadas em oração pelos cinco livros de “Davi”.⁹ O texto a seguir resume seu pensamento.

Gênesis é a palavra pré-natal de Deus. Tudo em Gênesis é embrionário. A semente da palavra concebe um cosmos, um mundo e seres humanos — e uma vida de fé em Abraão. Os inícios estão todos aqui, mas em sombras, obscuros no ventre. Sabemos muito pouco sobre os pré-diluvianos e os patriarcas — vastas extensões de tempo e geografia, mas somente alguns fatos, algumas histórias. O que virá de tudo isso? Os contornos da criação e da aliança estão definidos, mas as formas são rudimentares, desenvolvendo membros e órgãos. Discernimos grandes energias se condensando, uma enorme esperança avolumando-se no ventre de Gênesis.

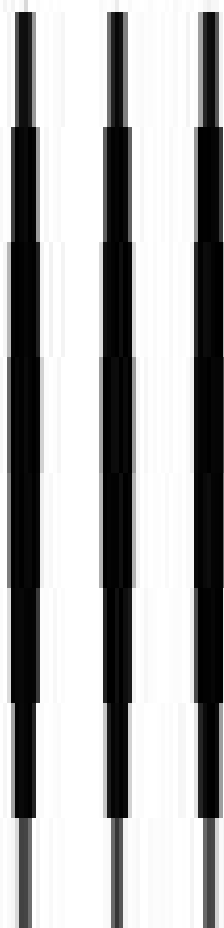
Êxodo é o nascimento e a infância. A secular gestação de Gênesis chega a termo no nascimento do povo de Deus. Não é um nascimento fácil. Há um parto doloroso e árduo no Egito, depois a divisão das águas do Mar Vermelho e, maravilhosa e milagrosamente, o recém-nascido na margem oposta. Uma grande alegria celebrativa se origina desse nascimento: cantos e danças, louvores e gratidões. O povo bebê aprende os primeiros passos e recebe sua primeira instrução no joelho do Sinai: Faça isso, não faça aquilo. O mundo em que eles são lançados é perigoso, repleto da bondade de Deus, perigoso pelas tentações a pecar. Êxodo mostra esse povo bebê, tirado das águas e ensinado a dar seus primeiros passos titubeantes, como um povo em adoração, atentando e respondendo ao Deus que lhes deu nascimento e existência.

Levítico é o pré-adolescente. As pessoas em crescimento aprendem o ABC da vida sob a misericórdia e o julgamento de Deus. A grande realidade com que elas têm a ver é Deus e seu relacionamento com ele, um relacionamento interrompido, temperado e interferido de mil maneiras diferentes. Elas aprendem os nomes dos aspectos do relacionamento de fé e o que fazer quando ele dá errado. É mais fácil aprender geografia, física ou gramática. Mas Levítico facilita o máximo que o assunto permite, dando instrução audiovisual: em vez de discussões abstratas sobre pecado e graça, objetos visíveis e tangíveis são estabelecidos — uma tigela de cereal, uma novilha vermelha, um bode expiatório. Tudo é apresentado em forma pictórica (sacrifícios), com algumas

ações simples que envolvem participação corporal (ritual). Levítico é a cartilha para os filhos de Deus que estão aprendendo a ler a sua Palavra pela primeira vez.

Números é a adolescência. As pessoas estão buscando a vida adulta, lutando com as dificuldades dos anos passados no deserto. Elas se rebelam contra a autoridade, tentando chegar a quem são — não mais crianças, mas ainda sem experiência suficiente para a vida por conta própria. Elas têm saudade da existência segura e uterina no Egito, da qual foram lançadas para as austeras realidades de uma vida de fé. Elas estão inquietas e impacientes com as geriátricas instituições mosaicas. Elas murmuram e desobedecem; lamentam-se e resmungam. A meio caminho entre seu nascimento na saída do Egito e sua herança em Canaã, elas chafurdam na terra de ninguém da confusão adolescente.

Deuteronômio é a idade adulta. Finalmente, as pessoas estão adultas em Deus. Elas amadureceram para uma vida de fé e são capazes de receber a herança da terra prometida e de viverem nela com responsabilidade. Elas estão bem ensinadas, magnificamente treinadas, extensamente testadas. Deus está prestes a confiar-lhes aquilo que preparou para elas. Moisés, prestes a sair de cena, após o que elas continuarão por conta própria, reúne em forma de sermão tudo que eles vivenciaram juntos em seus quarenta anos de deserto, tudo que Deus lhes revelou sobre sua vontade e seus caminhos, todas as questões graves e gloriosas de uma vida de fé. Na fronteira entre o deserto e terra prometida, Moisés lhes chama a atenção num magnífico ato de adoração — ele as apresenta diante de Deus e apresenta Deus a elas — e as abençoa. Em sua pesquisa sobre Deuteronômio, S. R. Driver concluiu que a única palavra que é característica e definitiva desse livro é “amor”.¹⁰ Isso é poderosamente importante, pois não somos capazes de amar até sermos adultos (ou, dito de outro modo, quando somos capazes de amar somos adultos). O amor integra tudo o que se desenvolve em nós enquanto crescemos desde a infância, através da pré-adolescência e da adolescência e, então, apresenta aquela plenitude para os relacionamentos pessoais íntimos e fiéis, uns com os outros e com Deus.



O “midrash” do Professor Miller fornece uma perspectiva para olharmos a quántupla Torá como a Palavra de Deus que, abrangentemente, nos chama a ser do novo nascimento ao amor maduro e, portanto, requer uma correspondente abrangência em nossas respostas no quántuplo Saltério. Toda a oração é restaurada ao seu contexto adequado na Palavra de Deus. A Palavra de Deus não funciona de maneira impessoal ou mecânica, carimbando a vontade divina em matéria estúpida; pessoas são trazidas à existência, vidas são moldadas por graça e com amor. No tocante às pessoas, a linguagem está em primeiro plano; o melhor da linguagem é a conversação, ação e reação, pergunta e resposta. A vida de fé não é feita para nós, mas desenvolvida em nós por palavras de comando e bênção, que são completadas por palavras de obediente assentimento e disposição para o louvor. Todas as partes de nossas vidas e todas as partes de nossa história são faladas por Deus e, depois, respondidas por nós.¹¹ A Palavra de Deus, que tudo abrange e tudo penetra, constitui o ambiente em que vivemos. Uma das tarefas pastorais primárias é certificar-se de que nem uma palavra sequer dela se desvia para o abstratamente impessoal ou se solidifica no meramente informativo. Tudo é pessoalmente dirigido. O trabalho pastoral significa permanecer desperto e manter os outros despertos para essa linguagem, dando resposta a todas as suas palavras. Não todas de uma só vez, é claro, mas o tempo todo, porque nada em nossas vidas escapa da criadora e salvífica Palavra de Deus, que convida a respostas na linguagem de fé e obediência da oração.

III Tempo de oração

Quando pus em prática minha vocação pastoral, fiquei surpreso porque, em qualquer dia da semana, um número espantoso de pessoas, de dentro e de fora da minha congregação, queria que eu fizesse alguma coisa por elas. Eu estava esperando uma vida bastante tranquila de estudo e oração, visitação de enfermos e moribundos, com ocasionais interrupções em tempos de crise. Da leitura dos sociólogos eu havia concluído que a religião tinha pouca importância na agenda de preocupações das pessoas nos dias de hoje; e que, exceto naqueles momentos pouco frequentes em que a pressão da família ou o protocolo da comunidade exigisse a minha presença, as pessoas me tratariam com benigna negligência. Durante anos eu havia ouvido gracejos com variações sobre o tema do pastor que trabalha um só dia por semana e supunha que deveria haver algum fundamento real para a longevidade daquele sarcasmo (Meu favorito é do pastor escocês que era “invisível seis dias por semana e incompreensível no sétimo”). Toda semana, caminho a pé até minha casa após celebrar o culto de domingo e recebo uma versão personalizada dele quando meu vizinho, fazendo coisas aqui e ali em seu jardim, me cumprimenta com a zombaria, dita como se ele tivesse acabado de criá-la: “Acabou por mais uma semana, hein? Deve ser bom”. Dou-lhe uma resposta simpática: “Sim, com certeza é”. Interiormente, não estou tão bem-humorado: Escrevo mentalmente uma descrição da minha semana de trabalho para, mais tarde, apresentar-lhe uma prova documental que irá tranquilizá-lo de que não sou um parasita do sistema, pondo em perigo os valores das casas do bairro com a minha indolência. Ele ficará totalmente chocado e tropeçará num pedido de desculpas. Mas, após uma longa chuvairada e alguns elogios habilmente redigidos por minha mulher sobre a originalidade profética do sermão da manhã, o ferrão perde as farpas e eu arquivo minha defesa por mais uma semana.

Inicialmente, a surpresa diária da grande procura pelas pessoas era bem-vinda. Ela continuou a ser bem-vinda durante vários anos. É agradável ser necessário. Mais do que agradável: é francamente lisonjeiro. Quase todos os pedidos de minha atenção e presença pastoral eram expressados com retórica de urgência. Isso, combinado com a presumida conexão com Deus, a Eternidade ou a Santidade em tudo que eu estivesse fazendo, fazia com que até mesmo atos

triviais recebessem uma roupagem de assuntos de importância. Foi também agradável saber que os sociólogos estavam errados.

A bajulação começou a perder seu apelo quando percebi que, de todas as consideráveis exigências sobre meu tempo, nenhuma exigia que eu praticasse uma vida de oração. No entanto, a oração era o cerne da vocação que eu havia abraçado. Foi-me confiado alimentar uma conversa viva com as pessoas com quem eu estava vivendo e o Deus vivo. Eu não havia, com conhecimento de causa, me inscrito como mestre-escola, pedantemente instruindo crianças relutantes sobre arrependimento, restituição e responsabilidade pessoal; eu havia aceitado um convite para ser um companheiro das pessoas numa peregrinação que envolvia praticar a presença de Deus. Eu não havia concordado com ser um garoto de recados moral, fazendo na congregação e na comunidade as boas ações que os outros, pressionados por sua séria ocupação de ter sucesso no mundo, não tinham tempo para fazer por si mesmos; eu havia aceitado a responsabilidade de, pessoalmente, ouvir e responder a Palavra de Deus e guiar os outros numa semelhante audição e resposta que constituem nossa humanidade madura.

É claro que estar ocupado não é peculiar à vida pastoral, mas endêmico em nossa cultura. Um crítico reclamou que “a maioria de nós tem taxímetros em lugar de cérebros, tiquetaqueando, traduzindo tempo e espaço em dinheiro”.¹ Há, porém, dimensões pastorais que exigem algo diferente de uma boa bronca. Precisamos de uma estratégia que leve em conta o dilema diário de viver entre esses dois conjuntos de exigências que parecem cancelar-se mutuamente, uma estratégia que aceita os dois conjuntos sem favorecer mais a um do que ao outro. O primeiro conjunto de exigências é respondermos com compassiva atenção às demandas das pessoas ao nosso redor, demandas que se recusam a permanecer dentro dos limites do horário normal e sempre ultrapassam nossa capacidade de atender a todos eles. Frequentemente, essas demandas mascaram profundas fomes espirituais e não podem ser eliminadas com um comentário banal ou delegadas a um comitê. As vidas das pessoas estão por um fio em algumas dessas demandas e exigem inteligência discernente. O segundo conjunto de exigências é respondermos com reverente oração à exigência que Deus tem de nossa atenção, escutá-lo, levá-lo a sério nas circunstâncias concretas do dia de hoje, naquele endereço, e não blefar quanto à nossa realização adotando um papel profissionalizado. Por formação e experiência, sabemos que esse é um tipo de atenção que só pode ser adentrado lenta e deliberadamente. Há um grande e prazeroso centro da existência no qual Deus precisa ser profundamente ponderado e amorosamente crido. Essa exigência não é por oração itinerante ou

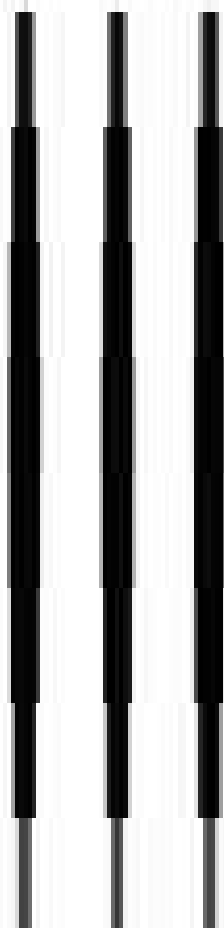
sob demanda. Ela significa adentrar reinos espirituais onde a admiração e a adoração têm espaço para se desenvolver, onde lazer e prazer têm tempo para florescer. Isso é possível para pastores que têm diante de si, diariamente, o outro conjunto? Não é isso algo para monges e freiras em mosteiros, para eremitas que vivem em lugares desertos e para algumas almas nobres que conseguem viver além das limitações de nossa mortalidade comum?

Isso é possível para pastores. Devido à existência de uma provisão bíblica para isso, ao longo dos séculos os pastores foram capazes de integrar os dois conjuntos de exigências em vez de vivenciá-los, com raiva e culpa, como um dilema. O nome disso é shabat. O simples ato de guardar um sábado faz mais do que qualquer outra coisa para treinar os pastores no ritmo de ação e reação para que os dois conjuntos de exigências sejam experimentados sincronicamente em vez de violentamente.

Uma precisa compreensão do sábado é pré-requisito para a sua prática: ele precisa ser entendido biblicamente, não culturalmente. Um mal-entendido generalizado quanto ao sábado o banaliza por sua designação como “um dia de folga”. O sábado não é um dia de folga e é imperdoável que os pastores, eruditos em Escritura e guardiões das práticas sagradas, lhe deem um nome assim errôneo. “Um dia de folga” é um sábado bastardo. Certamente, dias de folga não trazem benefícios, mas os sábados não são assim. Frequentemente, os pastores são persuadidos por esposas, maridos, filhos e psiquiatras a interromperem sua semana obsessiva-compulsiva de sete dias tirando um dia de folga.

Frequentemente, eles ficam satisfeitos com os resultados: eles fazem mais nos seis dias do que costumavam fazer em sete. A mente e o corpo não são construídos para movimentação perpétua. A saúde mental e física melhora sensivelmente com um dia de folga. Sentimo-nos melhor. A eficiência se aguça. Os relacionamentos melhoram. Por mais benéfico que seja, esse não é um verdadeiro sábado, mas um sábado secularizado. A motivação é utilitária: o dia de folga está a serviço dos seis dias úteis. O propósito é restaurar a força, aumentar a motivação, recompensar o esforço e manter elevados os incentivos pelo desempenho. O que acontece é que os efeitos colaterais da harmonia familiar fortalecida e saúde mental melhorada também são atraentes. A substituição quase geral entre os pastores de um sábado por um dia de folga é mais um sinal de uma identidade profissional abandonada (uma denominação errônea correlata substitui “sala de estudo do pastor” por “escritório”, assim secularizando ainda mais as percepções do trabalho pastoral. Quantos pastores já não mais usam suas escrivaninhas como lugares de aprendizagem, e sim como

centros de operações para organização de projetos? A mudança de vocabulário não é inofensiva. As palavras têm maneiras de nos moldar. Se entramos com suficiente frequência num recinto marcado como “escritório”, acabamos fazendo trabalho de escritório. Primeiramente, mudamos a palavra; depois, a palavra nos muda).



Sábado significa cessar. Parar. Dar um tempo. Acalmar-se. A palavra em si nada tem de devoto ou santo. Ela se refere a tempo, denotando nosso não-uso dele, o que costumamos chamar perder tempo.

O contexto bíblico para a compreensão do sábado é a semana de Gênesis. Sábado é o sétimo e último dia, no qual “Deus... descansou [shabat] de toda a obra que, como Criador, fizera” (Gn 2.3). Nós reentramos naquela sequência de dias em que Deus trouxe energia e matéria à existência pelo falar e, repetidamente, chegamos ao refrão “Houve tarde e manhã, o primeiro dia... Houve tarde e manhã, o segundo dia... Houve tarde e manhã” — vez após vez, seis vezes.

Essa é a maneira hebraica de compreender dia; não é a nossa. Nos EUA, a maioria dos dias começa com um despertador que rompe a escuridão da madrugada e termina, não com a noite, mas várias horas depois disso, quando desligamos as luzes elétricas. Nas referências convencionais a dia nós não incluímos as horas da noite, exceto as duas ou três que roubamos de cada extremo para nos dar mais tempo para trabalhar. Devido à nossa definição de dia ser tão diferente, temos de fazer um esforço de imaginação para entender a frase hebraica tarde e manhã, um dia. Isso envolve mais do que uma fala idiomática; há um senso de ritmo. Dia é a unidade básica da obra criativa de Deus; noite é o começo daquele dia. É o início de Deus trazendo à existência luz, estrelas, terra, vegetação, animais, homem, mulher pelo falar. É, porém, também o momento em que cessamos nossa atividade e vamos dormir. Quando é noite, “Eu me deito para dormir e oro ao Senhor para guardar minha alma” e mergulho na inconsciência durante as próximas seis, oito ou dez horas, um estado no qual sou absolutamente improdutivo e não tenho qualquer valor monetário.

Então, acordo, descansado, salto da cama cheio de energia, pego uma xícara de café e corro porta afora para iniciar as coisas. A primeira coisa que descubro (um grande golpe no ego) é que tudo foi iniciado horas atrás. Todas as coisas importantes tiveram início enquanto eu dormia profundamente. Quando corro para a jornada de trabalho, entro numa operação que já está metade terminada. Entro num trabalho em que o plano básico já está estabelecido; as tarefas, atribuídas; as operações, em movimento.

Às vezes, ainda em estupor, cometo um erro estúpido entrando em algo que está

quase feito e vou trabalhar pensando está-lo iniciando. Porém, ao fazê-lo, interfiro no que já está há muito tempo a caminho de sua conclusão. Minhas intenções sinceras e meu assobio alegre enquanto trabalho não amenizam o erro e a irritação. O sensato é perguntar: “Onde eu me encaixo? Onde você precisa de ajuda? O que ainda precisa ser feito?”.

A sequência noite/manhã hebraica nos condiciona aos ritmos da graça. Nós vamos dormir e Deus inicia sua obra. Enquanto dormimos, ele desenvolve a sua aliança. Nós acordamos e somos chamados a participar do ato criativo de Deus. Respondemos com fé e trabalho. Porém, sempre a graça é anterior. A graça é primária. Nós acordamos para um mundo que não construímos, para uma salvação que não conquistamos. Noite: Deus começa, sem a nossa ajuda, o seu dia criativo. Manhã: Deus nos chama a apreciar, compartilhar e desenvolver a obra que ele iniciou. Criação e aliança são pura graça e estão presentes para nos saudar todas as manhãs. Certa vez, George MacDonald escreveu que o sono é o artifício de Deus para nos dar a ajuda que ele não pode inserir em nós enquanto estamos acordados.

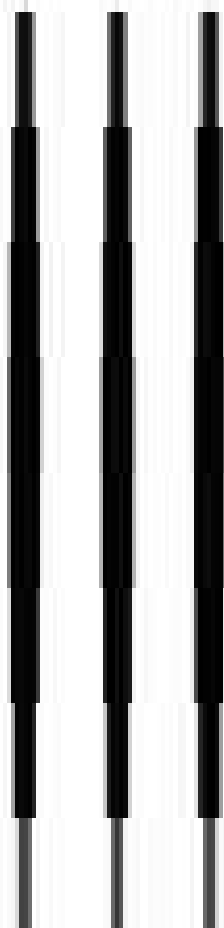
Nós lemos e relemos essas páginas iniciais de Gênesis, juntamente com certas sequências dos salmos, e recuperamos esses ritmos profundos e elementares, internalizando a realidade na qual o pulso forte inicial é a palavra criadora/salvífica de Deus, a presença providencial/sustentadora de Deus, a graça de Deus.

À medida que esse ritmo de gênese bíblica opera em mim, descubro também algo mais: quando encerro meu dia de trabalho, nada que é essencial para. Preparo-me para o sono, não com um sentimento de exausta frustração por haver ainda muito por fazer e inacabado, mas com expectativa. O dia está prestes a começar! As palavras de gênese de Deus estão prestes a ser faladas novamente. Durante as horas de meu sono, como ele se preparará para usar minha obediência, meu serviço e meu falar quando se fizer manhã? Eu vou dormir para sair do caminho durante algum tempo. Entro no ritmo da salvação. Enquanto dormimos, coisas grandes e maravilhosas, muito além de nossas capacidades de inventar ou criar, estão em processo — a lua marcando as estações, o leão rugindo para a sua presa, as minhocas aerando a terra, as estrelas girando em seus cursos, as proteínas reparando nossos músculos, nossos cérebros sonhadores restaurando uma sanidade mais profunda sob as fofocas e intrigas de nossas horas de vigília. Nosso trabalho se instala no contexto da obra de Deus. O esforço humano é honrado e respeitado, não como uma coisa em si, mas por sua

integração aos ritmos da graça e da bênção.

Nós experimentamos essa graça com nossos corpos antes de apreendê-la com nossas mentes. Estamos atentando para uma questão de tecnologia física/espiritual — não ideias, não doutrinas, não virtudes. Estamos colocando nossos corpos num ritmo de gênese.

O sábado extrapola esse ritmo básico diário para o contexto maior do mês. O giro da Terra sobre seu eixo nos dá o ritmo de básico de dois tempos, tarde/manhã. A lua em sua órbita introduz outro ritmo, o mês de 28 dias, marcado por quatro fases de sete dias cada. É esse ritmo maior, o ritmo do sétimo dia, que somos ordenados a guardar. A guarda do sábado pressupõe o ritmo diário, tarde/manhã. Dificilmente conseguimos evitar parar de trabalhar, a cada noite, quando a fadiga e o sono nos alcançam. Contudo, podemos evitar parar de trabalhar no sétimo dia, especialmente se as coisas estão ganhando impulso. Manter o ritmo semanal requer uma ação deliberada. Frequentemente, a observância do sábado é sentida como uma interrupção, uma interferência nas nossas rotinas. Essa observância desafia os pressupostos que gradualmente construímos, de que nosso trabalho diário é indispensável para fazer o mundo seguir em frente. Então, descobrimos que ela não é uma interrupção, mas uma medida rítmica mais ampla que confirma e estende o ritmo básico. A cada sétimo dia, uma nota mais profunda é tocada — um enorme gongo cujos sons profundos reverberam abaixo, acima e em torno das percussões timpânicas diárias de tarde/manhã, tarde/manhã, tarde/manhã: criação honrada e contemplada, redenção lembrada e compartilhada.



Nas duas versões bíblicas do mandamento do sábado, os comandos são idênticos, mas os motivos são diferentes. O motivo que aparece em Êxodo é que devemos guardar o sábado porque Deus o guardou (Êx 20.8-11). Deus fez sua obra em seis dias e, depois, descansou. Se Deus separa um dia para descansar, nós também podemos fazê-lo. Há algumas coisas que podem ser realizadas, até mesmo por Deus, somente em estado de repouso. O ritmo de trabalho/descanso é construído na própria estrutura de interpenetração da realidade de Deus. O precedente de parar de fazer e simplesmente ser é divino. A guarda do sábado é comandada para que internalizemos o ser que amadurece pelo fazer.

O motivo que aparece em Deuteronômio para a observância do sábado é que os nossos antepassados no Egito passaram quatrocentos anos sem um período de férias (Dt 5.15). Nunca tiveram um dia de folga. Em consequência disso, eles já não eram mais considerados pessoas, mas escravos. Mãos. Unidades de trabalho. Não pessoas criadas à imagem de Deus, mas equipamento para fazer tijolos e construir pirâmides. A condição humana foi desfigurada.

Para que nenhum de nós faça isso ao nosso vizinho, marido, esposa, filho ou empregado, somos ordenados a guardar o sábado. No momento em que começamos a ver os outros em termos do que eles podem fazer, em vez de quem eles são, mutilamos a condição humana e violamos a comunidade. Não adianta afirmar “Eu não preciso descansar essa semana e, portanto, não guardarei o sábado” — nossas vidas são tão interligadas que, inevitavelmente, envolvemos outros em nosso trabalho, intencionalmente ou não. A guarda do sábado é a bondade elementar. A guarda do sábado é ordenada para preservar a imagem de Deus em nossos próximos, para que possamos vê-los como eles são, não como nós precisamos deles ou os queremos.

É interessante observar que a verdade e necessidade de sete dos dez mandamentos são óbvias e não necessitam de esclarecimento. O segundo mandamento é difícil cumprir e, por isso, é apoiado por um aviso. Cumprir o quinto mandamento é fatigante e, por isso, ele recebe o apoio de uma promessa. Entretanto, o quarto mandamento não parece necessário, nem lógico; por isso, motivos são indicados para ele. É uma das ironias da história que a nossa era, que se orgulha de seu apelo à razão, desconsidere tanto um mandamento suportado pela razão — na verdade, uma razão dupla: uma histórica; a outra, teológica.

Toda profissão tem pecados pelos quais é especialmente responsável. Eu não analisei os pecados que põem em perigo médicos e advogados, marceneiros e oleiros, mas mantive minha atenção no laço do passarinho, do qual os pastores precisam de livramento diário: o pecado de inverter os ritmos. Em vez de graça/trabalho, nós os tornamos trabalho/gracia. Em vez de trabalhar num mundo em que Deus chama tudo à existência com sua palavra e redime seu povo com braço estendido, nós o reorganizamos como um mundo no qual nós pregamos a poderosa palavra de Deus e, em segundo plano, lhe pedimos para abençoar o nosso falar; um mundo em que estendemos nossos braços poderosos para ajudar os oprimidos, abrimos nossas mãos para ajudar os necessitados e, desesperadamente, pedimos a Deus para cuidar daqueles que deixamos escapar.

E esse é, obviamente, o motivo pelo qual tão poucos pastores guardam o sábado: invertemos os ritmos. Como podemos parar de trabalhar por um dia quando invertemos os ritmos? Como podemos parar de trabalhar por um dia quando fomos ordenados a remir o tempo? Como podemos nos calar quando temos fogo em nossa boca? Como podemos fazer nada durante um dia inteiro quando nos foi dito, com elevada autoridade, para instarmos a tempo e fora de tempo, e nunca haver um tempo em que os pedidos de ajuda não excedem a nossa capacidade de atendê-los? Mas é também por isso que o sábado é ordenado e não apenas sugerido, porque nada menos do que um mandamento tem o poder de intervir no ciclo vicioso, acelerado e autoperpetuante da ocupação sem fé e sem graça, cuja única parte de que temos consciência são as nossas boas intenções.

Tem importância diagnóstica o fato de, dentre todos os mandamentos, nenhum ser tratado com tanta desconsideração e desdém pelos pastores quanto este. Nós somos capazes de pregar bons sermões sobre ele para os nossos paroquianos e tomamos muito cuidado para proporcionar-lhes um sábado de boa adoração e santo lazer. Contudo, isentamos a nós mesmos. Curioso. Não muitos de nós pregamos com vigor sobre o sétimo mandamento e, em seguida, buscam uma vida de adultério ativo. Não muitos de nós pregamos eloquentemente sobre o segundo mandamento e, em seguida, têm um segundo emprego vendendo deusas da fertilidade de plástico no alpendre. Não obstante, catequizamos conscientemente nosso povo sobre o quinto mandamento e, sem corar de vergonha, ostentamos nossa inobservância do sábado por vício em trabalho como prova de extraordinária piedade.

Sábado: Tempo e espaço desimpedidos para nos distanciar do frenesi de nossas próprias atividades, para que possamos ver o que Deus tem feito e está fazendo.

Se não interrompemos regularmente o trabalho um dia por semana, levamo-nos demasiadamente a sério. O suor moral escorrendo de nossas sobrelhas nos cega para a ação essencial de Deus em nós e à nossa volta.

Guarda do sábado: Acalmar o ruído interno para ouvirmos a voz mansa e delicada do nosso Senhor. Remover as distrações do orgulho para discernirmos a presença de Cristo “... em dez mil lugares, / Com membros encantadores e encantadores olhos que não eram dele / Ao Pai pelos traços dos rostos humanos”.²

Sábado: Tempo e espaço desimpedidos para nos separar das pessoas ao nosso redor, para que elas tenham chance de tratar com Deus sem bisbilhotarmos e nos enxerirmos. Elas precisam estar livres de dependerem de nós. Elas precisam estar livres de nossa orientação que sempre tende à manipulação.

Guarda do sábado: Separar-nos das pessoas que estão agarradas em nós, das rotinas a que nos agarramos para termos uma identidade, e oferecer tudo isso a Deus em louvor.

Teologicamente, nenhum de nós tem problemas com isso. Somos convincentemente articulados sobre o assunto em nossos púlpitos. Nossa teologia é ortodoxa e bíblica nesses assuntos. Não é a nossa teologia que é deficiente, mas a nossa tecnologia — a guarda do sábado não é uma questão de crença, mas de utilizar uma ferramenta (tempo); não um exercício do coração e da mente, mas do corpo. A guarda do sábado não é ter pensamentos devotos ou louvor do coração, mas simplesmente tirar os nossos órgãos de circulação um dia por semana.

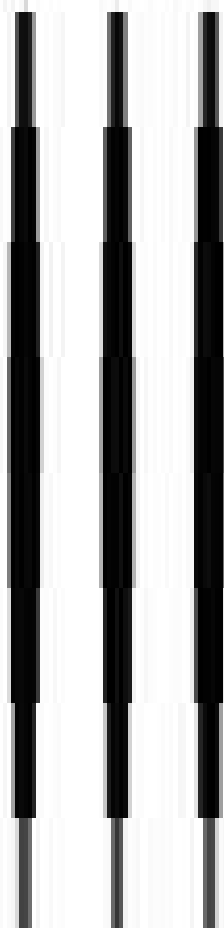
A maioria de nós é agostiniana em nossos púlpitos. Pregamos a soberania de nosso Senhor, a supremacia da graça, a glória de Deus: “Porque pela graça sois salvos... não de obras, para que ninguém se glorie” (Ef 2.8-9). Porém, no minuto em que deixamos nossos púlpitos, somos pelagianos. Em nossas reuniões de comitês e sessões de planejamento, em nossas tentativas obsessivas de atender às expectativas das pessoas, em nossa ânsia de agradar, em nossa pressa para abranger tudo, praticamos uma teologia que coloca nossa boa vontade no fundamento da vida e insta o esforço moral como elemento principal para agradar a Deus.

O dogma produz o comportamento característico do pastor norte-americano: se

as coisas não estão suficientemente boas, melhorarão se eu trabalhar com um pouco mais de afinco e levar os outros a fazerem o mesmo. Acrescentar um comitê aqui, recrutar mais alguns voluntários ali, encaixar mais um par de horas no dia de trabalho.

Pelágio era um herege improvável; Agostinho, um santo improvável. Por tudo que se sabe, Pelágio era cortês, amável, convincente. Todos parecem ter gostado dele imensamente. Agostinho desperdiçou sua juventude em imoralidade, teve algum tipo de envolvimento freudiano com sua mãe e fez muitos inimigos. Contudo, todos os nossos mestres teológicos e pastorais concordam que Agostinho começou pela graça de Deus e, portanto, deu certo, e Pelágio começou pelo esforço humano e, portanto, deu errado. Se fôssemos tão agostinianos fora do púlpito quanto quando estamos nele, não teríamos qualquer dificuldade para guardar o sábado. Como aconteceu de Pelágio se tornar o nosso mestre?

Nossa parte pelagiana não nos levará a ser excomungados ou queimados na fogueira, mas enfraquece severamente o nosso trabalho pastoral; embora isso não seja pessoalmente doloroso, é catastrófico para a integridade e saúde da Igreja.



Os dois motivos bíblicos para a observância do sábado se transformam em atividades paralelas de sábado: oração e lazer. O motivo de Êxodo nos orienta à contemplação de Deus, que se torna oração. O motivo de Deuteronômio nos orienta ao lazer social. Orar e ter lazer são profundamente congruentes entre si e têm extensas interconexões, observadas e comentadas por uma ampla gama de filósofos e teólogos.³ João Calvino preenchia seu sábado com as duas ações. Sua reputação de austeridade sem humor não nos dá uma pista dos fatos: ele liderava sua congregação em orações pela manhã e, à tarde, juntava-se ao povo de Genebra e jogava boliche.⁴ Em nossa própria era, o poeta W. H. Auden ficou alarmado por estarmos perdendo duas de nossas mais preciosas qualidades — a capacidade de rir com sinceridade e a capacidade de orar — e apelou em favor de um mundo são para melhor oração e melhor lazer.⁵

O salmo 92 é o salmo especificamente atribuído ao sábado. Suas linhas de abertura colocam em paralelo as ações normativas do sábado:

Bom é render graças ao

Senhor

e cantar louvores ao teu nome, ó Altíssimo.

(92.1, Bíblia de Jerusalém)

Como é orar? E ter lazer? Os sábados puritanos que eliminaram o lazer foram um desastre. Os sábados seculares que eliminam a oração são piores. A guarda do sábado envolve ter lazer e orar. As atividades são suficientemente semelhantes para compartilhar o mesmo dia, e suficientemente diferentes para necessitar uma da outra para uma inteireza complementar. Entretanto, combiná-las não é fácil. É mais fácil especializar-se num “sábado de Êxodo” ou num “sábado de Deuteronômio”. Certa vez, George Sheehan escreveu que “um homem jogando é quase tão difícil quanto um homem orando”.⁶ No entanto, as crianças fazem as duas coisas o tempo todo, mostrando que brincar e orar não são hábitos estranhos que temos de adquirir, mas sim a recuperação de algo, em

nós, profundamente essencial que “sempre amamos e, durante algum tempo, perdemos” (Newman).

Uma gravura de Rembrandt mostra Jesus ensinando um grupo de adultos que estão diante dele extasiados e reverentes. Ao lado, uma criança está absorvida em brincar com um barbante e um pião. Rembrandt não nos conta o que Jesus está dizendo. Penso que ele esteja nos ensinando a orar. A criança está nos mostrando o lazer (uma recordação de 20 anos atrás carrega uma justaposição semelhante. Abri os olhos após liderar minha congregação em orações de intercessão e vi meu filho pequeno rastejando pelo centro do santuário em busca de uma bola com a qual ele brincava enquanto eu e a congregação estávamos orando. Minha reação inicial foi de constrangimento. Depois, me arrependi. O lazer dele glorificava menos a Deus do que a nossa oração?).

O salmo 92 estabelece um equilíbrio entre oração e lazer e, em seguida, elabora as ações paralelas com três metáforas, proporcionando-nos um tríptico da guarda do sábado.

A primeira metáfora é musical: oramos e tocamos “com instrumentos de dez cordas, com saltério e com a solenidade da harpa” (v. 3). Tocar e orar são como a arte dos músicos, que combina disciplina e deleite. A música desperta algo em nossas profundezas. Nossos corpos assimilam o som e o ritmo e experimentam a vivacidade. Melodia e harmonia nos levam além dos limites dos grunhidos e gemidos desafinados do discurso diário, as exigências e queixas que nos cercam no curral do ego. Quando bem tocada, a apresentação musical parece fácil, mas, por trás da espontaneidade fácil, há uma imensa disciplina. Esta disciplina, embora árdua, não é onerosa, mas sim o meio aceito para nos levar além de nossos pesados egos exteriores, em direção a percepções e aspirações que nos ampliam para a beleza. E, a qualquer momento que estamos além de nós mesmos, por qualquer meio, estamos mais próximos de Deus. Certamente, é importante que quase todas as orações do Saltério contenham evidências de estarem sendo tocadas musicalmente. Certa vez, Karl Barth declarou que a música de Mozart o levava “ao limiar de um mundo no qual luz solar e tempestade, de dia e de noite, fazem um mundo bom e ordenado”.⁷

Um ateu inteligente e culto apareceu na Roma antiga, atormentando as pessoas com seus argumentos e raciocínios de que não havia um Deus, um propósito, um significado e que, portanto, qualquer coisa era permitida. Ele pegou um pastor inculto na praça da cidade como antítese de seus argumentos, pensando em

divertir-se com ele diante dos espectadores. Ele o diminuiu com sua lógica afiada, confundiu-o com sua eloquência narcótica e concluiu com um floreio: “O que você diz disso?”. O pastor pegou sua flauta e tocou uma melodia animada. Em poucos minutos, todas as pessoas na praça estavam dançando de alegria.

A segunda metáfora é animal: orar e ter lazer são como a condição selvagem do boi: “... tu exaltas o meu poder como o do boi selvagem...” (v. 10, BJ). A selvageria animal é uma exuberância desenfreada. Gostamos muito de ver animais em seus ambientes naturais — saltando, subindo, empinado. Uma águia dourada se lança sobre sua presa; um urso pardo rasga descuidadamente o relvado alpino, almoçando tubérculos; um cervo de cauda branca salta por sobre um córrego. Orar e ter lazer são assim: não domesticados. Eliminamos poses e máscaras. Tornamo-nos inconscientes de nós mesmos. Nós somos.

Erik Erikson explica a respeito:

De todas as formulações de lazer, a mais breve e melhor é a encontrada em *As Leis*, de Platão. Ele vê o modelo de verdadeiro lazer na necessidade de todas as criaturas jovens, animais e humanas, de saltar. Para saltar verdadeiramente, você precisa aprender a usar o chão como um trampolim e como aterrissar com resiliência e segurança. Isso significa testar a margem de manobra permitida por dados limites; superar a gravidade, sem dela fugir. Assim, onde quer que o lazer prevaleça, há sempre um elemento surpreendente, superando a mera repetição ou habituação e, na melhor hipótese, sugerindo alguma oportunidade virgem conquistada, alguma margem de manobra divina compartilhada.⁸

Substitua a palavra lazer por oração nessa passagem; o resultado é o mesmo.

A terceira metáfora é silvestre: as pessoas que oram e têm lazer

... [florescem] como a palmeira, [crescem] como o cedro no Líbano. Plantados na Casa do

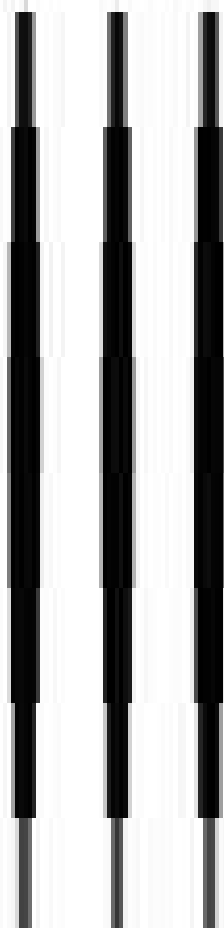
Senhor

, florescerão nos átrios do nosso Deus. Na velhice darão ainda frutos, serão cheios de seiva e de verdor.

(v. 12-14, BJ)

Oração e lazer compartilham essa qualidade: eles se desenvolvem e amadurecem com a idade, não entram em declínio. Oração e lazer revertem os efeitos mortíferos de vidas determinadas ao pecado. Eles melhoram a vida, não a diminuem. Eles infundem vitalidades, antagonizando-se à fadiga. Eles nos renovam, não nos desgastam. Ter lazer e orar combatem o tédio, reduzem ansiedades, empurram, puxam, direcionam, nos estimulam à plenitude de nossa humanidade colocando o corpo e o espírito em contato e mútua amizade. Schiller escreveu: “O homem só tem lazer quando é um homem no sentido pleno da palavra, e só é completamente um homem quando tem lazer”.⁹

Johann Huizinga escreveu um livro longo e erudito, *Homo Ludens*, mostrando que a cultura só é saudável quando tem lazer.¹⁰ O lazer é um modo distinto de atividade para os seres humanos. Quando reprimimos ou negligenciamos o lazer, desumanizamos a cultura. Huizinga escreve para alertar. À medida que avançou, nossa civilização perdeu o contato com o que distingue o ser humano; por isso, embora nos gabemos de uma tecnologia incrivelmente rica, nossa condição humana coletiva mergulhou bem abaixo do nível de pobreza. Somos menos nós mesmos. Sem oração e sem lazer, nós nos deterioramos em consumidores paupérrimos, com vida escassa e poucos recursos. Os pastores precisam estar na vanguarda dos guardadores do sábado, reflorestando nossa terra, tão selvagemmente desnudada pelos tratores carrancudos, com locais de lazer e locais de oração.



Essas três metáforas se combinam para caracterizar a guarda do sábado com uma espécie de despreocupação audaciosa, que desafia a necessidade. O contexto leva a isso: as três metáforas sobre lazer/oração são desenvolvidas num salmo fundamentalmente preocupado com o enorme fato do mal. Delimitado de um lado por lazer repleto de oração e, por outro, por oração repleta de lazer, o centro do salmo diz:

Quão grandes,

Senhor

, são as tuas obras! Os teus pensamentos, que profundos! O inepto não compreende, e o estulto não percebe isto: ainda que os ímpios brotam como a erva, e florescem todos os que praticam a iniquidade, nada obstante, serão destruídos para sempre; tu, porém,

Senhor

, és o Altíssimo eternamente. Eis que os teus inimigos,

Senhor

, eis que os teus inimigos perecerão; serão dispersos todos os que praticam a iniquidade.

(Sl 92.5-9, BJ)

Esse salmista do sábado não está fora cheirando as flores, sonhadoramente alheio ao terrível sofrimento do povo. Ele está chocado porque os ímpios “brotam como a erva”. Ele está assustado porque os iníquos florescem. Mas ele segue em frente e guarda um sábado de oração e lazer. Os pastores que guardam um sábado semanal sabem muito bem o estado arruinado do mundo. Mesmo assim, eles têm lazer e oram — não por serem impiedosamente egoístas ou trivialmente frívolos, mas por estarem convencidos de que essas práticas são a

vontade de Deus, não só para eles, mas também para o mundo maltratado. Há um descuido negligente que separa o dia para orar e ter lazer, a despeito da convincente pressão para fazer algo prático — e, depois, descobrir que essa era a coisa mais prática de todas a fazer.

A tecnologia da guarda do sábado não é complexa. Nós simplesmente selecionamos um dia da semana (Paulo parecia pensar que qualquer dia seria tão bom quanto qualquer outro; Rm 14.5-6) e cessamos o nosso trabalho.

Uma vez selecionado o dia, precisamos também protegê-lo, pois nossos instintos e hábitos dos dias úteis não nos serão bons. Esse não é um dia em que fazemos algo útil. Não é um dia que prova seu valor, que justifica sua existência. Entrar num tempo vazio, não-funcional é difícil e precisa de proteção, pois nos foi ensinado que tempo é dinheiro.

Nossa era secularizada é tão fragmentada, que não é possível haver um consenso quanto aos detalhes da guarda do sábado. Não podemos prescrever uma prática uns para os outros, mas, para que o mandamento não se dissolva numa névoa de boas intenções, arriscarei a autobiografia. O risco é que alguém tente imitar os detalhes da minha prática ou (mais provavelmente) diga: “Isso é realmente estúpido; não vejo sentido nisso” e repudiar toda a questão com base em minha prática inepta. Tento defender meu exemplo com o precedente de Thoreau: “Eu não falaria tanto sobre mim mesmo se houvesse qualquer outra pessoa que eu conhecesse tão bem. Infelizmente, estou confinado a esse tema pela estreiteza de minha experiência”.

Segunda-feira é o meu sábado. Nada é agendado para segunda-feira. Se ocorrem emergências, eu respondo, mas, surpreendentemente, elas são poucas. Minha mulher guarda o dia comigo. Nós preparamos um almoço, colocamo-lo numa mochila, levamos nossos binóculos e vamos de carro a qualquer lugar entre quinze minutos e uma hora de distância, até uma trilha ao longo de um rio ou às montanhas. Antes de começarmos nossa caminhada, minha mulher lê um salmo e ora. Depois dessa oração, não há mais conversa — entramos num silêncio que continuará durante as próximas duas ou três horas, até pararmos para almoçar.

Nós caminhamos por lazer, esvaziando-nos, abrindo-nos ao que está ali: formatos de samambaias, fragrância de flores, canto de pássaros, afloramentos de granito, carvalhos e sicômoros, chuva, neve, granizo, vento. Temos roupas para todas as condições meteorológicas e, por isso, nunca cancelamos a nossa

guarda do sábado por esse motivo, como se fosse a nossa ida à igreja aos domingos — pela mesma razão: precisamos do nosso sábado tanto quanto nossos paroquianos precisam dos deles. Quando o sol ou nossos estômagos nos dizem que é hora de almoçar, rompemos o silêncio com uma oração de bênção para os sanduíches e as frutas, o rio e a floresta. Agora podemos conversar livremente, compartilhando avistamentos de pássaros, pensamentos, observações, ideias — tanto quanto estamos inclinados, quer seja muito ou pouco. Voltamos a casa no meio ou fim da tarde, fazemos coisinhas aqui e ali, tarefas não habituais, lemos. Após o jantar, costumo escrever cartas familiares. É isso. Sem trovões no Sinai. Sem iluminações na estrada de Damasco. Sem visões em Patmos. Um dia separado para a solidão e o silêncio. Não fazer. Ser. A santificação do tempo.

Não temos regras para preservar a santidade do dia; temos apenas o compromisso de que ele seja separado para sermos, não para usarmos. Não é um dia para fazermos alguma coisa, mas um dia para guardarmos e sermos sensíveis ao que Deus fez.

Porém, temos ajuda. A guarda do sábado não pode ser realizada como um empreendimento particular. Precisamos da ajuda de nossa congregação. Eles precisam da nossa ajuda para guardarem o sábado deles; nós precisamos da ajuda deles para guardarmos o nosso. De tempos em tempos, digo algo assim aos meus presbíteros e diáconos: “A grande realidade em que estamos envolvidos, como pessoas e pastor, é Deus. A maioria das pessoas à nossa volta não sabe disso e não dá a mínima atenção a isso. Uma das maneiras que Deus nos concedeu para permanecermos atentos e sensíveis a ele como a realidade determinadora e centralizadora de nossas vidas num mundo que não se importa com isso é a guarda do sábado. Em intervalos regulares, todos nós precisamos cessar o nosso trabalho e contemplar o dele, parar de falar uns com os outros e escutá-lo. Deus sabe que precisamos disso e nos deu um meio para isso no sábado — um dia para orar e ter lazer, simplesmente apreciando quem ele é. Uma de minhas tarefas é levar vocês à guarda celebrativa do sábado a cada domingo. Mas isso não é um sábado para mim. Na manhã de domingo, eu acordo com a adrenalina fluindo. Ele é um dia de trabalho para mim. Segunda-feira é o meu sábado e preciso da ajuda de vocês para guardá-lo. Eu preciso das suas orações; preciso da sua cooperação para não me envolver em administração ou conversações; preciso das suas admoestações se vocês me virem deixando, descuidadamente, outras coisas interferirem no meu dia de descanso. Os pastores também precisam de pastores. Uma das maneiras como vocês podem ser meu

pastor é ajudar-me a guardar um sábado semanal que Deus ordenou”.

E eles fazem isso. Eles ajudam. Não penso que haja muitas congregações que não nos ajudariam a fazê-lo se soubessem que temos um compromisso com elas e precisamos de sua ajuda para cumpri-lo.

De quando em quando, minha mulher tem feito um diário do sábado durante os catorze anos em que temos feito isso. O diário se chama “Caminhadas para Emaús”. Penso que você não ficaria muito impressionado ao ler os trechos esporádicos. Listas de pássaros, flores silvestres desabrochadas, trechos de conversas, breves notas sobre o clima. Contudo, a escassez registra uma plenitude, uma presença, porque a guarda do sábado não é primariamente algo que fazemos, mas algo que não fazemos.

Tiramos a frase “Caminhadas para Emaús” de conversa com Douglas V. Steere, que nos contou a história de um velho mestre luterano de retiro que ele conhecera, muito prussiano, cuja fala era carregada de sons guturais alemães. Ele era especialista em retiros de homens. Quando os homens iam para o alojamento, ele os fazia abrir suas malas e, então, lhes confiscava todo o uísque. Depois, ele os agrupava em pares e os enviava para as caminhadas para “é maus”. Steere nos disse que, durante muito tempo, ele se perguntou o que eram caminhadas para “é maus”; então, certo dia, percebeu que o velho treinador prussiano estava enviando seus homens a caminhadas para Emaús: dois discípulos caminhando e conversando juntos e Jesus, incógnito, com eles. Somente depois eles descobriram: “... Porventura, não nos ardia o coração, quando ele, pelo caminho, nos falava, quando nos expunha as Escrituras?” (Lc 24.32). Esse é o tipo de alteração imperceptível na percepção e na oração que acontece silenciosa, mas cumulativamente na prática da guarda do sábado. Acertamos os ritmos. E, com os ritmos acertados, percebemos que, sem intenção primária, temos tempo para orar.

segundo ângulo

ESCRITURA

IV Transformando olhos em ouvidos

É uma imensa ironia quando o próprio exercício do nosso trabalho resulta em abandonar o nosso trabalho. Enquanto fazemos o nosso trabalho, deixamos o nosso trabalho. Porém, na leitura, no ensino e na pregação das Escrituras, isso acontece: cessamos de escutar as Escrituras e, assim, minamos a intenção de colocar a Escritura em primeiro lugar.

Ler a Escritura não é o mesmo que escutar Deus. Fazer uma dessas coisas não é, necessariamente, fazer a outra. Contudo, frequentemente elas são pressupostas como sendo a mesma coisa. Os pastores, que dedicam mais do seu tempo lendo as Escrituras do que a maioria dos cristãos (não devido à sua devoção, mas ao seu trabalho), fazem essa pressuposição injustificada com alarmante frequência.

Isso acontece de forma tão comum e insidiosamente, que temos de ser analiticamente alertas às maneiras como o escutar a Palavra de Deus escorrega para o ler sobre a Palavra de Deus — e, então, recuperar energicamente uma audição atenta.

O interesse do cristão na Escritura sempre foi ouvir Deus falar, não analisar memorandos morais. A prática comum é nutrir uma disposição de escutar — a orelha que se envolve, em vez do olho que se distancia — esperando tornar-se ouvintes apaixonados da Palavra, em vez de leitores frios da página. Porém, é justamente essa qualidade de paixão entusiástica por escutar as Escrituras que diminui, até mesmo ao ponto de desaparecer, no curso do trabalho pastoral. Quando isso acontece, um dos ângulos essenciais que define e dá precisão ao nosso trabalho desapareceu. Isso não acontece porque os pastores repudiam ou negligenciam a Escritura: ocorre no próprio ato da leitura da Escritura. A própria leitura é responsável pela obra mortífera.

Escutar e ler não são a mesma coisa. Eles envolvem sentidos diferentes. Ao escutar, usamos os nossos ouvidos; ao ler, usamos nossos olhos. Nós escutamos o som de uma voz; lemos marcas no papel. Essas diferenças são importantes e têm profundas consequências. Escutar é um ato interpessoal; ele envolve duas ou mais pessoas razoavelmente próximas. Ler envolve uma pessoa com um livro

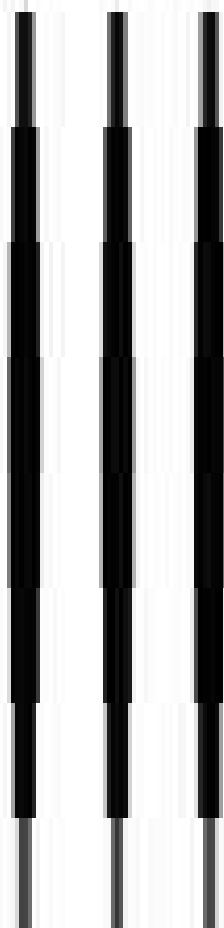
escrito por alguém que pode estar a quilômetros de distância ou morto há séculos, ou ambos. Quem escuta precisa estar atento a quem fala e está mais ou menos à mercê de quem fala. Para o leitor é muito diferente, uma vez que o livro está à mercê do leitor. Ele pode ser carregado de um lugar para outro, aberto ou fechado à vontade, lido ou não lido. Quando eu leio um livro, o livro não sabe se estou prestando atenção ou não; quando escuto uma pessoa, ela sabe muito bem se estou prestando atenção ou não. Ao escutar, outra pessoa inicia o processo; quando leio, eu inicio o processo. Ao ler, eu abro o livro e presto atenção às palavras. Posso ler sozinho; não posso escutar sozinho. Ao escutarmos, quem fala está no comando; ao lermos, quem lê está no comando.

Muitas pessoas preferem muito mais ler a escutar. A leitura é menos exigente emocionalmente e pode ser organizada conforme a conveniência pessoal. O estereótipo é o marido enterrado no jornal no café da manhã, preferindo ler uma reportagem sobre o escândalo mais recente num governo europeu, as dezenas de competições atléticas de ontem e as opiniões de alguns colunistas que ele nunca conhecerá, em vez de escutar a voz da pessoa que acaba de compartilhar sua cama, servir seu café e fritar seus ovos, embora escutar aquela voz ao vivo prometa amor e esperança, profundidade emocional e consideração intelectual muito maiores do que ele pode reunir de informações de *The New York Times*, *The Wall Street Journal* e *The Christian Science Monitor* juntos. Na voz dessa pessoa viva ele tem acesso a uma história empolgante, um sistema emocional incrivelmente complexo e combinações inéditas de palavras que podem surpreendê-lo, assustá-lo, comovê-lo, alegrá-lo ou irá-lo — qualquer dos quais pareceria ser mais atraente, a um ser humano vivo, do que obter algumas informações, nenhuma ou poucas das quais terão qualquer impacto sobre a vida daquele dia. A leitura, como tal, não aumenta a nossa capacidade de escutar. Em alguns casos, ela interfere nesta.

Entre as pessoas de fé, a intenção de ler a Escritura é estender o alcance do nosso escutar o Deus que se revela na Palavra, familiarizar-se com as maneiras como ele falou em diversas épocas e lugares, juntamente com as maneiras como as pessoas reagem quando ele fala. A convicção cristã é que Deus traz a realidade à existência pelo falar — a criação toma forma, a salvação se torna ação. Também é uma convicção cristã sermos aquilo que é falado para uma forma de criação e um ato de salvação. Nós somos o que acontece quando a palavra é falada. Então, escutamos para descobrir o que está acontecendo — em nós. Hugh Selwyn Mauberley, de Ezra Pound, expressa o entusiasmo desse tipo de leitor/escutador: “Conte-me tudo — eu me empanturro com as orelhas levantadas”.¹

Mas, e se a leitura nunca chegar ao escutar? E se as pessoas designadas por essas comunidades de fé para orientarem sua escuta da Palavra de Deus na Escritura por meio de leituras públicas, pregação de seus textos e ensino de seu significado não estiverem, elas mesmas, ouvindo-a, mas apenas usando-a como uma ferramenta de seu ofício — lendo o jornal e ignorando a voz do outro lado da mesa? A Escritura é sabotada.

Três condições contribuem para a supremacia da Palavra ouvida sobre a palavra impressa. A primeira é uma invenção notável, a segunda é uma educação infeliz, e a terceira é uma descrição de função defeituosa. Citar essas condições é o primeiro passo na recuperação da primazia da orelha sobre o olho em atentar para a palavra de Deus na Escritura.



A invenção notável é o tipo móvel. Em 1437, Gutenberg inventou o tipo móvel e, em pouco tempo, livros estavam sendo impressos e postos nas mãos de pessoas de toda a Europa. Até esse tempo, todos os livros eram laboriosamente escritos à mão. Os livros eram, portanto, caros e raros. A Sagrada Escritura, um livro especialmente longo, era muito cara. As cópias eram acorrentadas às mesas das bibliotecas, para impedir o roubo. Uma vez que os livros eram raros, os leitores também eram raros; afinal, de que servia ler se não havia muito para ser lido? Quando a Escritura era lida, comumente era lida em voz alta, para que os não-leitores, que era a esmagadora maioria, tivessem acesso à palavra. A palavra escrita foi restaurada a uma voz viva nesses cenários. A leitura era um ato verbal e um evento comunitário.

Quando não conseguia dormir à noite e queria distrair-se, o rei Assuero não pegava uma história de detetive e lia em silêncio para dormir; alguém lia para ele, que ouvia as palavras. Quando os cristãos das sete congregações de São João na Ásia se reuniram para atentar à Palavra de Deus escrita a eles a partir da visão em Patmos, eles não a leram com os olhos; eles a escutaram com os ouvidos: “Bem-aventurados aqueles que leem e aqueles que ouvem as palavras da profecia...” (Ap 1.3). Santo Antônio, o primeiro monge cristão, ouviu casualmente as palavras de Jesus ao jovem rico lidas em voz alta e creu ter ouvido Jesus lhe falando diretamente.

No mundo pré-Gutenberg, as pessoas não liam, como se diz, “para si mesmas”. Elas escutavam, mesmo quando era a sua própria voz que estava colocando as ondas sonoras em movimento para as palavras ecoadas do autor. Uma pessoa lê em voz alta, as outras pessoas ouvem em silêncio.

Entretanto, a invenção de Gutenberg mudou tudo isso. Uma total oralidade, na qual a palavra unia as pessoas numa comunidade de escuta, deu lugar a indivíduos isolados em silêncio, lendo livros sozinhos. Livros produzidos em massa e publicados a baixo custo geraram uma motivação para a leitura, que evoluiu para uma alfabetização generalizada que transformou o ato de ler, de um evento comunitário oro-aural para um exercício visual silencioso-privado. Ao longo dos séculos anteriores, em que virtualmente todo ato de leitura ecoava as palavras escritas, a conexão com a voz viva era enfática. Hoje, quando quase toda a leitura é silenciosa, a conexão com a voz viva é remota.

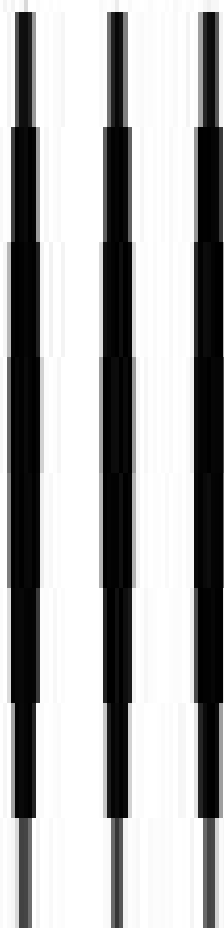
A publicação e distribuição de centenas de milhões de Bíblias é, frequentemente, tratada como uma imensa dádiva. De fato é, mas “essa facilidade de acesso, quando mal utilizada, se torna uma maldição. Quando lemos mais livros, olhamos mais fotos, ouvimos mais música do que podemos absorver, o resultado de tal glotonaria não é uma mente culta, mas uma mente consumidora; o que ela lê, olha, escuta é imediatamente esquecido, sem deixar mais vestígios do que o jornal de ontem”.² Eu não desejo a retirada de um único Evangelho de João da distribuição geral. Não obstante, o legado de Gutenberg é uma bênção mista e precisamos estar preparados para lidar com as consequências. Walter Ong meditou de maneira longa e interessante sobre esse fenômeno e está convencido de que, após seis séculos de imersão na impressão gráfica, somos

os prisioneiros mais abjetos da cultura letrada na qual amadurecemos. Mesmo com o maior esforço, o homem contemporâneo acha extremamente difícil e, em muitos casos, bastante impossível perceber o que a palavra falada realmente é. Ele a sente como uma modificação de algo que normalmente é, ou deveria, ser escrito.³

E a palavra escrita e impressa da Escritura se tornou sinônimo da Palavra de Deus. Presumimos que, se ela está impressa, nós a temos e ponto final. A Bíblia é igual à palavra de Deus, sem discussão e sem a mínima percepção de que equiparar o livro encadernado “Bíblia” à “palavra de Deus” não teria sido compreensível para a maioria de nossos antepassados cristãos. Não havia “eu” individualizado em relação à Escritura; era sempre “nós”. Não havia tomar “uma posição” sobre isso como se fosse uma coisa, pois a comunidade sempre se assentou sob a ocasião de um pronunciamento, de uma manifestação (tribuna e púlpito são colocados acima da nave não só para facilitar a audição, mas também para sinalizar a natureza da ação: a congregação não olha para baixo ou para um livro com curiosidade, mas se assenta sob a sua palavra obedientemente).

Ainda assim, nem tudo está perdido. No mundo todo há enclaves onde a Bíblia continua a ser lida em voz alta e escutada por pessoas que, por inclinação e hábito, preferem muito mais lê-la na comodidade e no conforto de seus lares. Afinal, entre os crentes sempre se pensa em Deus como “falando” aos seres humanos, não como escrevendo para eles. “A oralidade da mentalidade no texto

bíblico é esmagadora”⁴ e suficientemente poderosa, até mesmo séculos após Gutenberg, para se manter por voz, pelo menos nos serviços litúrgicos, nos quais as pessoas se apresentam diante de Deus.



A educação infeliz surgiu por meio do deslocamento da aprendizagem pela escolaridade. Aprender é uma atividade altamente pessoal, realizada em intercâmbio pessoal: mestre e aprendiz, professor e aluno, pai e filho. Em tais relacionamentos, a mente é treinada, a imaginação é disciplinada, ideias são exploradas, conceitos são testados, habilidades comportamentais são amadurecidas num contexto em que tudo importa, numa hierarquia em que as pessoas formam a matriz. Na verdadeira aprendizagem não há divisão entre mente e corpo. A aprendizagem facilita a integração entre o interior e o exterior, o mundo externo e o espírito interno. Os métodos clássicos de aprendizagem são todos pessoais: diálogo, imitação e debate. O aprendiz observa o mestre enquanto o mestre aprende; o mestre observa o aprendiz enquanto o aprendiz aprende. A aprendizagem se desenvolve por meio de relacionamentos expressados em gesto, entonação, postura, ritmo, emoções, afeição, admiração. E tudo isso acontece num mar de oralidade — vozes e silêncios.

O arquétipo da aprendizagem é o relacionamento do bebê com os pais, no qual ambos, pai/mãe e bebê, amadurecem e desenvolvem competência para viver como pessoas inteiras num mundo grande. Esse modelo de aprendizagem é tão profundamente enraizado na condição humana e tem funcionado tão bem ao longo dos séculos, que parece impensável abandoná-lo dando preferência ao pequeno segmento desse processo complexo que pode ser reproduzido em laboratório. Mas isso aconteceu e o laboratório é denominado escola. “Escola” é uma denominação flagrante e ignorantemente errada — o grego *scholē* significa lazer. Para os gregos, ele era o espaço e o tempo protegidos fornecido para o cultivo de relacionamentos pessoais sem pressa em conversas e jogos, com orientação, mas sem interferência. A escola contemporânea, com seus graus, períodos e temas, está a anos-luz de distância disso.

Educação escolar é muito diferente de aprender. Na educação escolar, as pessoas contam muito pouco. Fatos são memorizados, informações são assimiladas, passa-se nos exames. Os professores são submetidos a uma supervisão que tenta garantir e assegurar um desempenho uniforme, o que significa que todos operam o mais semelhantemente possível e são recompensados à medida que a transferência de dados do livro para o cérebro é feita com o mínimo possível de contaminação pessoal. Na educação escolar, o fator pessoal é reduzido ao mínimo: testes padronizados, professores regulamentados, estudantes orientados à informação.

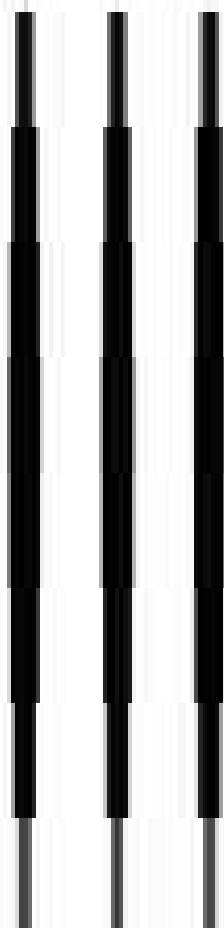
Uma vez que é difícil reduzir crianças a abstrações de uma só vez, a aprendizagem mantém uma ascendência precária sobre a educação escolar há alguns anos. Contudo, inexoravelmente, as proporções mudam até ser possível e comum um aluno se formar no ensino médio de uma escola em que nenhum professor o reconhece pelo nome, com o registro da educação escolar se resumindo a uma transcrição numérica, a mais abstrata das linguagens. A aprendizagem, um processo mais intrinsecamente pessoal, não se submeterá a tal sumarização.

Em nossa sociedade, não há como escapar de tal educação escolar. Somos todos produtos dela. As habilidades de leitura que adquirimos em tais condições são, inevitavelmente, ligadas primariamente ao informativo: somos ensinados a ler para o factual, o útil, o relevante. A maioria dos pastores tem aproximadamente vinte anos de tal formação. Nós lemos para passar em exames, para descobrir como analisar um verbo grego ou para administrar um escritório de igreja. Se lemos ocasionalmente para nos distrairmos numa noite fria de inverno, isso não é contado como leitura séria. Ao longo desses vinte anos, não somos ensinados sistematicamente (não conto um curso ocasional como “ensino”) a captar nuances e alusões, compreendendo o significado e a intenção da voz viva por trás das palavras escritas na página. Como resultado, somos impacientes com a metáfora e irritados com a ambiguidade. Mas elas são o que constitui o acervo das pessoas, a mais imprevisível das criaturas, usando a linguagem no que lhes é mais pessoal e melhor. Nossa educação escolar reduziu a nossa atitude em relação à leitura: queremos saber o que está acontecendo para que possamos nos orientar. Se aquilo não nos for útil para fazermos o nosso trabalho ou obtermos um emprego melhor, não vemos sentido.

Associando tão fortemente a leitura à educação escolar, estamos habituados a procurar informações quando lemos, em vez de nos relacionarmos com uma pessoa que, certa vez, falou e depois escreveu, para que pudéssemos escutar o que foi dito. É claro que a linguagem fornece informações; os livros são contêineres convenientemente acessíveis para isso. Porém, a prática primária da linguagem não está em distribuir informações, mas em relacionar-se. Essa preeminência não muda quando é escrita. A razão primária para a existência de um livro é estabelecer um relacionamento entre um escritor e os leitores, para que possamos escutar suas histórias e nos encontrarmos nelas, escutar suas músicas e cantar com ele, escutar seus argumentos e discutirmos com ele, ouvir suas respostas e questioná-lo. As Escrituras são quase inteiramente esse tipo de livro. Se as lemos de maneira impessoal com uma mente de coleta de

informações, nós as interpretamos incorretamente.

A mera proliferação das palavras pelo meio impresso as desvaloriza e torna a nossa tarefa ainda mais difícil. A educação escolar contribui para essa desvalorização ao tratar os livros como recipientes para informações. Após terem sido esvaziados de seu conteúdo (tirando-se deles as informações), eles são descartados. (Talvez seja por isso que muitas Bíblias são compradas a cada ano nos EUA — segundo o princípio da sacola de papel que contém informações úteis e santas para batismo, confirmação, casamento, conversão, consolo, aniversário, solidão, luto, ansiedade ou o que for. Após levar seus mantimentos para casa, você descarta a sacola. Quando você precisa de mantimentos novamente, pega outra sacola. Um mercado de Bíblias “sacola de papel” seria interminável — como, de fato, parece ser.) A maneira mais comum de se lerem coisas hoje é o jornal, que é lançado fora após ter sido lido. Antes de Gutenberg, ninguém teria feito isso. Cada pedaço de escrita era o registro de uma voz anteriormente viva e o meio de fazer aquela voz voltar à vida no ouvido do leitor. As palavras escritas eram símbolos. Um símbolo não é o mesmo que a palavra falada, mas sim, os meios para se conseguir o acesso a ela. Na Grécia antiga, um symbolon era um sinal visível, um bilhete, às vezes uma moeda ou outro objeto quebrado, cujas partes correspondentes eram mantidas separadamente por cada uma das duas partes contratantes.⁵ Todo bom livro é um símbolo assim — escritor e leitor se unindo, juntando as partes separadas, mas correspondentes, boca e ouvido; e, então, incrivelmente, a boca falando, o ouvido escutando. A Sagrada Escritura é um symbolon, um bom livro exatamente dessa maneira.



A descrição de função incorreta foi escrita por clientes pertencentes a uma sociedade de consumo. Historicamente, algo singular teve lugar em nossa sociedade. As causas são múltiplas, mas o efeito é único: todos são clientes. Fomos treinados para pensar em nós mesmos como consumidores e assim nos comportarmos. Somos conhecidos pelo que compramos. Medimos a saúde de nossa nação e o sucesso de nossas vidas em termos de renda per capita e produto interno bruto. Se as pessoas pouparem o que ganham em vez de gastá-lo, a nação fica doente. Se dedicamos tempo demasiado a criar algo duradouro e belo sem calcular sua relação custo/benefício, prejudicamos a economia. Se procuramos demasiadamente sem comprar, retardamos o progresso. Se doamos demasiadamente sem contar o custo, interferimos no mercado. Se um político concorrendo a um cargo eletivo pergunta “Você está melhor agora do que há quatro anos?”, todos interpretam esse “melhor” em termos de quanto dinheiro eles têm disponível para gastar. Eu valho o que gasto.

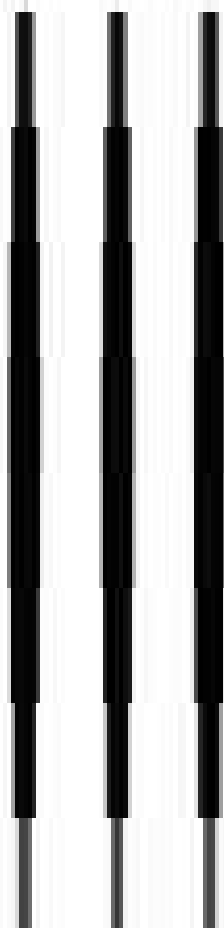
Nenhum pastor está isento desse condicionamento. Nossos educadores nos treinam magnificamente na aquisição de mercadorias. Marshall McLuhan observava frequentemente, com consternação, que o orçamento de publicidade de nossa nação ultrapassava em várias vezes o orçamento escolar, e que as pessoas que dirigiam as agências de publicidade eram, com algumas exceções, muito mais capazes do que as que dirigiam as escolas: “A sala de aula não consegue competir com o brilho, o sucesso e prestígio de bilhões de dólares dessa educação comercial... disfarçada de entretenimento e que deixa de lado a inteligência enquanto opera sobre a vontade e os desejos”.⁶

Se eu recebo minha identidade social primária como consumidor, segue-se que minha expectativa primária quanto às pessoas que encontro é receber delas alguma coisa pela qual estou preparado para pagar um preço. Eu compro mercadorias da loja de departamentos, saúde do médico, poder legal do advogado. Não se segue que, nesse tipo de sociedade, meu paroquiano terá expectativas mercantis quanto a mim? Nenhuma das profissões honradas escapou da comercialização; então por que o pastorado deveria escapar? Isso produziu, em nosso tempo, a prática ultrajante de pastores manipulando seus assim-chamados rebanhos segundo os mesmos princípios usados pelos gerentes para administrar supermercados.

A questão opera subliminarmente, moldando meu comportamento: o que as

peessoas querem de mim, seu pastor? Certamente, algo como uma vida melhor: encorajamento, visão, consolação, fórmulas que lhes capacitem a conviver melhor num mundo difícil, que as levante (um amigo denomina isso “teologia do sutiã”). Nós, é claro, somos condicionados a aquiescer. Por que não devemos agradar às pessoas que pagam nossos salários, se podemos fazê-lo com boa consciência? E por que as nossas consciências não devem ser boas, ratificadas como são pelo voto de uma congregação após congregação? Esse consumismo nos molda sem sabermos. Nada há em nossas vidas que ele não toque, de uma maneira ou de outra.

Esse modo aquisitivo é tão culturalmente esperado e congregacionalmente gratificante, que não pode deixar de afetar nossa abordagem às Escrituras. Quando nos sentamos para ler as Escrituras, já temos em vista um produto final: queremos encontrar algo útil para a vida das pessoas, para atender às suas expectativas de nós, pastores que entregamos as mercadorias. Se alguém me diz: “Eu não me benefico com a leitura das Escrituras”, minha resposta instintiva é: “Eu vou lhe mostrar como lê-las de modo a poder obter algo delas”. A palavra-chave é “obter”. Eu lhe ajudarei a ser um consumidor melhor. A essa altura, o processo está tão avançado que é quase irreversível. Meus paroquianos e eu concordamos em tratar a Bíblia como algo útil pelo que eles possam usar dela. Eu, um pastor moldado pelas expectativas deles, os ajudo a fazê-lo. Em algum momento, eu ultrapasso os limites e me vejo fazendo isso — procurando um texto cativante para um sermão, buscando a leitura psicologicamente correta num quarto de hospital, procurando evidência da verdade da Trindade. O verbo olhar assumiu o controle. Já não estou escutando uma voz, não estou dando ouvidos ao Deus a quem darei uma resposta de obediência e fé, tornando-me a pessoa que ele está chamando à existência. Estou procurando algo que eu possa usar para fazer um trabalho melhor, pelo qual as pessoas me darão um aumento se eu o fizer perceptivelmente bem.



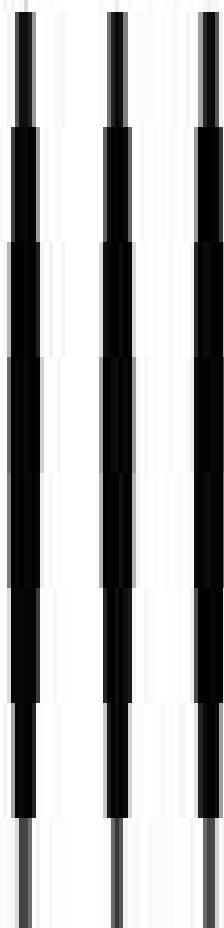
Essas três influências poderosas e difíceis de detectar operam silenciosamente pelas nossas costas e subvertem a própria natureza da Escritura, que é fornecer um meio para escutar a palavra de Deus. Nossa imersão nestas condições é quase total. É possível “sair da baleia”?

Sim, mas não é fácil. A análise é uma alavanca para nos soltar de nossa prisão cultural surda e muda. É possível ver que nenhuma mera leitura da Escritura tem integridade como uma coisa em si. Ela é apenas um elemento de uma sequência de quatro tempos: fala, escrita, leitura, audição. A genialidade do livro é que ele fornece o meio pelo qual quem fala pode ser vinculado a um ouvinte sem estar no mesmo recinto ou no mesmo século. Os dois termos do meio da sequência são subordinados ao primeiro termo (fala) e ao último (audição); o livro (que combina escritor e leitor) está no meio, como um tecido que liga a boca de quem fala ao ouvido do ouvinte — dois órgãos vivos. Escrita e leitura, ou seja, livros, são atividades a serviço da voz que fala e do ouvido que escuta. Se não são mantidos nesse serviço, mas se tornam coisas de pleno direito, eles deslocam a realidade primária com algo menos e outras coisas — objetos mortos em vez de órgãos vivos.

A leitura, como nós tipicamente a praticamos, desconecta os termos da sequência puxando os dois do meio e valorizando-os em proveito próprio. Mal percebemos essa violência, uma vez que a eliminação da voz viva numa extremidade e do ouvido atento na outra, em favor do livro escrito e lido bem diante de nós, serve de modo muito admirável ao propósito de uma sociedade tecnológica impessoal. Não obstante, algumas pessoas percebem. Poetas, pais e cônjuges percebem, porque aspectos essenciais de sua identidade são postos em causa no momento em que as palavras não mais estão vivas na fala e na audição. E os pastores precisam perceber, porque estamos envolvidos com um estilo de vida e um compromisso com uma realidade que são enfaticamente pessoais e teimosamente relacionais. Nossa tarefa é nos distanciarmos o suficiente de nossa cultura, para que nossa convicção teológica de que Deus fala tenha o tempo e o espaço necessários para ouvir a palavra que ele fala, não apenas ler sobre ela.

Os pastores não devem só observar; eles precisam contra-atacar. Dadas as circunstâncias, isso não é fácil. Gutenberg me deu um livro barato que eu posso possuir e levar comigo aonde quer que eu vá, incentivando a ilusão de que eu tenho o seu conteúdo no bolso ou na bolsa, uma posse sobre a qual exerço

controle. Minha educação escolar me deu um texto autoritativo no qual posso procurar informações confiáveis sobre a mobília do céu e a temperatura do inferno. Meu consumismo me deu um manual best-seller que eu posso usar para tornar a vida melhor nas noites sombrias e para chicotear minha congregação até formatá-la adequadamente para a eternidade. Eu vivo, sou aculturado e ganho meu sustento num mundo que trata todos os livros dessa maneira e não faz exceção a um livro só porque ele é abençoado com o adjetivo “sagrado”. E, assim, a voz de Deus que fala e ouvido do ser humano que escuta — exatamente as coisas que levaram à escrita, leitura, cópia e tradução da Escritura — recebe um enterro tranquilo e decente. Paulo estava certo: “... a letra mata...” (2Co 3.6).



Paulo era também esperançoso, crendo, de fato, que “... o Espírito vivifica”. Ele revive não só corpos e almas mortos, mas também letras mortas. Assim, além de avaliarmos criticamente a invenção de Gutenberg, de nos queixarmos sobre nossa educação escolar e de condenarmos Adam Smith por nos tornar esses consumidores energicamente diligentes, algo precisa ser feito a respeito. Mas algo tem sido feito a respeito. Quando localizamos exatamente onde isso ocorreu e como funciona, podemos agir.

Uma metáfora brilhantemente concebida no Salmo 40.6 fornece um ponto de virada; literalmente: “cavaste ouvidos em mim” (’azenayim karîtha lî). É intrigante nenhum tradutor representar a frase exatamente assim. Todos eles preferem parafrasear nesse ponto, apresentando o significado adequadamente, mas perdendo a metáfora: “... abriste os meus ouvidos...”. Contudo, perder a metáfora, neste caso, não deve ser admitido; o verbo hebraico é “cavaste”.

Imagine uma cabeça humana sem orelhas. Uma cabeça de bloco, com olhos, nariz e boca, mas sem orelhas. No lugar habitual das orelhas há apenas uma superfície lisa, impenetrável, osso granítico. Deus fala. Nenhuma resposta. A metáfora ocorre no contexto de uma agitada atividade religiosa surda à voz de Deus: “Sacrifícios e ofertas não quiseste... holocaustos e ofertas pelo pecado não requeres” (40.6). Como essas pessoas souberam dessas ofertas e como fazê-las? Elas haviam lido as prescrições em Êxodo e Levítico e seguido as instruções. Haviam se tornado religiosas. Seus olhos leram as palavras na página da Torá e rituais foram formados. Elas haviam lido as palavras da Escritura com precisão e acertado no ritual. Como aconteceu de elas haverem perdido a mensagem “não requeres”? Deve haver algo mais envolvido do que seguir as instruções quanto a animais sem defeito, um altar de pedra e um fogo sacrificial. E há: Deus está falando e precisa ser escutado. Mas, de que vale um Deus que fala a seres humanos sem ouvidos? Então, Deus pega uma picareta e uma pá e cava através do granito craniano, abrindo uma passagem que dará acesso às profundezas interiores, à mente e ao coração. Ou — talvez não devamos imaginar uma extensão lisa do crânio, mas algo como poços que foram entupidos com entulho: ruído cultural, fofocas dispensáveis, tagarelice de lixo. Nossos ouvidos estão tão entupidos, que não conseguimos ouvir Deus falar. Como Isaque cavou novamente os poços que os filisteus haviam entulhado, Deus cava novamente os ouvidos entulhados com lixo sonoro.

O resultado é uma restauração da Escritura: olhos se transformam em ouvidos. O ritual sacrificial hebraico incluía a leitura de um livro, mas a leitura havia degenerado em algo feito e assistido. A questão do livro apenas fazia parte do espetáculo, um ingrediente verbal jogado na panela do ritual porque a receita pedia isso. Agora, com ouvidos recém-cavados na cabeça dessa pessoa, ouve-se uma voz chamando, convidando. O ouvinte responde: “... eis aqui estou, no rolo do livro está escrito a meu respeito; agrada-me fazer a tua vontade, ó Deus meu; dentro do meu coração, está a tua lei” (40.7-8). O ato de ler se tornou um ato de escutar. Descobre-se que o livro tem uma voz dirigida ao leitor que agora escuta: “... está escrito a meu respeito...”. As palavras no papel, que eram lidas com o olho, agora são escutadas com o ouvido e invadem o coração: “... agrada-me fazer a tua vontade... dentro do meu coração está a tua lei”. A palavra de Deus (“a tua vontade”), que havia sido objetificada numa palavra escrita (“a tua lei”), agora é personalizada numa palavra de resposta e adoração (“meu coração”). O ato da leitura se torna um ato de escuta. O que foi escrito é ecoado: “Proclamei as boas-novas... jamais cerrei os lábios...” (40.9). A palavra de Deus já não é mais meramente escrita; ela é expressada em fala. O ouvido sobrepuja o olho e envolve o coração.

O escutar volta a existir. A sequência dinâmica foi restaurada. O salmo começou com Deus escutando: “Esperei confiantemente pelo

Senhor

; ele se inclinou para mim e me ouviu quando clamei por socorro” (40.1). Agora, o salmista escuta. Deus cavou seu crânio grosso e abriu uma passagem para a audição. A voz viva de Deus é percebida pelo ouvido humano. Como sempre ocorre quando a Palavra de Deus opera, a consequência é evangelho (“... boas-novas de justiça...”, “... tua salvação...”; 40.9,10). Nos tempos medievais, a orelha da Virgem Maria era comumente considerada seu órgão de concepção.

É claro que escutar a Escritura pressupõe ler a Escritura. Temos de ler antes de podermos escutar. Também podemos ler sem, em seguida, escutar. Ler a Escritura com precisão e entendimento é uma das tarefas mais difíceis debaixo do sol. O classicista Gilbert Highet costumava dizer que qualquer pessoa que lê a Bíblia e não fica intrigada pelo menos metade do tempo não está prestando atenção ao que está fazendo. Quando passamos da leitura para escuta, as dificuldades já formidáveis são agravadas pelas dificuldades tortuosas do ego. É de se admirar que tantos empreendimentos de escutar escorregam de volta para a

rotina de ler?

Felizmente, não somos deixados à nossa própria sorte nessas dificuldades. O Deus que deseja revelar-se a nós em palavra também deseja que o escutemos e nos dá as condições para isso. João nos diz que a Palavra de Deus que leva a criação à existência e a salvação à ação se fez carne em Jesus, o Cristo. Jesus é a Palavra de Deus. Uma grande dimensão do Evangelho de João mostra Jesus levando homens e mulheres à conversação com Deus — não mais meramente lendo as Escrituras, nas quais muitos deles eram muito competentes, mas escutando Deus, o que eles mal imaginavam ser possível. Essa sucessão de conversas foi seguida de perto e adotada com fé — Maria em Caná, Nicodemos à noite, a mulher samaritana, o paralítico de Betesda, os polêmicos fariseus, o cego de Jerusalém, as irmãs de Betânia, o grupo de turistas gregos e, depois, tudo reunido na profunda conversação da véspera da crucificação, que, no fim, teve uma maravilhosa mudança de rumo, com a conversa do Filho mudando de interlocutor, dos seus discípulos para seu Pai. Em nenhum lugar do Evangelho de João a Palavra de Deus está simplesmente presente — esculpida em pedra, pintada numa placa, impressa num livro. A palavra é sempre som: palavras faladas e ouvidas, perguntadas e respondidas, rejeitadas e obedecidas e, finalmente, oradas. Os cristãos da igreja primitiva eram imersos nessas conversas e isso mudou a maneira como eles liam as Escrituras: agora, tudo era voz. Eles ouviam Jesus falar em todas as páginas das Escrituras. Quando pregavam e ensinavam, eles não expunham textos; eles pregavam “Jesus” — uma pessoa viva com uma voz viva. Eles não estavam “lendo” Jesus para dentro das suas Escrituras; eles estavam escutando como se fosse a primeira vez e ouvindo aquela palavra que estava no princípio com Deus e por meio de quem todas as coisas foram feitas, a quem eles haviam visto e tocado, agora ouvindo a Palavra de Deus tornada viva para eles na ressurreição. O corpo morto de Jesus estava vivo; assim também estava a letra morta de Moisés.

Mateus, Marcos e Lucas empregam um método diferente do de João, mas continuam sua ênfase ao mudarem nossa dependência sensorial do olho para o ouvido. Os três apresentam Jesus como um mestre cujo modo característico de ensino é a parábola. A parábola é uma maneira indireta de chegar à verdade, especialmente útil para superar as defesas das pessoas que, de tão familiarizadas com ela, se sentem superiores a ela. Cada um desses escritores sinóticos faz a sua própria seleção de parábolas, adequando as diferentes ênfases que ele está desenvolvendo. Entretanto, todos concordam em que a primeira parábola seja a parábola do semeador e os quatro tipos de solo são uma parábola sobre escutar.

Essa é a parábola de entrada, montando guarda sobre tudo que Jesus dirá depois. Essa parábola nos nega a opção de reduzir a Palavra de Deus a um livro; o alvo primário da palavra é o ouvido. Jesus está falando as palavras sementes de Deus em nossos ouvidos: orelhas pavimentadas, nas quais nenhuma semente pode germinar; orelhas rochosas, nas quais nenhuma semente pode fincar suas raízes; orelhas de espinheiro, nas quais nenhuma semente pode amadurecer; e orelhas de solo fértil, nas quais todas as sementes dão frutos. A coisa mais grandiosa acontecendo nessa história, nesta terra, é que Deus está falando. O mandamento dominical é Escute: “Quem tem ouvidos para ouvir, ouça” (Marcos 4.9 e paralelos). O mandamento reverbera, ao longo de décadas, por todas as comunidades da Igreja primitiva; reaparece no início de Apocalipse, “Bem-aventurados aqueles que leem e aqueles que ouvem”; e, depois, modula nas sete famosas repetições do imperativo de Jesus, que impelem cada leitor cansado de palavras, que nunca esteve num púlpito ou se sentou num banco para uma escuta viva da Palavra que sabe, repreende, elogia, encoraja, promete, convida e termina, como começou, fazendo novas todas as coisas (Ap 2.7,11,17,29; 3.6,13,22; e também 13.9).

Pode algum pastor, em sã consciência, se contentar em deixar as palavras escritas da Escritura na página para o olho ler? Nossa ocupação diz respeito à orelhas.

Saiba ler o que escreve o amor calado:

Ouvir com os olhos é do amor o fado.⁷

V Exegese contemplativa

No romance *White Jacket*, de Herman Melville, um dos marinheiros fica doente, com fortes dores de estômago. O Dr. Cuticle, cirurgião do navio, tem o prazer de ter um paciente com algo mais desafiador à sua arte do que bolhas. Ele diagnostica apendicite. Vários tripulantes são recrutados para o serviço de enfermagem. O marinheiro é colocado na mesa cirúrgica e preparado para a cirurgia. O Dr. Cuticle faz seu trabalho com verve e habilidade. Ele faz os cortes com precisão e, a caminho da excisão do órgão doente, destaca detalhes anatômicos interessantes para os assistentes em torno da mesa, que nunca haviam visto o interior de um abdome. Ele está absorvido em seu trabalho e, obviamente, é bom no que faz. Seu desempenho é impressionante em todos os aspectos, mas os marinheiros assistentes não estão impressionados, e sim consternados. Ao ser suturado, o pobre paciente já estava morto na mesa há muito tempo. Entusiasmado com a cirurgia, o Dr. Cuticle não havia percebido. Os marinheiros, timidamente subservientes, não lhe contaram.¹

A exegese bíblica é um trabalho cirúrgico: cortar através de camadas de história, cultura e gramática; desnudar a sintaxe esquelética e a musculatura gramatical; excisar erros introduzidos inadvertidamente na transmissão do texto; reparar mal-entendidos que se infiltraram em interpretações ao longo dos séculos; observar a incrível e fascinante complexidade do organismo à medida que as partes ocultas são expostas à vista.

Esse trabalho é essencial à compreensão das Escrituras pela igreja. Os pastores são treinados para isso. No tocante à tecnologia exegética, somos muito mais bem equipados do que as gerações anteriores. O cirurgião de hoje, impressionantemente equipado com tecnologias eletrônicas, nucleares e químicas, não está mais avançado sobre os seus antecessores do que nós sobre os nossos. Nós sabemos mais hebraico do que Jerônimo, praticamos um método histórico melhor do que Agostinho e compreendemos a gramática comparativa melhor do que Calvino. O pastor do século 20 numa paróquia do interior do estado de Nebraska tem, à sua disposição, mais e melhores ferramentas exegéticas do que faculdades inteiras conseguiriam reunir há apenas cem anos. Descobertas de manuscritos, escavações arqueológicas e estudos filológicos

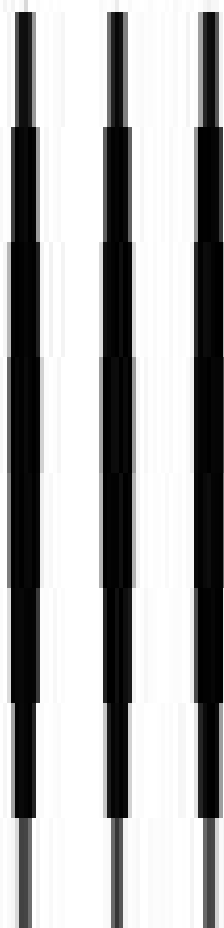
acumularam pilhas de material novo sobre as mesas e nas bibliotecas dos estudiosos da igreja. As melhores mentes do mundo estão dentre aqueles que analisam e avaliam esses achados e, depois, apresentam entendimentos históricos, teológicos e textuais da Escritura que simplesmente excedem qualquer elogio. É difícil acreditar, mas, na maioria das páginas da Escritura, podemos chegar a uma leitura mais precisa do texto do que qualquer outra pessoa desde a primeira geração dos seus leitores. Há muita coisa que ainda não sabemos, algumas que nunca saberemos, mas o que os nossos estudiosos da Escritura e bibliotecas teológicas nos fornecem é incrivelmente impressionante. E a nenhum pastor na terra é negado acesso a essa riqueza exegética — pelo contrário, ele é convidado, às vezes ordenado, para se tornar competente nela. O acesso à educação teológica é irrestrito, os mestres são eruditos, as bibliotecas são bem abastecidas, o tempo alocado para estudo é adequado.

Todavia, as coisas não vão nada bem. Em paróquia após paróquia, os pastores se aplicam às Escrituras com hábil diligência. Os paroquianos ficam ao redor, juntando coragem para dizer algo. Parece uma vergonha para interromper: o pastor é tão bom no que faz, sabe tanto, gosta tanto de explicar a origem dessa história, o significado desse costume, o significado fundamental desse verbo. Porém, o fato é que o paciente está morto. Não importa que o pastor leve ao texto uma técnica exegética esplêndida; não há uma compreensão correspondente de que o interesse da igreja na Escritura é Deus — um Deus vivo e que fala. Pastor após pastor se aplica com toda a habilidade técnica e insensibilidade pessoal do Dr. Cuticle. A despeito da insuperável formação acadêmica recebida pelos pastores dos EUA, parece que nenhuma geração de pastores que conhecemos historicamente foi tão vergonhosamente mal treinada na contemplação da Escritura.

Nenhuma quantidade de habilidade técnica exegética compensa uma falha em atentar ao “paciente” — a Escritura como a Palavra Viva de Deus. A tarefa exegética do pastor está a serviço da vivacidade dessa Palavra. Para servir à vida da igreja e ser congruente com o chamado do pastor, a exegese precisa ser contemplativa.

A exegese contemplativa não é algo novo. Ela é o tipo de exegese que foi praticada durante a maior parte da vida da igreja. Isso significa que o remédio para a nossa vergonha exegética não é a inovação, mas a recuperação. A recuperação da exegese contemplativa não significa abandonar um único item atual de fato exegético ou visão. Tendo, como temos, a responsabilidade de

proclamar e ensinar o texto da Escritura, somos obrigados a saber o máximo possível sobre ele, em todos os aspectos: gramatical, teológico, histórico. O pastor exegeticamente descuidado deveria ser processado, se houvesse uma maneira de fazê-lo, com a mesma diligência e os mesmos fundamentos usados para o cirurgião que utiliza um bisturi contaminado. A exegese contemplativa não ignora ou denigre a exegese técnica — é diligente quanto a ela. Todavia, como Melville dizia aos EUA mais de cem anos atrás, técnica não é cura; informação não é conhecimento. Há algo vivo num corpo, num livro. Qualquer pastor que esqueça ou ignore isso entra nos púlpitos e cátedras de todo o país como o pastiche cômico do Dr. Cuticle.



A recuperação da exegese contemplativa começa com uma percepção de que uma palavra, qualquer palavra, é – original e basicamente – um fenômeno de som, não de impressão gráfica. As palavras são ditas antes de serem escritas. As palavras são ouvidas antes de serem lidas. A maioria das palavras das Escrituras teve uma longa existência oral antes de ter sido escrita. Essas palavras foram pregadas e ensinadas, cantadas e oradas em comunidades que adoravam, durante anos, décadas, às vezes séculos, antes de serem escritas. Elas foram passadas de boca a orelha. Essas palavras não foram guardadas em prateleiras de bibliotecas, mas ressoaram de orelha em orelha ao longo de gerações. As únicas palavras que Jesus, a palavra tornada carne, escreveu foram escritas na areia e dissolvidas na primeira chuva. Mas essas foram as suas únicas palavras que foram perdidas para nós — ou, pelo menos, as únicas importantes. Tudo que ele falou e é necessário para a nossa salvação foi ouvido e saboreado, ponderado e pregado, ruminado e ensinado, lembrado e repetido na interação dinâmica de lábios ousados e ouvidos ansiosos nas comunidades crentes.

Essa total oralidade das comunidades bíblicas é a imensa realidade subterrânea subjacente aos escritos bíblicos; ela leva a uma reflexão sobre o que é a palavra como palavra. O fato de Deus se revelar por meio da palavra tem enorme importância para o pastor que está trabalhando em exegese.

Uma voz que fala se origina num interior e é dirigida a outro interior. A visão lida com superfícies; o som lida com interiores. O som é uma interiorização que se torna um “enunciado”, uma exteriorização que, quando escutada, se torna interiorizada em outra pessoa. Minha voz realmente sai de mim, mas não apela a algo exterior, e sim à interioridade de outra pessoa. Walter Ong, que refletiu sobre essas questões mais profundamente do que qualquer outra pessoa que conheço, diz que uma palavra “é o chamado de um interior a outro interior por meio de um exterior”.²

Muito mais do que no mundo da visão, o som nos envolve no que é vivo numa pessoa. Nós contamos os nossos pensamentos e sentimentos mais íntimos, não os mostramos. Nós não abrimos uma pessoa para descobrir o que está dentro, mas escutamos um enunciado que, então, penetra em nosso interior. A troca de sons, não de fotos, entre as pessoas é o que faz com que a revelação ocorra e o relacionamento se torne íntimo.

Ong, que defende a singular adequação da palavra em vez da imagem como o meio pelo qual Deus revela a sua interioridade à nossa interioridade, elabora uma perspectiva sobre a prática exegética que os pastores precisam dominar:

A palavra, como som, sinaliza interioridade e mistério (uma inacessibilidade até mesmo na intimidade)..., dois aspectos da existência dos quais precisamos para nos manter vivos hoje. Ela também sinaliza santidade — a santidade do indivíduo e, em hebraico e na doutrina cristã, a santidade de Deus. Pois santidade é inacessibilidade, um senso de distância a ser mantida, uma noção do que é tabu: a raiz do hebraico *kadosh*, geralmente traduzido como santo, significa separado. De algum modo, a palavra falada é sempre radicalmente inacessível; ela nos foge, se esquia do nosso alcance, escapa quando tentamos imobilizá-la. Vindo do mais íntimo, ela vem de uma região na qual não temos entrada direta, a consciência pessoal de outra pessoa, a consciência que provém do seu significado na boca de outra pessoa.³

Esse fato fenomenológico de que todas as palavras se originam como sons significa que todas as palavras são eventos. Não eventos jornalísticos que podem ser relatados, mas eventos revelatórios que entram em nós e nos envolvem. Nenhuma palavra, mesmo após ser escrita, é inerte. Esse é um fato teológico a respeito da Escritura, mas também um fato biológico/físico a respeito de todas as palavras, pertencentes ou não à Escritura: algo visto pode ser inerte; algo ouvido, nunca. Quando ouvimos um som — uma voz sussurrando, uma trovada, uma árvore caindo, um cão rosnando, um bebê chorando — algo está acontecendo e, por isso, é melhor estarmos alertas.

Segue-se que a prática acadêmica generalizada, infelizmente adotada pelos pastores, de tratar as Escrituras primariamente, se não exclusivamente, como um fenômeno de impressão, um livro escrito para nos fornecer informações a respeito de Deus, doutrina, princípios morais ou história religiosa, é um erro fatal. Um livro é exatamente o que as Escrituras, mais enfaticamente, não são. E a igreja adoradora no culto nunca acolheu tanto tal noção. Algo muito maior e mais ativo é percebido: uma matriz verbal na qual o comportamento de crença de uma comunidade adoradora é formatado e renovado. Deus esteve e está ativo na Escritura. É claro que nem todos creem nisso, mas os estudiosos da igreja e os

teólogos (tenho pouca consideração pela opinião da universidade nesses assuntos) creem. A Escritura é revelação. Quando um Deus vivo se revela, o resultado é uma verdade viva.

Entretanto, no momento em que a verdade é escrita, encontramos-nos enterrados até os joelhos num paradoxo: a tinta que está no papel não é viva. Como pode uma palavra viva ser transmitida por meio de uma palavra morta? Os pastores fazem seu trabalho em meio a esse paradoxo: letras mortas escritas por mãos humanas são palavras vivas faladas por Deus. Mas essa não é a maneira como, comumente, tratamos as palavras contidas nos livros. Livros são coisas que vemos, não escutamos. Nós os compramos e vendemos. Nós os abrimos e fechamos. Nós os emprestamos e tomamos emprestado. E, devido à Escritura — independentemente do que mais ela seja — entrar em nossa experiência sensorial primariamente como um livro, é possível (provável, de fato, dada a grande quantidade de livros que observamos e manuseamos) que interpretemos erroneamente essa revelação viva como informação inanimada. A tarefa da igreja (e seus pastores têm uma grande responsabilidade na realização dessa tarefa) é evitar essa interpretação errônea — para evitar que a revelação, que sempre envolve histórias pessoais e respostas pessoais, seja tratada como informação, que costuma envolver fatos impessoais e ideias abstratas.

Devo esclarecer que a minha preocupação pastoral não é defender uma posição teológica específica sobre a inspiração da Escritura, mas simplesmente representar o consenso ininterrupto de Israel e da Igreja em relação à Escritura: que um Deus vivo fala uma palavra viva e que as Sagradas Escrituras são a representação formal dessa palavra. Nós lemos as Escrituras para escutar de novo a palavra de Deus falada e, quando o fazemos, nós o ouvimos falar. De alguma maneira ou de outra, essas palavras vivem.⁴

O valor dado ao fato de essas palavras estarem escritas — esse livro maravilhoso, essas sentenças incríveis — dificilmente pode ser excessivo. O fato de a palavra ter sido escrita é um presente incomparável. Porém, se a apreciação não está discernindo, ela se confunde com superstição (tratar a Bíblia como um totem) ou se solidifica em arrogância (usar a Bíblia como um bastão para bater nos outros com a verdade). As palavras funcionam de maneira diferente quando são lidas do que quando são ouvidas: uma valorização com discernimento mantém continuamente, sobre todos os que leem a Escritura, a pressão para devolvê-la ao seu contexto originário na adoração e ouvir a palavra de Deus.

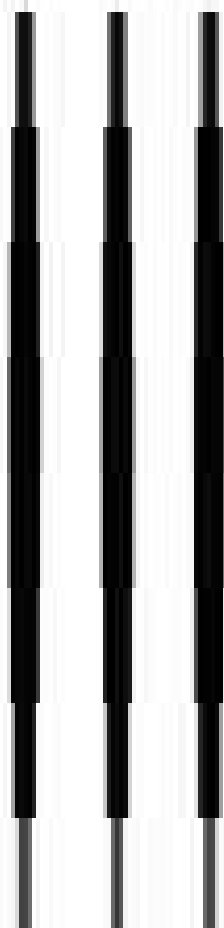
O contraste entre a cultura grega e a cultura hebraica/cristã é instrutivo a esta altura. Os antigos hebreus e gregos diferiam em sua orientação sensorial primária: os hebreus tendiam a pensar na compreensão como uma espécie de audição, enquanto os gregos pensavam nela como uma espécie de visão.⁵ Northrop Frye salientou que a cultura grega girava em torno de dois poderosos eventos visuais: o nu na escultura e o drama na literatura.⁶ No teatro, palavras são ditas, mas o próprio teatro é, primariamente, uma experiência visual, como indica a origem da palavra (*theasthai*, ver). Uma religião com muitos deuses e deusas requer estátuas ou imagens para distingui-los uns dos outros. Na cultura grega, o divino era visto e comentado. O panteão do Olimpo fornecia enredos para o drama, patronos para os jogos e imagens para os templos. Os deuses eram externos à vida das pessoas. As atividades e a fala dos deuses eram concebidas visualmente, um espetáculo do qual as pessoas eram espectadoras.

Por outro lado, a cultura hebraica/cristã gira em torno de dois eventos de som: o Deus invisível falando sua palavra a Moisés e ao povo no Sinai, e a palavra se tornando carne em Jesus, o Cristo. Os hebreus, seguidos pelos cristãos, proibiam imagens e não produziam peças teatrais. Eles escutavam ao único Deus. Sua palavra os fez quem eles eram e os chamou à peregrinação e ao discipulado. Quando se reuniam, eles não olhavam para uma estátua ou assistiam a um jogo; eles ouviam um mandamento e respondiam com uma oração. A diferença é radical e revolucionária.

Hebreus e cristãos, conscientes da enorme diferença entre eles e os gregos, e da necessidade crítica de preservar sua característica de palavra contra a característica grega de imagem, se mantiveram distanciados de corpos nus e teatros. Pela nossa perspectiva, isso parece moralismo — e talvez tenha declinado para isso —, mas, no fundo, era proteção contra o perigo de os poderosos estímulos visuais da estatuária e do drama os seduzirem a uma religião de esteticismo, distante das intensidades morais/espirituais da fé. Eles sabiam quão fácil era o ardor da escuta obediente ser diluído em observação divertida e tomaram medidas para proteger sua concentração auditiva. Eles perceberam que cercar-se de todas aquelas imagens de deuses os reduzia a menos do que eles sabiam ser. Religião como entretenimento é sempre mais atraente, mas também é menos verdadeira. Ela é um material bastante pobre em comparação à palavra. Paulo perguntou sarcasticamente aos Gálatas se eles preferiam os “... rudimentos fracos e pobres, aos quais, de novo, quereis ainda escravizar-vos?” (Gl 4.9).

Na Palestina helenística, Herodes, o Grande, um apaixonado construtor, construiu sete enormes anfiteatros em todo o país. Ele tinha grande amor por todas as coisas gregas e quis fazer proselitismo das maneiras gregas junto aos seus súditos. Os anfiteatros eram adornados com magníficas estátuas gregas e romanas, e tinham capacidade para um grande número de pessoas sentadas. Sua estratégia era imergir a população no helenismo por meio de representações nesses teatros e equiparar o povo de seu reino ao melhor da cultura do mundo. Esses anfiteatros foram as características arquitetônicas dominantes em sete cidades: Cesareia, Damasco, Gadara, Canata, Citópolis, Filadélfia (a moderna Amã) e Jerusalém. Todas as estruturas, exceto a de Jerusalém, ainda são visíveis, impressionantes até mesmo em ruínas parciais.⁷ Nenhuma outra construção do primeiro século tem maior tamanho ou beleza do que elas. Em comparação, as sinagogas são galinheiros. O Templo de Jerusalém, reconstruído por Herodes, era igualmente pródigo, mas foi construído não por convicção, e sim para propaganda — Herodes estava cortejando o favor dos judeus para transformá-los em bons gregos.

Dado o número e a importância estrategicamente situada desses anfiteatros gregos, parece incrível não haver uma única menção a qualquer um deles em nosso Novo Testamento. Essa é uma omissão tão improvável quanto um relato detalhado de um grande evento histórico em Washington não conter referências a qualquer grande edifício ou monumento daquela cidade de belas construções. Entretanto, a omissão destaca o que era central na vida dos que escreveram as nossas Escrituras: a comunidade cristã se dedicou a escutar, não a olhar. Seu Senhor havia vindo a eles pregando, ensinando e curando. Ele veio sem comitiva. Ele fez a maior parte de seu trabalho na obscuridade. Quando eles escreveram o relato da boa notícia falada e ouvida, cantada e orada, era como se aqueles grandes teatros e as multidões que os enchiam semana após semana nunca houvessem existido. E, de certa maneira, não haviam: não havia neles significância alguma. Todos eles haviam sido exteriores, um show. Enquanto isso, os escritores estiveram escutando uma palavra que havia penetrado em seus interiores e concebido neles uma nova vida. Eles escreveram o que vivenciaram — a palavra que curava e abençoava, salvava e julgava. Nada do que eles haviam vivenciado poderia ser esculpido numa estátua ou realizado num palco: eles eram as imagens de Deus, eles eram o enredo trágico/cômico da salvação. A consequência foi a Escritura; não estátuas ou teatros onde pessoas se reuniam para olhar, mas as palavras diante das quais pessoas se reuniam para escutar sons que moldam em nós grandes energias e propósitos, nossas origens e nossos fins (arche e telos).



Exegese contemplativa significa escutar a palavra como som, a palavra que se revela a partir do interior de alguém; ela também significa receber as palavras na forma em que elas são dadas. Porque a maneira como as palavras são faladas é tão importante quanto o que as palavras dizem. Alterar a forma é alterar a mensagem e, às vezes, violá-la. As palavras bíblicas vêm a nós na história bíblica: a exegese contemplativa tem o cuidado de escutar a história.

Todas as palavras acabam se transformando em histórias. A narrativa é a forma mais básica de expressão verbal. Se a recuperação da exegese contemplativa começa com uma percepção de que as palavras são basicamente sons que revelam, ela amadurece com o reconhecimento de que, quando palavras são juntadas, elas formam histórias que moldam. Sempre que abrimos a boca para falar, não demora contarmos uma história. Sempre que abrimos nossos ouvidos para escutar, não demora ouvirmos uma história. A maneira mais comum e natural de juntar palavras é na forma de histórias. As palavras não ocorrem de modo isolado; elas se conectam. E, quando se conectam, elas constituem uma narrativa.

As palavras também são usadas de maneiras não narrativas: para comandar, identificar, orientar, focar, maldizer, explicar, ensinar. Porém, nesses enunciados especializados há sempre um contexto narrativo implícito que fornece as condições para a compreensão.

As crianças são a perpétua evidência e lembrete disso. Tão logo adquirem um conhecimento prático da língua, elas pedem histórias. As pessoas que contam as histórias são as mais idosas. Começamos na linguagem escutando histórias; se temos sorte, terminamos contando histórias. Entre esses extremos, na pressa de ganhar a vida, conferir as cotações do mercado de ações, aprender a programar um computador, elaborar um sermão, frequentemente deixamos de escutar histórias e de contar histórias em favor do que supomos serem usos mais práticos da linguagem. Mesmo então, costumamos estar prontos para escutar ou contar uma história se nós ou alguém importante para nós estiver nela.

Esse profundo amor por histórias e sua contação generalizada é transcultural. Todos parecem fazê-lo. Povos primitivos analfabetos contam histórias; cientistas altamente cultos leem histórias; todos os que se encontram entre esses extremos podem ser encontrados, em algum momento ou outro do dia, escutando,

contando ou lendo uma história.

A demanda universal de histórias e sua valorização estão enraizadas na natureza dos seres que usam a linguagem e na natureza da linguagem que usamos. Em algum nível profundo, percebemos que a história é a única maneira de explicar adequadamente nós mesmos e o nosso mundo, e também a única maneira pela qual as palavras podem ser usadas de um modo que se aproxima de fazer justiça a elas. Se as palavras são, de fato, pessoalmente reveladoras e não meramente sinais para comunicar dados (sendo o propósito e a prática das palavras soar para fora de um interior e para dentro de outro), o que elas soam para fora é história. As palavras não se somam a uma lista de definições num dicionário. As palavras não se fundem numa enciclopédia de informações. As palavras não se congelam em oráculos de livre flutuação. As palavras se tornam histórias, cada palavra se conectando a outra e, nas interconexões, manifestando significados que têm continuidade, retratando caracteres e circunstâncias em maneiras coerentes entre si, desenvolvendo-se no tempo e no espaço entre as pessoas.

Assim como as células se multiplicam e se tornam um corpo humano, também a multiplicação de palavras se torna uma história. Isso não significa que todas as palavras são uma história, assim como nem todas as células são um corpo. Para fins de cura é útil, de tempos em tempos, examinar ao microscópio algumas células num corte de tecido do corpo. Porém, na medida de sua sabedoria, as pessoas que têm corpos atentam à integridade deles, vivem neles completamente. Há também momentos em que é útil, para fins de compreensão, submeter palavras a dissecção etimológica e sentenças a análise sintática. Todavia, é com as palavras em sua conexão orgânica, a história, que estamos lidando quando deixamos a linguagem operar plenamente.

Nenhum de nós vive tempo suficiente ou sabe o suficiente para ouvir todas as histórias formadas pela linguagem e ouvi-las como uma única história. Porém, assim como cada corpo humano é representativo de todos os outros corpos humanos, o mesmo ocorre com as histórias. Alguns corpos e algumas histórias são mais sãos por natureza e mais bem desenvolvidos por disciplina do que outros; por isso, atraem uma maior atenção. Para as pessoas de fé, a Bíblia é a história sã e desenvolvida. Aqui, a linguagem que Deus usa para se revelar vem na forma de uma história que é a mais completa. Quando escutamos a palavra de Deus na Escritura, escutando o que Deus está revelando de si mesmo, uma história é moldada em nossa audição; e o fato de ela ser uma história e não outra coisa — Teologia Sistemática, instrução moral, provérbios sábios — tem fortes

implicações para o trabalho exegético. Pois, assim como as palavras têm uma qualidade reveladora, também as histórias têm uma qualidade modeladora.

Por que a história é tão frequentemente descartada como não totalmente adulta? Por que, dentre os pastores zelosos, a história é encarada como não totalmente séria? Principalmente por ignorância. A história é a forma mais adulta da linguagem, a forma mais séria à qual a linguagem pode ser aplicada. Dentre os pastores, que têm responsabilidades específicas por manter as palavras da Escritura ativas na mente e na memória das comunidades de fé, uma valorização da história na qual a Escritura vem a nós é imperativa.

Assim como há um corpo humano básico (cabeça, tronco, dois membros superiores, dois membros inferiores etc.), há uma história básica. Todas as histórias são diferentes nos detalhes (como todos os corpos), mas os elementos básicos da história estão sempre presentes. Para afiar nosso reconhecimento, valorização e respeito pela forma narrativa essencial da Escritura, precisamos distinguir somente cinco elementos.

Primeiro: há um começo e um fim. Todas as histórias ocorrem no tempo e são delimitadas por um passado e um futuro. Essa grande estrutura abrangente presume uma bondade original e também uma bondade final. Nós temos uma origem, em algum lugar do passado, de alguma maneira, o que é boa (criação, Éden, Atlântida); temos um destino, em algum lugar, em algum tempo, que é bom (terra prometida, céu, utopia).

Segundo: uma catástrofe ocorreu. Já não estamos em continuidade com o nosso início bom. Fomos separados dele por um desastre. Também estamos, é claro, separados do nosso fim bom. Em outras palavras, estamos no meio de uma confusão.

Terceiro: a salvação é traçada. Alguma fraca memória nos lembra de que fomos feitos para algo melhor do que isso. Alguma esperança tênue perdura para que possamos fazer algo a respeito. Na tensão entre a origem e o destino bons e o presente mau, desenvolve-se um plano para nos tirar da encrenca em que estamos, para vivermos melhor do que estamos vivendo, para chegarmos ao nosso destino. Esse plano se desenvolve com dois tipos de ação, a batalha e a jornada: precisamos lutar contra as forças que se opõem a nos tornarmos íntegros; precisamos encontrar, em território difícil e desconhecido, o caminho que leva ao nosso verdadeiro lar. Os motivos da batalha e da jornada costumam

estar entrelaçados. Essas batalhas e jornadas são interiores (dentro de nós mesmos) e exteriores.

Quarto: o caráter se desenvolve. O que as pessoas fazem é importante. As pessoas têm nomes e dignidade. Elas tomam decisões. As pessoas não são soldadinhos de chumbo alinhados e movidos arbitrariamente; as personalidades se desenvolvem no decurso do conflito e na passagem da jornada, caráter e circunstância em interação dinâmica um com o outro. Algumas pessoas se tornam melhores; algumas se tornam piores. Ninguém permanece como era.

Quinto: tudo tem importância. Uma vez que “história” implica “autor”, nada está nela por acidente. Nada é um mero “enchimento”. Certa vez, Chekov disse que, se um escritor coloca uma arma sobre a mesa no primeiro capítulo, alguém tem de puxar o gatilho até último capítulo. Cada palavra se conecta a todas as outras palavras na mente do autor; assim, todos os detalhes, independentemente de como nos impressionam primeiramente, são pertinentes — e sua pertinência pode ser vista — se apenas olharmos tempo suficiente para eles.

Todas as histórias do mundo têm essas características. Os cinco elementos podem ser mais ou menos implícitos ou explícitos, mas estão presentes. Com variações de ênfase e proporção, com variações de perspectiva e invenção de detalhe, eles se desenvolvem em tragédias, comédias, épicos, confissões, mistérios de assassinato e romances góticos. Poetas, dramaturgos, romancistas, crianças e pais desenvolveram milhões de variações sobre esses elementos; alguns deles foram escritos.

O que foi escrito na Bíblia é um enorme e abrangente relato que contém assuntos referentes a várias culturas, línguas e séculos. Há muitas coisas e pessoas nela, sobre as quais foi escrito de muitas maneiras diferentes; mas, com toda a aparente heterogeneidade, ela se mostra como uma história. Em seu metódico estudo da Escritura como crítico literário e não como crente ou teólogo, Northrop Frye se convenceu de que sua característica mais importante é: “A ênfase na narrativa e o fato de toda a Bíblia estar encerrada numa estrutura narrativa distinguem a Bíblia de um bom número de outros livros sagrados”.⁸

O enredo básico da Bíblia é apresentado na Torá, os cinco primeiros livros. A criação é o início bom, incutido em nossa memória com as repetições rítmicas “e viu Deus que isso era bom”. A terra prometida é o fim bom, pois Moisés conduz o povo até a fronteira de Canaã e depois o deixa com seu sermão de

Deuteronômio ecoando nos ouvidos. Entre uma e outra está a catástrofe da queda, sucedida pelo enredo de salvação elaborado na peregrinação — do Éden para Babel, para Ur, para a Palestina, para o Egito, para o deserto, para o Jordão — e em lutas com parentes, egípcios, amalequitas e cananeus. O desenvolvimento do caráter é mostrado em Abraão, Isaque, Jacó, José e Moisés, em grande escala; e em numerosos outros em escala menor. A importância de todos os detalhes da existência é enfatizada incluindo-se tabelas genealógicas, regulamentos cerimoniais, observações sociais e regras de dieta.

Essa história é repetida nos Evangelhos. O nascimento virginal é o início bom, a ascensão é o fim bom. A catástrofe irrompe no massacre de Herodes e ameaça nas tentações do deserto. O enredo da salvação é elaborado numa viagem da Galileia para Jerusalém e em conflito com demônios, doença, fariseus e discípulos. A pessoa de Jesus é proeminente na história, com Pedro, Tiago e João em fortes papéis coadjuvantes. Muito cuidado é dado aos detalhes da geografia, cronologia e conversação: nada escapa de ter um significado — nem um pardal, nem um cabelo de nossas cabeças.

A mesma história é contada com um foco mais estreito na Semana Santa. As boas-vindas com hosana desencadeiam o início bom, a ressurreição marca o fim bom. A traição de Judas é a catástrofe. A salvação é traçada ao longo dos conflitos de julgamento, flagelação e crucificação; e na viagem de Betânia ao cenáculo, ao Getsêmani, para os locais de provação no Gólgota, para o sepulcro no jardim. As palavras e os atos de Jesus exibem o desenvolvimento da vida de redenção, com tudo que ele diz e faz sendo apresentado como revelador. Nenhum detalhe é sem significado: o perfume de Maria, o comentário do centurião.

A narrativa que é explícita na Torá e nos Evangelhos é estendida sobre toda a Escritura por meio da disposição canônica dos diferentes livros. O cânone hebraico é formado em três partes. A Torá (Gênesis até Deuteronômio) estabelece a história básica. Os Profetas (Josué até Malaquias) tomam a história básica e a apresentam em novas situações ao longo dos séculos, insistindo em que ela seja crida e obedecida no presente, não meramente recitada do passado. Isso envolveu uma boa dose de perturbações e controvérsia. Os Escritos (Salmos até Crônicas) fornecem uma resposta reflexiva à história, assimilando e, depois, respondendo a ela com sabedoria (Jó e Provérbios) e na adoração (Salmos).⁹

O Novo Testamento tem um formato paralelo. Os Evangelhos contam a história

básica numa nova Torá. As Epístolas correspondem aos Profetas, pois a história é contada num mundo em expansão, pregada e ensinada por meio de jornadas contínuas e conflitos ao longo de múltiplas configurações geográficas e ambientes culturais em torno da bacia do Mediterrâneo (Atos desempenha um papel duplo aqui, parte Torá, parte Profetas; escrevendo uma obra em dois volumes, Lucas expande lindamente os quatro Evangelhos numa Torá de cinco volumes, ao mesmo tempo em que introduz as vidas proféticas/apostólicas de Pedro e Paulo). Tiago e Apocalipse são equivalentes aos Escritos, resumindo em sabedoria (Tiago) e adoração (Apocalipse) a resposta de um povo cujas vidas são moldadas pela história que eles ouviam e contavam com fé.

O que precisa ser insistido na exegese é que as Escrituras chegam a nós nessa forma canônica precisa, uma estrutura de narrativa profundamente abrangente que reúne todas as partes — provérbios, mandamentos, cartas, visões, jurisprudência, canções, oração, genealogias — na história, uma estrutura unificada de narrativa e imagens.¹⁰

É fatal à exegese quando esse sentido narrativo é perdido ou eclipsado. De uma maneira ou de outra, todas as palavras da Escritura se encaixam em seu grande contexto narrativo, tanto que o contexto imediato de uma sentença tem tanta probabilidade de estar a oitenta e cinco páginas de distância em palavras escritas 300 anos depois quanto de ser o parágrafo anterior ou seguinte. Quando o sentido narrativo é honrado e nutrido, tudo se conecta e os significados se expandem, não arbitrariamente, mas organicamente — narrativamente. Vemos isso em ação na exegese encharcada de narrativa de um pregador como John Donne, cujos textos sempre nos levam “como um guia com uma vela ao vasto labirinto da Escritura, que, para Donne, era uma estrutura infinitamente maior do que a catedral em que ele estava pregando”.¹¹

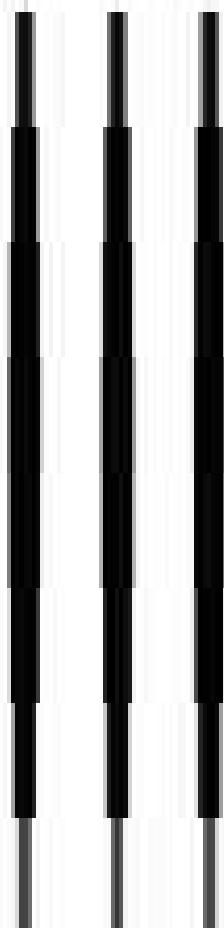
No momento em que são escritas, as palavras se tornam imediatamente o que foi denominado “sem contexto”. O tom de voz, o cheiro no ar, o vento no rosto — tudo isso se foi. Contudo, quando observamos cuidadosamente a maneira como a linguagem realmente funciona quando a praticamos, sabemos que esse contexto vivo no qual falamos e ouvimos palavras é criticamente importante. Cenário, tom, inflexão, gesto, clima — tudo isso importa. A maior parte desse contexto é perdida no ato de escrever. Porém, uma coisa não é perdida: a própria forma narrativa básica, linguagem moldada em história.

Devido a esta ser a única parte do contexto que temos, não devemos deixar

qualquer parte dela escorregar de nossa atenção: o contexto de Gênesis a Apocalipse, a história básica exposta na Torá e nos Evangelhos, a intrusão das histórias pontuais na história geral por meios dos Profetas e das Epístolas, a resposta de reunião e a previsão do encerramento em Salmos e Apocalipse.

A maioria dos mal-entendidos não vem de definições perdidas, mas de contextos perdidos. Por que ocorre com tanta frequência não entendermos o que o outro quer dizer — no casamento, nas relações internacionais, nos tribunais? Não é porque não entendemos a língua; é porque não conhecemos o contexto. Ouvintes profissionais (conselheiros e terapeutas) passam horas ouvindo a história de uma pessoa antes de sequer começar a entender. Eles recebem a mensagem nos primeiros vinte minutos — então, por que demora tanto? O que eles estão escutando? Em uma palavra, contexto: todos os contextos de família e trabalho, escola e sexo, sentimentos e sonhos que se cruzam no ser humano. Uma palavra usada em dado contexto tem significado oposto em outro. Compreender outra pessoa intimamente demora anos; uma vida inteira não é suficiente. Quanto maior é o contexto com que estamos familiarizados, maior é a compreensão que desenvolvemos.

Seja na leitura da Escritura ou na conversa à mesa da cozinha, uma sentença isolada só pode ser mal interpretada. Quanto mais sentenças temos, mais profundamente o sentido da narrativa é incorporado em nossas mentes e imaginação, e mais entendimento está disponível. Mateus é incompreensível separado de Êxodo e Isaías. Romanos é um enigma sem Gênesis e Deuteronômio. Apocalipse é um jogo de palavras cruzadas sem Ezequiel e os Salmos.



Palavras são sons que revelam. Palavras constituem histórias que moldam. Exegese contemplativa significa abrir nossos interiores a esses sons reveladores e submeter as nossas vidas à história que essas palavras contam, para sermos moldados por elas. Isso envolve o respeito de um poeta pelas palavras e a capacidade de resposta de um amante às palavras.

Portanto, a exegese contemplativa envolve essas duas questões: abertura para as palavras que revelam e submissão às palavras que moldam. As palavras têm dupla dimensão: elas carregam significado de sua origem e carregam influência para o seu destino. Todas as palavras fazem isso, de um modo ou de outro. A decisão de Deus de usar palavras como um meio para se revelar e nos moldar significa que precisamos prestar atenção ao que ele diz e à maneira como ele o diz. A exegese contemplativa não é esotérica; ela não é extravagante. Ela simplesmente significa tratar a ferramenta com respeito, não usando um machado para cavar o jardim.

VI Notas de Gaza

Na estrada para Gaza eu encontro o foco para meu trabalho hermenêutico como pastor: o etíope lendo a Escritura e não a compreendendo; Filipe levando-o à compreensão. Os dois homens parecem nada ter em comum: país, raça, sexualidade. O africano acaba de adorar em Jerusalém, da qual Filipe foi recentemente expulso. O eunuco está a caminho de casa, na corte da rainha Candace da Etiópia, onde é ministro das finanças; o evangelista está a caminho de Cesareia, onde vive com suas quatro filhas. Eles parecem singularmente inaptos para uma conversa que trata de discriminações finas e envolve confiança pessoal. Contudo, eles se engajam nessa cooperação para a compreensão de uma passagem com nuances delicadas e obscuramente formulada de um livro de 500 anos de idade. E funciona. Que reuniões improváveis e compreensões surpreendentes ocorrem ao longo dessas páginas da Escritura. E quão importante é estar ali: correndo para acompanhar, sentando-se para escutar, dispondo-se a ficar molhado.

A hermenêutica começa com uma pergunta: “Compreendes o que vens lendo?” (At 8.30). O jogo de palavras de Filipe em grego é intraduzível: ginoskeis ha anaginoskeis? A diferença entre ler e compreender parece tão sutil — um mero prefixo (ana) num verbo grego — que demoramos para perceber o abismo que separa o que Isaías escreveu e aquilo que nós compreendemos. Lessing denominou “fosso sujo” a lacuna entre o que está escrito e o que é lido. O muito que sabemos — definições lexicais das palavras, qualidade do pergaminho, teologia de Deutero-Isaías — é uma tampa sobre o poço sem fundo da nossa ignorância. Nós nos mantemos em incompreendida familiaridade com o texto bíblico durante anos, em devotas idas e voltas de Jerusalém; então, uma pergunta no tempo certo faz parar o carro.

A pergunta é respondida com uma pergunta: “... Como poderei entender, se alguém não me explicar?...” (v. 31). O questionador é questionado: Você me guiará? A escolha de palavras é crítica: não explicar, mas guiar. As palavras gregas para “explicar” e “guiar” compartilham a mesma raiz verbal, “conduzir”, e têm uma orientação comum no texto e uma preocupação para com o texto. Porém, o explicador, o exegeta, leva o significado para fora do texto; o guia, o

hodega, conduz você no caminho (hodos) do texto. A hermenêutica pastoral-bíblica pressupõe a exegese, mas envolve mais. O africano convida Filipe a entrar na carruagem para acompanhá-lo como seu guia. Isso levará algum tempo. Filipe tem de fazer uma escolha: ele permanecerá junto à carruagem, fornecendo informações e respondendo a perguntas sobre a Escritura, trabalho exegético que lhe é fácil, ou se envolverá numa busca espiritual com aquele estranho? Farei isso? É a diferença entre o lojista que vende mapas do deserto e a pessoa que entra nele com você, arriscando-se aos perigos, ajudando a preparar as refeições e compartilhando o clima. Filipe se decide pela hodegesis. Ele sobe à carruagem e compartilha a viagem.

Terceira pergunta: “... Peço-te que me expliques a quem se refere o profeta. Fala de si mesmo ou de algum outro?” (v. 34). A resposta de Filipe foi “Outra pessoa”, com o que direcionou o eunuco a Jesus. Martinho Lutero insistia em que sempre lêssemos as Escrituras buscando *was Christum triebet*, “o que impele a Cristo”. Isso nada tem a ver com um desprezo ignorante pelo significado literal do texto ou um desprezo arbitrário pela história e a cultura do escritor. A prática tola de remexer a Escritura fazendo conexões referenciais entre, digamos, “cordeiro” e “Jesus” nada tem em comum com isso. Em vez disso, é uma convicção, nascida de muita leitura da Escritura e muita experiência com Cristo, de que todas as palavras da Escritura são contextualmente coerentes na palavra feita carne, Jesus. “Muita leitura da Escritura e muita experiência com Cristo” foi o curso de hermenêutica de Filipe. Ele e seus amigos diáconos e apóstolos não estavam vasculhando a Escritura tentando encontrar algo para justificar suas vidas perseguidas; eles estavam simplesmente acordados para o óbvio: se a Escritura é a Palavra de Deus e se Jesus é a Palavra de Deus, então as duas formas de palavra são congruentes entre si: as Escrituras são a Palavra de Deus em Jesus; Jesus é a Palavra de Deus nas Escrituras. Eles testaram isso em suas vidas de crença e adoração. Funcionou. Eles tinham seu princípio hermenêutico.

“... que impede que seja eu batizado?” (v. 36). Perguntas geram perguntas, cada uma fazendo um corte mais profundo do que a anterior. Essa quarta pergunta é a mais profunda de todas e atinge o mais íntimo do ser humano, o coração-ventre onde a vida eterna é concebida e moldada. A hermenêutica não é um processo administrativo organizado, passando de ponto a ponto com clareza silogística. Ela serpenteia. Ele desvia. Ela aguarda, às vezes com perplexidade, às vezes maravilhada. Não obstante, ela sempre tem um alvo. Essas Escrituras não são fornecidas para alimentar nossa curiosidade fofoqueira ou legislar nossa moral de curral: elas examinam nossas vidas e nos convidam à fé. A Palavra de Deus

por meio do rolo de Isaías, com a ajuda da orientação de Filipe, procura seu caminho através da confusão labiríntica ao coração do eunuco e evoca a pergunta básica: “... que impede que seja eu batizado?”. Todas as perguntas são, de uma maneira ou de outra, elementos de busca que, quando pacientemente perseguidos, chegam ao batismo. A pergunta final não é uma consulta para obter mais informações, mas um pedido de uma nova vida. A tinta no rolo de Isaías e a água no riacho de Gaza são as formas materiais irmãs pelas quais uma fé abrangente e obediente é ajudada a nascer. A hermenêutica de Gaza pretende (ou pressupõe) o batismo e nos envia por nosso caminho cheio de alegria.

Ao que parece, a leitura da Escritura não é uma atividade autônoma. O leitor solitário de Isaías na carruagem na estrada Gaza é interrompido por Filipe comandado pelo Espírito. O Espírito une as pessoas no tocante à Escritura — escutando, questionando, conversando rumo à fé. Ao leitor perguntador se uniu o intérprete escutador. Isaías, morto, mas presente no rolo pela palavra, se tornava uma terceira pessoa. O Cristo invisível, mas presente pelo Espírito, se tornou a quarta. Aconteceu de novo, como continua acontecendo: “... onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles”.

Passo boa parte de minha vida ao longo desse trecho específico da estrada Gaza. Às vezes, estou correndo ao lado da carruagem, fazendo uma pergunta; às vezes, montado no carro, estou fazendo outra — interpretando e interpretado pelo rolo de Isaías.

Sempre que tenho de traduzir ou interpretar um texto bíblico, faço-o com temor e tremor, numa tensão inevitável entre a Palavra de Deus e as palavras do homem.

MARTIN BUBER¹

Conheci dezenas de pessoas que usam a Bíblia como se fosse um teste de Rorschach, em vez de um texto religioso. Elas davam mais conteúdo à tinta do que recebiam dela.

ELLEN GOODMAN²

O Senhor da língua também é o Senhor da nossa escuta a ela.

KARL BARTH³

A Sagrada Escritura é a roupa que nosso Senhor Cristo vestiu e na qual Ele Se deixa ser visto e encontrado. Essa roupa é tecida de ponta a ponta e, por isso, forjada formando uma peça que não pode ser cortada ou separada.

MARTINHO LUTERO⁴

No vetor que cria a possibilidade de exegese, o método pode ser um componente, mas a experiência com os textos envolvidos é outra, provavelmente mais necessária e fundamental.

JAMES BARR⁵

A língua não é fala — ela é um círculo completo, de palavra a som, a percepção, a compreensão, a sentimento, a memorização, a ação e de volta à palavra sobre o ato assim realizado. E, antes que o escutador possa se tornar um escutador, algo tem de acontecer com ele: ele precisa esperar.

EUGEN ROSENSTOCK-HUESSY⁶

A leitura da Escritura constitui um ato de crise. Dia após dia, semana após semana, ela nos leva a um mundo que está totalmente em desacordo com a espécie de mundo que os jornais e a televisão nos servem numa bandeja como nossa ração diária de dados para conversação e preocupação. Ele é um mundo em que Deus está ativo em toda parte e sempre, onde Deus é a ardente causa primeira e não uma ocasional reflexão tardia, onde Deus não pode ser procrastinado, onde tudo é relativo a Deus e Deus não é relativo a coisa alguma.

A leitura da Escritura envolve uma vertiginosa reorientação dos nossos pressupostos e procedimentos condicionados pela cultura e orientados ao trabalho profissional. “As histórias da Escritura não são como as de Homero: não cortejam nosso favor, não nos lisonjeiam para poderem nos agradar e encantar — elas procuram sujeitar-nos e, se nos recusamos à submissão, somos rebeldes”.⁷ A Escritura põe em questão as acomodações domesticadas que estamos ocupados organizando para o evangelho. A crise a que o ato de ler a Escritura nos leva não costuma significar intensidade emocional ou reviravolta dramática, mas sim a consciência solene, repetida diariamente, de que o mundo da realidade ao qual juramos nossa crença e vocação é um mundo divinamente constituído no qual Deus nos chama; não é um mundo humanamente constituído em que invocamos a Deus quando temos vontade. Tudo no mundo da cultura pode ser compreendido sem Deus; nada no mundo da Escritura pode ser compreendido sem Deus.

Porém, a própria frequência da leitura pastoral na Escritura mitiga sua radical estranheza em nossa consciência, as condições de crise que são provocadas em nós sempre que adentramos suas páginas. Porém, perder essa consciência é perder nossas vidas: nós lutamos para permanecer acordados. Instalamos sistemas de alarme ao nosso redor com dispositivos de detecção sensíveis. Kafka repreende nossa frequente e fatal regressão a uma despreocupada familiaridade:

Se o livro que estamos lendo não nos acorda, como ocorre com uma primeira martelada em nosso crânio, por que, então, o lemos? Para que ele nos faça felizes? Bom Deus, nós seríamos felizes também se não tivéssemos livros; e livros como esses, que nos fazem felizes, poderíamos, se necessário, escrever nós mesmos. Porém, o que precisamos ter são aqueles livros que vêm sobre nós como má sorte e nos angustiam profundamente, como a morte de alguém a quem amamos mais do que a nós mesmos, como o suicídio. Um livro precisa ser um machado de gelo para quebrar o mar congelado dentro de nós.⁸

Sem capacidade ou disposição para lidar com a Escritura bruta, os pastores cedem a uma prática generalizada de torná-la mais palatável suprimindo as particularidades — particularidades cotidianas, incômodas, absurdas — e substituindo-as por generalidades agradavelmente formuladas. Afinal, estamos

no negócio de religião e buscando ajuda para elevar nosso olhar acima das vulgaridades do comum. Particularidades são maravilhosas na ficção, mas só atrapalham a pura verdade. Os escritores de ficção são treinados para representar odores, sons e sensações por meio de especificidades. A frase “A mulher se sentia deprimida” não ocorreria numa boa ficção. Em vez disso, o escritor descreveria como Gretchen apareceu à frente de seus amigos de pé na fonte do segundo andar, situada logo à esquerda do elevador, ao lado da porta de Ethel, com quem somente na noite anterior ela havia compartilhado sua velha receita de família de carne de alce apimentada. Porém, a Escritura não é ficção; ela é a verdade e deve ser representada em profundidades de duas ou três palavras que sejam aplicáveis em qualquer situação. Uma verdade abstrata cria um cartaz maravilhoso. Um slogan generalizado é cativante como um adesivo na traseira de um carro. Não é a tarefa dos pastores interpretar a Escritura, representá-la de um modo mais condizente com a sua inerente dignidade?

Os escritores da Bíblia viveram numa época primitiva, quando havia muito tempo para contar histórias e elaborar detalhes apenas por prazer. Esta é uma era diferente: urgente, sensata, prática. Por isso, os pastores, muito ocupados, em meio a um povo muito ocupado, eliminam a confusão de geografia estrangeira e de nomes difíceis de pronunciar, e reduzem a Bíblia a banalidades emersonianas administráveis por pessoas de bom coração, mas ocupadas, e passíveis de tratamento homilético ordenado. E, certamente, num país que demonstrou uma decidida preferência pelas banalidades sonoras de Kahlil Gibran em vez da franqueza austera de Paulo, trata-se de bom-senso hermenêutico aplanar os terrenos acidentados.

Bem, eu não gosto mais de crise do que o outro pastor e gostaria de tornar as coisas as mais acessíveis quanto possível para mim e para os meus paroquianos. Mas não mais fáceis. E aqui, na leitura da Escritura, as particularidades difíceis precisam ser guardadas a sete chaves para evitar sua erosão até os contornos agradáveis da cultura. A Escritura é, caracteristicamente, irresumível. Ela resiste a abstrações. Ela é específica, concreta, geológica, genealógica. Não importa que a era não goste disso em seus textos religiosos — os pastores não estão às ordens da era. O que os pastores não devem fazer é extrair princípios da Escritura, destilar verdades do evangelho. Erich Auerbach forneceu uma extensa e poderosa demonstração do realismo presente nas Escrituras, o qual separa esses escritos de todo o restante da literatura antiga e remodela nossa percepção da realidade. Segundo ele, esses escritores adentram “as aleatórias profundezas cotidianas da vida popular”, levando a sério “o que quer que se encontra lá”,

agarrando-se ao concreto e recusando-se a sistematizar a experiência em conceitos.⁹

O grande atrativo para destilar a Escritura em verdades, valores morais e lições é simplesmente preguiça. O pastor preguiçoso não precisa mais se preocupar com os nomes, as cidades, os estranhos detalhes embaraçosos e os incômodos milagres que se recusam a encaixar-se numa compreensão moderna da boa vida. Em toda esta terra, os pastores transformaram seus estudos em “alambiques”, destilarias ilegais que extraem ideias e conceitos morais da narrativa abundante da Escritura. É claro que as pessoas amam isso. Elas vêm para encher suas vidas de pote de conserva com verdade pura, para que não tenham de lidar com os detalhes da Escritura ou com os detalhes de suas próprias vidas. Beber esse relâmpago branco puro elimina o laborioso problema de capinar o jardim, cavar para obter batatas, preparar e cozinhar refeições, comer e digerir. Esse líquido destilado vai diretamente para a corrente sanguínea e dá um rápido ímpeto de alegria. Porém, na verdade, ele é veneno. Não somos construídos, biológica ou espiritualmente, para a ingestão dessa coisa 100% pura. Temos sistemas digestivos mentais-emocionais com complicadas interligações que percebem e saboreiam uma enorme variedade de palavras e sentenças, histórias e canções, as ruminam e assimilam todas as vitaminas, enzimas e calorias que nos dão uma vida saudável.

A prática de destilar verdades da Escritura é a marca registrada do gnóstico, para quem o assunto é mau e a história é inconveniente: todas as peças de rocha e argumento com arestas afiadas, a confusão circunstancial de pessoas que estão atrasadas e convidados que chegam cedo, antepassados que colecionavam prepúcios de filisteus, um Messias que iniciou seu ministério transformando água em vinho para os convidados de um casamento que já haviam bebido muito (um milagre frívolo impossível de explicar a pessoas sérias) e morreu sangrando e clamando por água, dizendo, a quem quer que ainda estivesse por perto para ouvir, que Deus o havia abandonado. Gnósticos não têm estômago para esse tipo de mundanidade e paradoxo. Eles aspiram ao espiritual e ao belo. Eles se envolvem em intrincadas maquinações mentais de como as coisas podem ser levadas de volta à sua sublimidade original, verdades com elegantes simetrias e que podem ser dispostas em “degraus”, lições salpicadas com profundidades misteriosas que podem ser aplicadas como “princípios”. A Bíblia, na forma como a temos, não deve ser tolerada; ela precisa ser refinada. Nos primeiros séculos do cristianismo, o programa gnóstico era eliminar todas as Escrituras Hebraicas e estripar os Evangelhos. Das partes de São Paulo que tratavam de

teologia, eles gostavam muito. As propostas deles em lugar da Escritura podem ser lidas nos documentos descobertos em Nag Hammadi, Egito, em 1946:10 Jesus como guru, distanciando com segurança do comum e profano, proferindo serenamente verdades eternas. Essa é uma religião de salão de chá, onde “mulheres vêm e vão / Falando de Michelangelo” (T. S. Eliot).

Entretanto, a Escritura nunca chega a nós desse modo, e o modo como ela vem é tão importante para nós quanto o fato de ela chegar a nós. Nem a crise da Escritura, nem a crise de nossas vidas é abstrata; em vez disso, como Marc Chagal disse certa vez, “é uma crise de cor, textura, sangue e os elementos de discurso, vibrações etc. — os materiais com que a arte, assim como a vida, é construída”.¹¹

A oração é uma parte integral do estudo da Escritura, porque antevê o Espírito transportando seu leitor, através da página escrita, até o próprio Deus.

BREVARD CHILDS¹²

A Escritura é um antecedente para as nossas vidas fiéis, assim como vidas fiéis eram, para esses autores, um antecedente para as Escrituras.

PAUL HOLMER¹³

A reinterpretação de uma antiga Escritura entra numa rede de inteligibilidade... O próprio Jesus Cristo, exegese e exegeta da Escritura, é manifestado como logos ao abrir a compreensão das Escrituras.

PAUL RICOEUR¹⁴

Uma mente hermenêuticamente treinada precisa ser, desde o início, sensível à qualidade de novidade do texto.

HANS-GEORG GADAMER¹⁵

Você não consegue ouvir Deus falar a outra pessoa; você só consegue ouvi-lo se ele estiver se dirigindo a você.

LUDWIG WITTGENSTEIN¹⁶

Pareceu-me intrigante quão fortemente ligados à Bíblia vocês parecem ser e, ainda assim, quão semelhantemente aos pagãos vocês lidam com ela. O grande desafio àqueles de nós que desejam levar a Bíblia a sério é deixá-la ensinar-nos as suas próprias categorias essenciais; e, então, pensar com elas, em vez de apenas sobre elas.

ABRAHAM HESCHEL¹⁷

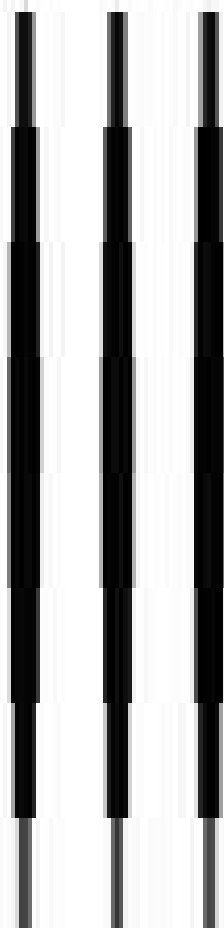
Um ensaio que li certa vez me deu a imagem segundo a qual, desde então, tenho mantido uma consciência bem definida do que é distintivo na leitura da Escritura. Walker Percy escreveu o ensaio e o intitulou *The Message in the Bottle* [a mensagem na garrafa].¹⁸ Ele o escreveu após anos de reflexão sobre a natureza da linguagem e as diferentes maneiras como a usamos. Seu ensaio tem a forma de uma parábola estendida. Presumo que o que ele escreveu tenha sido seminal na formação de sua própria vocação como romancista usando a linguagem para dizer a verdade, não apenas para informar sobre o estado da nação. Eu sou um pastor, não um romancista; por isso, minha relação com a linguagem não é exatamente comparável à dele. Mas pastores e romancistas têm pelo menos duas coisas em comum: nós dedicamos muito tempo a lidar com palavras; e acreditamos que as palavras são um meio pelo qual as pessoas são levadas a perceber a verdade sobre suas vidas. Nem todas as palavras, é claro. Algumas palavras são deliberadamente usadas para distrair da verdade, especialmente quando ela é difícil ou dolorosa. Algumas palavras são utilizadas para distorcer a verdade, especialmente quando a distorção é comercializável. E muitas palavras, talvez a maioria, não parecem fazer muita diferença no tocante à “verdade das nossas vidas”. Elas fazem parte de atravessar a rua, seguir as instruções para trocar o filtro da fomalha, ser aprovado num exame de física,

comprar brócolis. Contudo, nessa profusão de palavras, algumas emergem como radicalmente diferentes, dignas de reverência e admiração, porque nos dizem algo que, de outro modo, seria inacessível a nós e revelam a nós a verdade de nossas vidas.

É assim que eu leio as palavras da Escritura. Pelo menos, começo a lê-los dessa maneira. Penso que a maioria das pessoas faz isso. Porém, não com pouca frequência, derivo para outro tipo de leitura. Acordo-me fazendo perguntas: “Quem se importa com a cultura dos amorreus? Que diferença faz a cabeça calva de Eliseu? Se Paulo era tão inteligente, por que é tão ambíguo?”. Reflito sobre essa leitura e, digamos, a do jornal, duas leituras que, frequentemente, pratico em seguida uma da outra. Qual é exatamente a diferença? Eu nunca leio as partes do jornal em que não tenho interesse pessoal (os classificados, as cotações do mercado de ações); faço-o regularmente na Escritura (legislação cerimonial, pregação oracular). Nunca releio o jornal no dia seguinte, nem mesmo as partes especialmente bem escritas; releio continuamente a Escritura no dia seguinte, até mesmo as partes que não considero bem escritas (Crônicas, por exemplo). A parábola-ensaio de Walker Percy me deu uma maneira de entender essa diferença e guardá-la.

Penso ser comum não poder haver compreensão sem alguma congruência entre o escritor e o leitor na página impressa. Uma correta compreensão das palavras faz pouca diferença se as mentes não coincidem: uma receita de bouillabaisse não pode ser lida com precisão como as instruções codificadas para um tesouro enterrado; uma fábula moral não pode ser lida com precisão como um ensaio sobre criação de animais; um romance de Walker Percy não pode ser lido com precisão como um entretenimento gótico; e a Sagrada Escritura não pode ser lida com precisão como um livro religioso. Em cada um desses casos seria possível ler plausivelmente as palavras da maneira equivocada que indiquei. Habitualmente, elas não são — exceto a Escritura, que, quase sempre, é lida como um livro sobre Deus e princípios morais. E, por algum motivo ou por outro, os pastores estão na vanguarda desses leitores equivocados.

Como aprendi no ensaio de Percy, eu o adaptei e revisei, relendo-o e, depois, reescrevendo-o como um pastor aprendendo a ler a Escritura em conformidade com a sua natureza. No processo, deixei de fora a maioria das sutilezas presentes em *The Message in a Bottle* e temo ter entorpecido grande parte da perspicácia dessa parábola agudamente imaginada. Porém, espero que Percy não desaprove totalmente a adaptação que fiz dela para meu ofício pastoral.



Era uma vez uma ilha. Era uma grande ilha — suficientemente grande para que sua população heterogênea pudesse ser agrupada em várias comunidades numa variedade de locais com diferentes topografias, mas não tão grande para que qualquer parte dela não fosse conhecida por todas as outras partes e, é claro, todas compartilhavam as praias que a contornavam. A ilha era muito agradável e todos pareciam contentes por estar nela. Como ocorre com as ilhas, ela era rodeada pelo desconhecido. Com exceção de pequenas balsas e canoas que eram usados para pescar e velejar ao longo das praias, ninguém nunca deixou a ilha ou sequer pensou em fazê-lo. Todos os habitantes da ilha eram descendentes de náufragos. Entretanto, a memória do naufrágio que os colocou na ilha era muito fraca. Nenhuma história era contada sobre ele. Aquilo não estava registrado nas histórias. Oficialmente, era negado, porque pareceria prejudicar a conveniência e a integridade do lugar.

Esses ilhéus eram um povo curioso e inteligente. Eles haviam identificado, estudado e classificado todas as plantas e os animais. Eles haviam examinado as rochas e mapeado as colinas e os córregos. Eles sabiam os nomes e os locais de nidificação de todas as aves. Eles estavam familiarizados com os rituais de acasalamento dos mamíferos e os cuidados que eles dispensavam aos filhotes. Eles sabiam quando as flores desabrochavam e durante quanto tempo, quais castanhas eram boas para comer, quais raízes tinham propriedades medicinais. A terra que estava sob seus pés era apreciada e compreendido — denominada. Dava-lhes um profundo senso de orientação e satisfação saber como chamar tudo que eles viam.

Enquanto faziam isso, eles também tiveram o cuidado de transmitir esse conhecimento de geração para geração. Eles haviam aprendido como ensinar as mentes jovens a compreenderem o que os mais velhos compreendiam. Seu sistema escolar era maravilhoso: eles falavam de maneiras explicativas e orientadoras, para que não houvesse qualquer deslize entre a ignorância jovem e conhecimento maduro. O desenvolvimento de uma linguagem para esse propósito foi uma grande conquista, pois envolvia sutilezas muito maiores do que as envolvidas em distinguir variedades de pardais — eles tinham de levar em conta sentimentos, o crescimento lento e incerto de ideias, a expressão de atitudes difíceis de transmitir. Mas eles o fizeram. Não havia conflito de gerações na ilha. Eles exerciam uma grande habilidade em falar uns com os outros sobre o que eles sabiam do mundo e em usar essas conversas para levar as

crescentes capacidades para a linguagem dos jovens até ao nível dos mais velhos.

Eles eram bons também em usar essa linguagem uns com os outros — esposas com maridos, empregadores com empregados, irmãos com irmãs. Mesmo com todas as complicações de autoridade, amor e rivalidade, nunca havia mal-entendidos na ilha. Eles eram capazes de dizer exatamente o que queriam dizer e ouvir com precisão o que era dito. É claro que disputas e brigas de vez em quando, sendo as pessoas o que são, mas isso ocorria porque elas não concordavam em alguma coisa. Nunca se ouviu dizer que alguém saiu dessas brigas dizendo: “Ela simplesmente não me entende” ou “Por que ele não entende?”. Eles não realizavam seminários para aprimorar as habilidades de comunicação. Entre eles, isso não existia.

Essa perícia em linguagem atingia sua demonstração mais impressionante em seu discurso político e comunitário. Eles tinham uma constituição e outros documentos públicos que todos compreendiam: vastas áreas de experiência e relacionamentos sociais foram resumidas em palavras e frases para que todos tivessem uma boa ideia do que estava acontecendo. Eles eram capazes de falar sobre grandes temas como justiça, virtude, paz e até mesmo felicidade, e cada um sabia de que o outro estava falando. Quando a maturidade em desenvolvimento da população necessitava de alguma alteração em suas expectativas ou percepções comunitárias, eles eram capazes de decretar aquilo legislativamente em palavras que expressavam um consenso das sábias percepções da comunidade. Ocasionalmente, eles se reuniam e comemoravam essas formulações verbais em desfiles e piqueniques.

Aquela era uma ilha muito simpática, especialmente se você se preocupava com a linguagem. Os cientistas pareciam estar a par de tudo que estava acontecendo e o descreviam com precisão. Estar nas escolas era uma delícia, com professores e alunos em diálogo amigável e prazeroso. As famílias se compreendiam, mesmo quando não se gostavam. Ao ouvir conversas e discussões ocorridas em câmaras governamentais e salas de reuniões de empresas, a clareza e elegância com que a língua era falada era impressionante.

(Uma das omissões marcantes do uso da palavra na ilha ocorria na publicidade e nas relações públicas. Fato curioso: nesse povo que se comunicava tão bem que não havia indústria da comunicação. Uma vez que tudo era bem identificado e havia uma troca de informações aberta, honesta e precisa em todos os níveis da

sociedade, aparentemente não havia necessidade de alguém dizer algo num tom de voz que não fosse normal no curso natural de um encontro. Como resultado, embora fossem usadas extremamente bem, as palavras não eram usadas com tanta frequência; assim, a prática da língua incluía muito mais silêncio do que o experimentado pelos não-ilhéus).

Certo dia, uma garrafa verde chegou à praia na crista de uma onda e caiu na areia. Um ilhéu estava lá e pegou-a. Ele notou um pedaço de papel dentro dela, tirou-o e leu: “A ajuda está chegando”. Estranho. Ele nunca havia lido ou ouvido algo parecido. Todas as suas necessidades estavam supridas. O mundo-ilha era totalmente feliz e autossuficiente. O ilhéu nunca havia suposto precisar de ajuda. Ao mesmo tempo, a mensagem de quatro palavras tocou nele algum nível de consciência que ele sabia denominar. Ele ficou intrigado. Olhou todo o horizonte, doce e inexpressivo como sempre, e nada viu de diferente. Ele enterrou o papel biodegradável na areia, jogou a garrafa num barril de reciclagem na borda de uma duna, voltou para casa e nada disse sobre aquilo a pessoa alguma. Algumas semanas depois, caminhando na mesma praia, o homem pegou outra garrafa. Também nessa garrafa havia uma mensagem, que dizia: “A ajuda chegará em breve, não desista”. Duas vezes não é um acidente. Ele contou a um amigo. Eles foram à praia juntos. Há muito eles apreciavam a sensação da areia, a curva e a cor das conchas, as retumbantes ondas rítmicas; mas, agora, eles se viram procurando garrafas. Ocasionalmente, encontravam uma, como sempre com a mensagem absurda: “A ajuda saiu ontem”; “Anime-se, a ajuda certamente chegará”. Absurda, porque eles não precisavam de ajuda. Não obstante, manhã após manhã eles estavam ali, procurando, lendo aqueles fragmentos de mensagens que lhes diziam algo que eles nunca souberam querer ouvir. A notícia se espalhou. Especialmente nas manhãs de domingo, muitas pessoas se reuniam na praia, atentas às ondas, imaginando se a próxima traria uma garrafa com uma mensagem dentro. Semanas se passavam sem uma garrafa sequer e, em seguida, duas ou três davam à praia juntas.

A maioria das pessoas não conseguia entender o porquê da agitação. Com uma ilha cheia de livros bem escritos, dicionários cuidadosamente editados e manuais claramente redigidos, eles tinham informações e explicações para tudo que já haviam visto e com que tiveram de lidar. Por que alguém perambularia por uma praia gelada de manhã, esperando por uma mensagem enigmática a respeito de coisa alguma?

Porém, aqueles que se encontravam na praia compartilhavam uma curiosidade e

admiração difícil de descrever, que era nova para eles no uso da linguagem. Naquelas mensagens das garrafas estavam sendo usadas palavras de maneiras que eles nunca haviam experimentado — para mostrar não o que existia, mas o que não existia. Alguém estava dizendo algo que eles não entendiam e não se dignava a explicar, informar ou convencer. Curiosamente, esse uso da linguagem de uma maneira que eles não entendiam exerceu sobre eles uma atração mais forte do que a linguagem que eles entendiam. A linguagem não era a mais racional das atividades humanas? Como ela poderia prender sua atenção tão eficazmente quando não os estava fazendo compreender? Eles não estavam aprendendo coisa alguma com as mensagens. Eles estavam sendo abordados por alguém desconhecido que lhes estava dizendo algo de que eles não sabiam necessitar. O mundo era maior, aparentemente muito maior, do que qualquer coisa para a qual a sua linguagem já fornecera evidências. E talvez suas vidas fossem maiores do que aquilo a que a linguagem da ilha dava expressão. Era isso o que os atraía de volta à praia naquelas manhãs e mantinha sua atenção nas ondas ritualizadas contra o horizonte enigmático. As mensagens das garrafas haviam agitado neles algo que eles não sabiam existir — uma sensação de que a vida poderia ser muito mais do que a linguagem da ilha havia expressado, de que havia mais fora da ilha do que dentro dela. Do outro lado daqueles mares, alguém estava lhes dizendo alguma coisa que soava como a diferença entre a vida e a morte ou, pelo menos, entre ser ajudado e ser indefeso. Eles quiseram saber o máximo possível sobre isso.

Os rabiscos estranhos incorporaram poder e passaram a significar muito mais para eles do que todos os livros, notas e boletins que mantinham o sistema de comunicações de sua ilha operando com tão impecável eficiência.

Contudo, é da natureza dessas palavras nos dizer não o que existe, mas o que não existe — pelo menos, o que ainda não reconhecemos como existente. É do talento dessas palavras nos trazer uma mensagem além dos limites de nossa compreensão, não melhorar os nossos sistemas de comunicação. É do caráter dessas palavras nos alcançar desde além dos horizontes de nossa capacidade e invadir o que havíamos suposto ser uma ilha autossuficiente em discurso.

Pouco importa que a mensagem seja fragmentada.

Pouco importa que não consigamos descobrir todos os referenciais.

Pouco importa que não consigamos organizá-la para formar algo

sistematicamente completo.

O que importa é que ela nos liga a um mundo maior, talvez um continente.

O que importa é que ela anuncia ajuda para sair de uma mera existência numa ilha* — eficiente, suave, científica, harmoniosa — na qual o indivíduo conhece tudo, exceto a si mesmo. E ao seu Deus.

O que não devo fazer é levar a mensagem da garrafa e inseri-la no catálogo da biblioteca. O que não devo fazer é tirar a mensagem para fora da garrafa e estudar a garrafa, analisar sua composição química e reconstruir a técnica de sopro de vidro que lhe deu forma. O que não devo fazer é uma comparação redutora da mensagem na garrafa às concisas notas da ilha e, condescendentemente reescrevê-la porque “não se comunica muito bem”.

Na maioria das manhãs, em muitas das praias da ilha, há pessoas caminhando, com a imaginação atenta, procurando garrafas com uma mensagem dentro. Nas manhãs de domingo, elas se reúnem em algumas praias designadas e leem umas às outras, o que foi recolhido ao longo dos anos. Muita gente da ilha ainda tem de descobrir o porquê de todo o rebuliço.

terceiro ângulo

ORIENTAÇÃO ESPIRITUAL

VII Sendo um orientador espiritual

A cultura nos condiciona a abordar pessoas e situações como jornalistas: ver o grande, explorar a crise, editar e abreviar o lugar-comum, entrevistar o glamoroso. Por outro lado, as Escrituras e as nossas melhores tradições pastorais nos ensinam uma abordagem diferente: observar o pequeno, perseverar no lugar-comum, apreciar o obscuro.

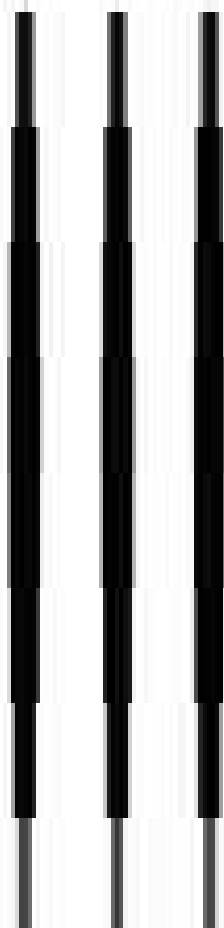
Em seu maravilhoso livro *Mimesis*, Erich Auerbach via a importância da fé cristã como “o nascimento de um movimento espiritual nas profundezas das pessoas comuns, a partir do íntimo das ocorrências cotidianas da vida contemporânea...”.¹ Ele prosseguiu contrastando o movimento cristão à conquista romana original: “Os agentes do cristianismo não simplesmente organizam uma administração a partir de cima, deixando tudo mais à mercê de seu desenvolvimento natural; eles têm o dever de se interessar pelo detalhe específico de incidentes cotidianos; a cristianização está diretamente relacionada, e diz respeito, ao indivíduo e ao evento individual”.²

A orientação espiritual é o aspecto de ministério que explora e desenvolve essa atenção absorvente e devoto “ao detalhe específico de incidentes cotidianos”, “às ocorrências diárias da vida contemporânea”. Ela se opõe e resiste à pressão de moldar o trabalho pastoral segundo o padrão da “conquista romana”.

A orientação espiritual é a tarefa de ajudar uma pessoa a levar a sério o que é tratado com desdém pela mente apaixonada pela publicidade e saciada pela crise; e, depois, receber esse “material misturado, aleatório da vida” (novamente nas palavras de Auerbach) como matéria-prima para uma grande santidade.

A orientação espiritual ocorre quando duas pessoas concordam em dar sua total atenção ao que Deus está fazendo na vida de uma delas (ou das duas) e procuram responder com fé. Mais frequentemente, para os pastores essas atenções convergentes e devotas são breves e não planejadas; outras vezes, elas são conversas planejadas e estruturadas. Quer planejadas ou não, três convicções minam essas reuniões: (1) Deus está sempre fazendo algo: uma graça ativa está moldando essa vida para uma salvação madura; (2) responder a Deus não é pura

adivinhação: ao longo dos séculos, a comunidade cristã adquiriu sabedoria que fornece orientação; (3) cada alma é única: nenhuma sabedoria pode ser simplesmente aplicada sem discernir as particularidades dessa vida, dessa situação.



Há vários anos tenho conversado com amigos e colegas sobre orientação espiritual. Muitos não estão familiarizados com o termo e ficam apreensivos quanto às suas implicações. A maioria não pensa estar qualificada para ela. Contudo, quando falamos sobre o que eles estão realmente fazendo, uma quantidade surpreendente daquilo é orientação espiritual. Porém, quase sempre ocorre também que aquilo que eu denomino orientação espiritual é o que eles estão fazendo quando pensam estar fazendo nada de importante. Ela é o que ocorre nos cantos, nas partes não programadas de seu dia. Ela é feita de improviso. E eles fazem menos dela do que poderiam, porque sua agenda está tão lotada ou por estarem intensamente envolvidos na conclusão de uma tarefa ou de um projeto. Penso que muitos pastores fariam muito mais orientação espiritual, com mais consistência e mais habilidade, se percebessem quão mais importante ela é do que os nossos professores nos disseram, e quão grande lugar no ministério pastoral ela sempre ocupou em séculos passados.

Acontece que nenhuma das pessoas com quem eu falo rejeita deliberadamente o trabalho de orientação espiritual, nem demora muito para se envolver nele de um modo ou de outro. Ainda assim, de modo geral, ela é uma atividade marginal para a maioria. Ser um orientador espiritual costumava ser de grande vulto central no trabalho comum de todo pastor, mas, em nossos tempos, foi empurrado para a periferia do ministério.

Ironicamente, esse é o trabalho que muitas pessoas presumem que os pastores fazem o tempo todo: ensinar as pessoas a orar, ajudar paroquianos a discernir a presença da graça em eventos e sentimentos, afirmar a presença central de Deus na vida, compartilhar uma busca de luz numa passagem escura da peregrinação, orientar a formação de uma compreensão de si mesmo que é biblicamente espiritual, não meramente psicológica ou sociológica.

Mas os pastores não fazem isso o tempo todo ou sequer durante um tempo suficiente. Alguns não o fazem com muita frequência porque não têm tempo para isso, ou não pensam ter tempo para isso, o que dá no mesmo. Outros o eliminam por não terem ideia de como ele é importante. Todavia, sempre que ele é feito há um reconhecimento instintivo de que esse trabalho está bem no centro da vocação pastoral.

Orientação espiritual significa levar a sério, com atenção e imaginação

disciplinadas, o que os outros tomam com leviandade. Frequentemente, “ore por mim” é uma observação casual. O orientador espiritual lhe dá total atenção. Todos os momentos da vida em que a consciência de Deus rompe a crosta de nossas rotinas — uma explosão de louvor, uma pontada de culpa, um episódio de dúvida, tédio no culto — ocorrem o tempo todo e são mencionados de vez em quando de maneiras parcialmente sérias enquanto estamos na correria para algo grande ou importante. Ser um orientador espiritual significa uma prontidão para abrir espaço e arranjar tempo para lançar um olhar sobre esses elementos de nossa vida que não são, de modo algum, periféricos, e sim centrais — sinais discretos de transcendência. Denominando, atentando e conversando, ensinamos nossos amigos a “ler o Espírito” e não apenas os jornais.

Um amigo fez isso por mim recentemente. Eu havia voltado à minha paróquia após várias semanas afastado. Um dos presbíteros me encontrou e disse: “Ervas daninhas brotaram no jardim enquanto você estava fora”. Ele deu detalhes: críticas destrutivas sobre pequenas coisas, comentários de detecção de falhas em mim — nada substancial, mas o tipo de coisa que pode evoluir para uma atmosfera de inquietação suspeita e desconfiada. Fiquei magoado e decepcionado. Depois, fiquei com raiva. Tudo estava funcionando sem problemas quando eu saí. Agora, um punhado de pessoas com alguma conversa descuidada e talvez maliciosa havia causado uma comoção. O presbítero me aconselhou a cuidar disso imediatamente para preservar a paz e unidade da igreja. Confrontar, explicar, alisar, animar um pouco enquanto isso. Ele não queria que eu ou o meu ministério fôssemos desvirtuados. E ele não queria a vida da igreja fosse perturbada. Concordei. Fiz planos para acalmar as águas. Nesse ponto, um amigo introduziu na ação a orientação espiritual. Ele me pediu para resumir o que estava acontecendo. Isso foi fácil: eu estava irado com o que fora dito a meu respeito, pessoalmente, e preocupado com as sementes de dissidência presentes na congregação. O que eu faria a respeito? Confrontaria as pessoas que estavam me criticando pelas costas e as obrigaria a tratar comigo face a face. E reconstruiria a paz da congregação por meio de visitação e pregação. Na verdade, era trabalho pastoral de rotina. Ele interrompeu a minha abordagem convencional. “Você não acha que pode haver mais em sua raiva do que uma justa indignação? Você não acha que poderia ser um sintoma de soberba que você não sabia que tinha? Por que você não explora as dimensões e ramificações da sua raiva? Quanto à inquietação, e se o Espírito estiver preparando algo novo na congregação? E se as marolas nas águas até recentemente suaves forem causadas pelo vento do Espírito, não pelos sussurros dos críticos? Não será possível que você esteja trabalhando por uma paz

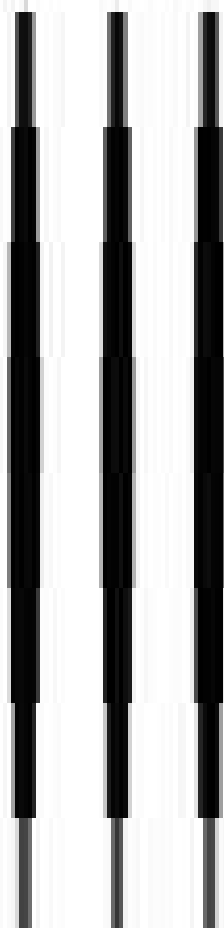
prematura e sem graça quando algo profundamente criativo está em ação?”. Ele chamou a raiva de pecado; discerniu a inquietação como o Espírito. Ele me orientou ao trabalho essencial de lidar com o meu pecado e responder ao Espírito. As coisas que eu me propusera a fazer ainda tinham de ser feitas, mas eram meras notas de rodapé diante da grande obra que ele colocou diante de mim. Ele me orientou para o óbvio, mas, em minha paixão por limpar-me e ter uma congregação sorridentemente harmoniosa, não havia percebido o óbvio. É por isso que o trabalho de orientação espiritual é essencial — porque temos de lidar com o óbvio, com o pecado e com o Espírito, e preferimos lidar com a maioria das outras coisas.

Nesses momentos em que estamos conversando com outra pessoa e o espírito e toca espírito, “o profundo apelando ao profundo”, frequentemente há uma percepção confirmatória de que estamos fazendo o nosso melhor trabalho. Por isso, ninguém precisa nos dizer para fazê-lo; pelo menos, a maioria de nós não precisa disso. Para a maioria dos pastores, ser um orientador espiritual não significa introduzir uma nova regra ou acrescentar outro item às nossas hiperextensas descrições de função, mas simplesmente reorganizar a nossa perspectiva: ver certos atos como eternos e não efêmeros, como essenciais e não acidentais. Os orientadores espirituais eram importantes no passado porque atentavam ao que todos concordavam ser importante; eles são importantes agora porque são as únicas pessoas restantes que confirmam as visões e os anseios que todos, em momentos evasivos, pensam que poderiam ser importantes, mas são afastados por especialistas urgentes e apressados a caminho de sua sessão de terapia ou reunião de comitê. Diante de tantas outras coisas clamando por atenção, esses anseios e necessidades de voz tímida, formulados com pedidos de desculpa, são ignorados. O orientador espiritual é encarregado de atender a essas necessidades silenciosas.

Eu estava reunido com meu amigo Tom, pastor numa cidade vizinha. No meio da manhã, atravessamos a rua até uma lanchonete para tomar uma xícara de café. Fui ao banheiro e, ao voltar, encontrei Tom conversando seriamente com a garçonete. Retardei minha volta pegando um jornal e folheando-o, para não interrompê-los. A conversa durou talvez três minutos. De volta à mesa, quando estávamos terminando nosso café, comentei sobre a aparência de intensidade dos dois. Tom foi melancólico ao falar sobre como, com frequência, aquela garçonete evocava o melhor nele por suas perguntas e interesse em Deus. Então, ele disse: “Eu gostaria de poder passar muito mais tempo fazendo esse tipo de coisa. Às vezes, tenho a sensação de ser mais pastor nesta lanchonete do que no

escritório de minha igreja”. Eu lhe perguntei: “Então, por que cargas d’água você não faz mais disso?”. Ele olhou para mim com uma espécie de surpresa: “Onde eu conseguiria tempo? Além disso, não é para fazer isso que eles estão me pagando, é?”.

Isso me parece escandalosamente errado — que Tom devesse aquiescer com uma visão de para que ele está sendo pago, por isso o impede de se engajar naquilo que sempre se espera que os pastores pratiquem. Excesso de orientação espiritual é trabalho extemporâneo. Um número excessivo de pastores se envolve apenas superficialmente em orientação espiritual.



Porém, uma recuperação está em andamento. Mais e mais pastores estão agarrando essa velha identidade e tomando-a para si, recusando-se por mais tempo a deixá-la à margem de seus ministérios. O requisito básico para ser um orientador espiritual é simplesmente levar a sério o que já sabemos serem assuntos sérios — um sinal da graça aqui, um desejo de oração ali — e moldar a agenda do nosso trabalho segundo as almas das pessoas que encontramos, não às exigências que elas expressam.

A dificuldade em levar esses tipos de coisas a sério está em habitar uma atmosfera repleta de pressa e exigências. Os pastores praticam seu ofício em meio a um engarrafamento, barulhento das mágoas do povo, perigoso com ambições desenfreadas e urgências imprudentes, lotado de pessoas decididas a chegar aos seus destinos e raivosamente frustradas quando os outros se tornam obstáculos em seu caminho. Os pastores não são gurus indianos sentados silenciosamente num ashram, recebendo pessoas que viajam centenas e milhares de quilômetros para observá-los em posturas de santidade. Nada em nossa cultura e pouco em nossas igrejas nos incentiva no trabalho de orientação espiritual. Se ser um orientador espiritual é ser algo mais do que uma intenção melancolicamente procrastinada, isso só ocorrerá por oposição consciente aos “principados e potestades do ar”.

Um simples ato de denominação é parte da recuperação. “Orientação espiritual” não é o único termo adequado para descrever esse trabalho e eu não insisto nele. A denominação também não é essencial para todos. Sem dúvida, um número significativo de pastores nunca foi desviado desse trabalho central e nunca chegou a ouvir falar sobre orientação espiritual ou qualquer um de seus sinônimos.

Não obstante, denominar é importante. Frequentemente, o que não tem nome passa despercebido. Denominar focaliza a atenção. O nome preciso confere dignidade. Minha experiência mais memorável disso proveio de denominar pássaros. Conheço pássaros desde cedo e sabia citar alguns deles — pisco, corvo, pardal. Os que eu denominava, eu percebia (não o contrário). Eu estava ciente de que os pássaros estavam no ar, nos arbustos e nas árvores, mas nunca prestava muita atenção a eles. Então, tornei-me um observador de pássaros.

Aprendi a observar os pássaros, não apenas olhá-los de relance. Dentro de

poucas semanas, eu estava vendo uma enorme variedade de pássaros e percebendo quão extraordinariamente diferentes eles eram uns dos outros. Comecei a ficar admirado com o quanto ainda havia para saber, qual tempo de vida eu precisaria ter para chegar a um domínio, e a lamentar meu início tardio. Um novo mundo se abriu diante de meus olhos: cores, sons, padrões de voo. Mas aquilo sempre estivera lá. Por que agora eu via? Em grande parte, pela denominação. Sem uma taxonomia, uma ciência da denominação, eu não perceberia ou me lembraria do pipilo de olhos vermelhos, do papa-figos de Baltimore, da carriça de inverno, do pica-pau de Lewis.

Warren havia combinado falar comigo. Ele mesmo não estava experimentando o que observava em outros na vida cristã. Ele havia mantido silêncio sobre o assunto durante um longo tempo, pensando que deveria haver algo errado com ele. Ele se sentia monótono e desinteressante. Não havia um entusiasmo interior. Quando os outros falavam sobre graça, misericórdia, alegria e paz em Cristo, ele se sentia deixado de fora. Ele me contou sobre si mesmo. Fiquei sabendo de algo que ele não havia dito a qualquer outra pessoa: que havia em sua vida um importante relacionamento que era extremamente infeliz. Ele havia decidido simplesmente conviver com aquilo, não tentar sentir pena de si mesmo, seguir em frente da melhor maneira que conseguisse. Ele havia concluído que a outra pessoa do relacionamento estava emocionalmente doente e que não se poderia esperar uma melhora — mesmo assim, ele não deixaria de ter esperança. Ele seria corajoso em esperar. Eu escutei. Escutei um pouco mais. Nós oramos. Após várias semanas, arrisquei: “Você denominou essa pessoa ‘doente’. Isso implica que ninguém é responsável, mas, se nos esforçarmos o suficiente, poderemos encontrar um medicamento ou uma terapia que o faça melhorar. E se nós denominássemos a influência dele ‘inveja’? Isso significa que existe um desejo ativamente maligno operando. Você denominou a sua parte nisso ‘coragem’. E se nós a denominássemos ‘preguiça’, significando que você é demasiadamente preguiçoso para se dedicar ao esforço de oração numa guerra espiritual?”. O esclarecimento foi imediato. Por meio de um simples ato de denominação, ele discerniu a realidade de sua vida.

Privação emocional não causou a falta de entusiasmo em sua vida; um desejo maligno havia debilitado o seu espírito. Com orientação e encorajamento contínuos, ele desistiu da luta contra “carne e sangue” e assumiu a batalha contra os “principados” e as “potestades” (Ef 6.12) — e, gradualmente, começou a conhecer dentro de si mesmo o sentido de graça, misericórdia, alegria e paz em Cristo.

Ser um orientador espiritual significa perceber o familiar, denominar o particular. Ser conhecedor das grandes verdades do pecado, da graça, da salvação, da expiação e do juízo é necessário, mas não suficiente. Grande parte de nosso trabalho tem lugar nos detalhes do particular. É a diferença entre ter uma vaga consciência de que os pássaros estão em toda parte e denominar pássaros específicos. Toda tentação tem um olhar e uma nuance diferentes. Toda graça tem sua própria atmosfera e ângulo de refração. Em orientação espiritual, não aplicamos a verdade tanto quanto descobrimos tentações específicas e graças reais. Hábitos ocasionais e superficiais de julgar e rotular dão lugar às energias de uma imaginação disciplinada e uma atenção repleta de oração.

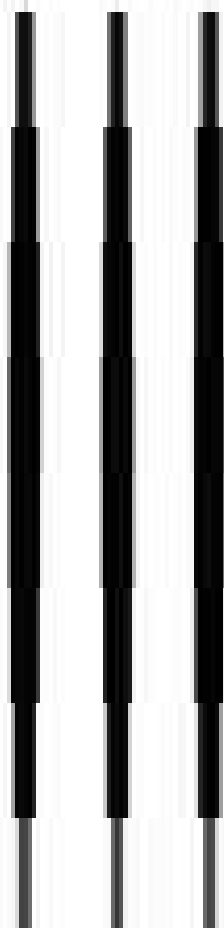
Para mim, a denominação trouxe clareza a questões que eram muito turvas. Eu havia crescido numa tradição que categorizava toda discussão da prática de oração e discernimento, e qualquer esforço para reconhecer a presença de Deus e orientar a formação da fé madura, com os rótulos “ajuda devocional” e “auxílio inspirador”. Qualquer um que tivesse algo útil para dizer, de natureza orientadora ou incentivadora, era jogado no latão devocional/inspirador. Acontece que muitas pessoas têm conselhos espirituais para dar aos seus irmãos e irmãs na fé. Qualquer experiência edificante adquirida ao jogar nos últimos dez minutos um jogo de futebol ou ao trocar uma fralda, qualquer pensamento devoto que ocorresse ao tomar um banho pela manhã se qualifica como texto. Uma pura sinceridade, não desfigurada pelas cicatrizes da sabedoria, confere autoridade para falar ou escrever com, como dizem, “todos os direitos e privilégios inerentes a ela”. Amplamente se considera que um sorriso vencedor compensa adequadamente a incapacidade de escrever. Pontos de exclamação liberalmente inseridos cobrem uma infinidade de deficiências sintáticas. Histórias graciosamente sentimentais fingindo mostrar uma busca da santidade são paródias embaraçosas dela. Quando sinceridade e sentimentalismo se encontram, “ajuda devocional” e “auxílio inspirador” vêm à existência.

Eu li dezenas desses livros, esperando aprender sobre a oração e a “sensação” de fé, para obter uma orientação sobre as sombrias complexidades da jornada da alma. Finalmente, porém, fiquei entediado com a escrita de terceira categoria e enojado com as desonestidades banais. Fui procurar mais substância na teologia, na história e na exegese hebraica e grega. Adotei uma postura de desdenhosa condescendência pelo inspirador e devocional. Contudo, o anseio de orientação continuava presente. A fome de companheirismo não passava. Arqueei, mas não cheguei a abandonar, a esperança por questões da vida espiritual, por mentores em oração, para companheiros experientes no itinerário da alma.

Então, comecei a encontrá-los, um por um, aqui e ali. Em cantos obscuros de bibliotecas, longe das prateleiras de best-sellers. Em pessoas tranquilas, fáceis de ignorar, bem distantes dos holofotes da promoção. Eu li. Eu escutei. Eu descobri pessoas que eram, ao mesmo tempo, sãs e devotas, disciplinadas e maduras, inteligentes e sábias. Não havia muitas delas, mas, certamente, existiam. Essas pessoas trouxeram uma inteligência feroz, uma imaginação moral disciplinada e uma maturidade espiritual fortemente provada às questões de Deus e da alma. Elas estavam lidando com as questões que eu levantava sempre que me dirigia ao âmago da fé, lutando para encontrar o meu caminho pessoal através das dificuldades da Escritura, dos mistérios da oração ou da “escura noite da alma”.

Fiquei encantado ao descobrir homens e mulheres com grandes almas pensando tenazmente e vivendo arduamente no âmago da vida. Entretanto, também fiquei surpreso: por que nenhum professor havia sequer mencionado o assunto da orientação espiritual? Por que nenhum pastor demonstrou um interesse não meramente superficial quando tentei expressar o que estava em meu íntimo? E, mais tarde, por que ninguém me disse que o trabalho essencial em que eu estaria ocupado como pastor tinha essa rica tradição de prática e aprendizagem, e que eu precisaria estar familiarizado com ela? Eles tiveram o suficiente cuidado para que eu aprendesse Escritura e teologia; por que mantiveram isso a distância de mim? Por que ninguém me deu um livro sobre pássaros e um binóculo? Foi ignorância ou indiferença? Eu nunca saberei.

Alguns anos atrás, uma publicação erudita dedicou uma edição a celebrar as realizações de um importante teólogo pastoral de nosso tempo, um professor que influenciou a forma do ministério, provavelmente tanto quanto qualquer outro da igreja dos EUA. De todos os artigos escritos em sua homenagem, nenhum mencionou oração ou orientação espiritual. Fui consultar os livros do professor, todos os quais possuo, e percorri os índices — não havia uma única parte sobre oração ou orientação espiritual. Isso vindo de um homem que está nos ensinando a ser pastores? Sem dúvida, a pressuposição é que você aprende essas coisas no colo de sua mãe ou na escola dominical; não é o tipo de coisa a que se dá atenção em pós-graduação, pelo amor de Deus.



Nicholas Berdyaev esclarece os motivos para a orientação espiritual nessa sentença: “Em certo sentido, toda alma humana tem mais significado e valor do que toda a história com seus impérios, suas guerras e revoluções, suas civilizações florescendo e desaparecendo”.³ No entanto, quem insistirá nesse significado e valor num mundo que anseia por generalizações e trata de comodidades? Meu voto vai para pastores que, em meio às suas outras funções, realizam o trabalho de orientação espiritual.

Qualquer cristão pode fazer isso, e muitos o fazem. Orientação espiritual não é prerrogativa do ministério ordenado. Alguns dos melhores orientadores espirituais são simplesmente amigos. Alguns dos mais famosos orientadores espirituais foram leigos. Porém, o fato de qualquer um poder praticá-la e de ela poder ocorrer a qualquer momento e lugar não deve ser interpretado como poder ser feito com descuido ou indiferença. Ela precisa ser praticada por uma vida imersa na busca de santidade.

O que é necessário é levarmos a mesma oração disciplinada e atenção com discernimento aos lugares-comuns que levamos à preparação de aulas e sermões, compartilhando crises de doença e morte, celebrando nascimentos e casamentos, lançando campanhas e despertando visões. Ela significa dirigir todo o foco de interesse repleto de oração às partes da vida que não recebem outro tipo de atenção. Ser um orientador espiritual é levar às partes comuns, enfadonhas e rotineiras de nossas vidas o mesmo cuidado, habilidade e intensidade que prontamente dedicamos às conversões e proclamações empolgantes.

A maior parte da orientação espiritual ocorre espontânea e informalmente em momentos não planejados, mas “corretos”. Recebi orientação espiritual de pessoas que não sabiam que a estavam dando enquanto esperavam um semáforo abrir, enquanto escalavam uma montanha, enquanto interrompiam uma tarefa para tomar café. Em retrospecto, é impressionante quão criticamente formativas acabaram sendo essas trocas não importantes, não programadas e encaixadas no tempo.

Ocasionalmente, isso se torna formalizado: organizam-se conversas em que duas pessoas buscam companheirismo, encorajamento e visão para buscar uma vida de oração, o desenvolvimento de uma vida de fé integrada e madura, a manutenção de uma cuidadosa atenção à ação de Deus em todos os momentos e

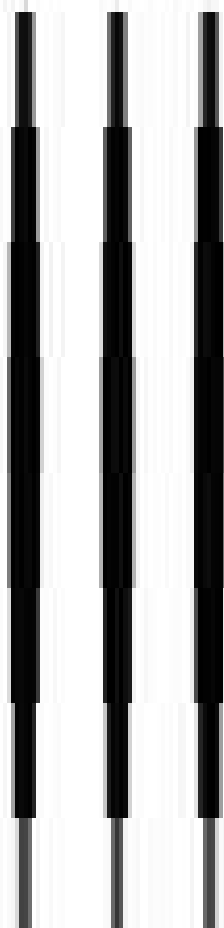
em tudo. Mas, excetuando-se os que são vocacionalmente separados para fornecer orientação espiritual em comunidades ou escolas, a orientação formalizada não será o que os pastores mais fazem. Pelo menos para mim, a orientação espiritual formal envolve apenas cinco ou seis pessoas com quem me reúno a intervalos de quatro a seis semanas.

Enquanto isso, os aspectos informais da orientação espiritual estão sempre presentes para os pastores. C. S. Lewis nos descreveu como “aquelas pessoas específicas dentro de toda a igreja que foram especialmente separadas para cuidar do que diz respeito a nós como criaturas que viverão eternamente”.⁴ As pessoas querem mais na fé, na vida, em Deus. Não é irracional que elas devam buscar orientação de seus pastores. E elas não esperam até entrarmos em nossos púlpitos para nos olhar e ouvir. Além dos limites de nossa consciência, quem somos e aquilo que dizemos pode ser crítico para qualquer pessoa a qualquer momento. Tanto por descuido quanto propositalmente, fazemos diferença. Perceber isso nos motiva a aprender as disciplinas da orientação espiritual. Com muita oração, cultivamos uma consciência de que Deus tem desígnios sobre certa pessoa, de que Deus está agindo em dada situação, de que Deus está realizando neste momento algum propósito há muito em andamento.

Essa é uma parte de nosso trabalho que resiste teimosamente às generalizações. Não obstante, arriscarei: as partes “não importantes” do ministério talvez sejam as mais importantes. As coisas que fazemos quando pensamos não estar fazendo qualquer coisa importante talvez façam mais diferença. Em minha própria vida, certamente é verdade que as pessoas que mais me ajudaram não estavam tentando me ajudar e não sabiam estar ajudando quando estavam.

Reciprocamente, as pessoas que mais se empenharam em ajudar eram, com frequência, de nenhuma ajuda. Aqueles que me tomaram como um projeto dificultaram a fé e, não raro, introduziram em minha vida obstáculos que levaram anos para ser superados.

Por sua própria natureza — obscura, diária, discreta, sem crise —, esse é o trabalho para o qual precisamos de mais incentivo se desejarmos mantê-lo no centro de nossa consciência e prática. Ele é, de fato, o trabalho para o qual recebemos o menor incentivo, por estar sempre sendo marginalizado pela mentalidade apressada, de desenvolvimento de carreira, dos nossos pares e pelas demandas apressadas, famintas de estímulo, dos nossos paroquianos.



Nossa lentidão para nos engajarmos no trabalho obscuro e sem glamour da orientação espiritual não é nova. Os aspectos mais públicos, exortativos e motivacionais do ministério sempre foram mais atraentes. No século primeiro, Paulo observou: “... ainda que tivésseis milhares de preceptores em Cristo, não teríeis, contudo, muitos pais...” (1Co 4.15). É mais fácil dizer às pessoas o que fazer do que estar com elas num companheirismo repleto de oração e discernimento enquanto elas o desenvolvem. A proporção desfavorável entre “preceptores” e “pais” não parece ter mudado em vinte séculos. Pelo contrário, ela é agravada pelo marketing de massa das ajudas espirituais. Pessoas em busca de orientação vão atrás de best-sellers, artigos de compilação, convidados de talk shows da televisão. Mas a própria natureza da vida de fé requer o pessoal e o imediato para amadurecermos: não só sabedoria, mas uma pessoa sábia para nos compreender em relação à sabedoria. Uma pessoa necessitada e em crescimento é vulnerável e aceita facilmente um conselho dado com sinceridade. Contudo, a ajuda que pode ser boa para outra pessoa, até mesmo certa para esta pessoa em outro momento, pode ser errada para esta pessoa neste momento. Por isso, a necessidade de orientação espiritual pessoal da congregação não pode ser delegada a livros, fitas ou vídeos. Ela é o trabalho adequado do pastor.

Há tantas maneiras diferentes de se envolver nesse trabalho quanto formatos de flocos de neve e tipos de flores. Nossa individualidade e a individualidade do outro aumentam nesses encontros e reuniões, de modo que é impossível predeterminar o que deve ser feito ou dito. Há, porém, uma postura básica que assumimos. Seria insensato esquecer por um momento que, nesse mister, somos pecadores que lidam com pecadores; ainda assim, a orientação primária é em direção a Deus, buscando a graça. É mais fácil buscar o pecado. As variantes do erro são finitas. Os “pecados mortais” podem ser contados; a virtude é que exhibe a interminável fertilidade da criação.

Um tema favorito de C. S. Lewis era que “o céu demonstrará muito mais variedade do que o inferno”. Todos os nossos erros acabam exibindo uma mesmice. Nada é tão desprovido de originalidade quanto o pecado. Porém, ao cultivarmos a prática da orientação espiritual, nos descobrimos trabalhando num campo em que o Espírito é inventivo e as formas da graça não são repetidas. Na aguda observação de George Eliot, nós “discernimos que a misteriosa complexidade de nossa vida não deve ser abraçada por máximas, e que atarmos-nos a fórmulas desse tipo é reprimir todas as incitações e inspirações divinas que

surgem de uma crescente percepção e simpatia”.⁵

VIII Obtendo um orientador espiritual

Entre os médicos existe um ditado de que o médico que é o seu próprio médico tem um tolo como médico. Entendo isso como significando que o cuidado com o corpo é complexo e requer um julgamento frio e imparcial. Nós não só temos corpos, nós somos corpos e, por isso, nenhum de nós é capaz de uma objetividade não viciosa acerca de nossos próprios corpos. Todos nós, inclusive os médicos, queremos mimo, não cura. Nós preferimos o conforto à boa saúde. E podemos nos enganar sobre nós mesmos incessantemente.

Se aqueles a quem é confiado o cuidado do corpo não podem ser confiáveis para cuidar de seus próprios corpos, muito menos podem aqueles a quem é confiado o cuidado das almas cuidar de suas próprias almas, que são ainda mais complexas do que corpos e têm uma capacidade correspondentemente maior de autoengano.

Durante um longo tempo da vida da igreja, as pessoas esperaram que o pastor, alguém encarregado de dar orientação pessoal e detalhada às pessoas que percorriam o caminho da fé e nele cresciam, recebesse uma orientação equivalente. Ter um orientador espiritual, quer fosse chamado por esse nome ou não, era presumido na descrição de função.¹ Isso não ocorre mais. Hoje, é raro encontrar um pastor que tenha um orientador espiritual.

Essa perda generalizada daquilo que era presumido em tempos mais saudáveis deixa o pastor num perigo enorme, embora habitualmente despercebido. E os destroços se acumulam: encontramos pastores que não oram, pastores que não crescem na fé, pastores que não conhecem a diferença entre a cultura e o Cristo, pastores que perseguem modismos, pastores que são cínicos e desgastados, pastores que, após vinte anos orando, sabem menos sobre oração do que sabiam no dia de sua ordenação, pastores com egos arrogantes descomunais inflados por anos de adulação de paroquianos bem-intencionados: “Grande sermão, Pastor... Oração maravilhosa, Pastor... Eu não teria conseguido sem você, Pastor...”

A posição de autoridade é perigosa. Em momentos memoráveis da vida — batismo, confirmação, casamento, reconciliação, morte —, os pastores estão vestidos de dignidade e representam a autoridade de Deus. Nós proclamamos a

Palavra autoritativa de Deus no púlpito, na mesa e na pia batismal. Todos os tipos e condições de pessoas vêm a nós e ouvem a palavra definitiva de Deus falada por nossas bocas. Elas expõem os pecados e mágoas de suas vidas culpadas, confiando em nosso sábio discernimento. Elas nos veem como pessoas de autoridade.

Porém, a prática de nossa fé envolve o exato oposto de empunhar a autoridade, ou seja, o exercício da obediência. A fé é um ato de submissão ao senhorio de Cristo, uma resposta com boa disposição aos seus mandamentos. Por mais que o nosso ofício pastoral exija falarmos e agirmos com autoridade no nome de nosso Senhor, nossa identidade cristã consiste em ser servo. Paulo, caracteristicamente, levou essa identidade o mais longe possível — escravo (Doulos). Porém, se estamos exercendo autoridade o tempo todo, quando temos uma oportunidade de praticar a obediência?

Nossa posição exige que atuemos com autoridade; nossa fé exige que vivamos em submissão. Enquanto estamos ocupados pregando os mandamentos do Senhor em nossas congregações e comunidades, quem está lá para representar a mesma autoridade para nós? Nossa robusta propensão ao orgulho é incitada uma dúzia de vezes por dia, sem alguém à vista para contê-la. Para os pastores, ter um orientador espiritual não é apenas agradável; é indispensável:

Todos deveriam conhecer a verdade de que ninguém é dotado de tamanha prudência e sabedoria a ponto de ser adequado a si mesmo na orientação de sua própria vida espiritual. A soberba é um guia cego e engana a muitos. A luz de nosso próprio julgamento é fraca e não conseguimos prever todos os perigos ou armadilhas e erros aos quais estamos propensos na vida do espírito.²

No melhor dos mundos possíveis, nenhum pastor “obteria” um orientador espiritual. Nós já teríamos um — não por nossa escolha ou inclinação, mas por atribuição. Pois o próprio ato de escolher um orientador espiritual para nós mesmos pode derrubar exatamente aquilo que estamos buscando. Se evitamos qualquer pessoa que percebemos que não será ternamente solidária aos “mais queridos ídolos que conhecemos” e optarmos por um aconchego conversacional, simplesmente dobramos nosso perigo. Porém, não vivemos no melhor dos

mundos possíveis, em que alguém cuida de nós nesses assuntos, e o perigo vocacional/espiritual em que o pastor vive é tão agudo que, perigoso ou não (mas muito conscientes do perigo), os pastores precisam obter orientadores espirituais. Nossa sanidade espiritual exige isso.

Para mim mesmo, obter um diretor espiritual significou superar uma vida toda de preconceito contra quem exercesse autoridade espiritual sobre mim. Eu escutava os mais velhos, é claro — pastores e mestres —, mas sempre nos meus termos: eu selecionava o que me agradava e rejeitava o restante.

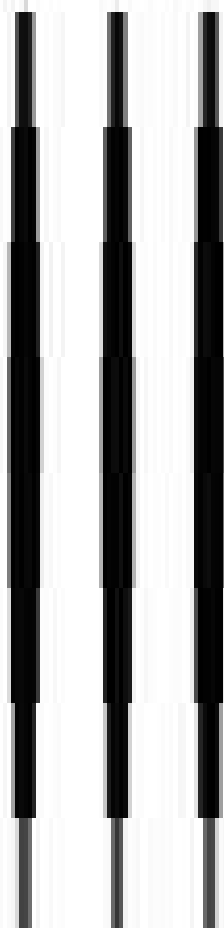
Do Monte Sião de Isaías ao Monte do Purgatório de Dante, à subida do Monte Carmelo por São João da Cruz, subir uma montanha tem sido uma metáfora para a vida de fé em desenvolvimento. Quando confrontados com uma montanha alta e difícil, a maioria dos alpinistas experientes se amarra uns aos outros para a subida. Há um alpinista líder qualificado; se alguém cai, há um sistema de segurança conectado. Porém, alguns alpinistas o seguem por conta própria. Eles se aventuram pela vegetação rasteira, descobrem laboriosamente cada dificuldade na montanha com livro-guia, mapa, bússola e muita tentativa e erro. Esses alpinistas também chegam ao cume, mas os acidentes e mortes são muito mais frequentes entre eles. Nas encostas mais baixas da montanha, nunca me ocorreu ter um guia. Contudo, a cerca de metade do caminho até o topo, alarmado com a quantidade de corpos mutilados e mortos de outros pastores que eu estava vendo, fiquei assustado. Ciente do perigo do empreendimento e de minha própria ignorância da montanha, decidi que precisava ter um guia hábil, um orientador espiritual. Penso que a maneira como o fiz pode ser mais bem explicada com uma anedota representativa.

Vinte e cinco anos atrás, em Baltimore, ouvi Pete Seeger tocar banjo de cinco cordas. Fui tomado pela convicção de que eu também precisava fazê-lo. Naquela época, eu cursava pós-graduação na Universidade Johns Hopkins e tinha pouco dinheiro, mas a pobreza não foi impedimento no ímpeto de tais urgências: na manhã seguinte, fui às lojas de penhor da Rua East Baltimore e comprei um banjo por onze dólares. Encontrei um manual de instruções numa loja de livros usados por cinquenta centavos. Eu estava pronto. Apliquei-me a arranhar e bater nas cordas e a dedilhar usando três dedos. Eu não tinha tempo e dinheiro para uma instrução formal, mas, em momentos livres entre seminários e trabalhos, eu me dedicava a produzir os sons e cantar as canções que Seeger havia introduzido em minha vida. Nos anos seguintes, o ímpeto do primeiro entusiasmo diminuiu. Eu me repetia muito. De vez em quando, eu pegava outro livro de instruções,

outro livro de canções.

Ocasionalmente, ia à nossa casa alguém que tocava banjo e eu aprendia uma nova técnica. Em tais momentos eu dava conta, fugazmente, de uma grande quantidade de conhecimentos que, para os banjoístas, já eram naturais. Eu reconhecia alguns dos itens encontrados em notas de rodapé e apêndices dos meus livros de instruções. Finalmente, acabei percebendo que, se quisesse avançar, eu teria de obter um professor. Não se tratava de eu não ter conhecimento — minha pilha de livros de instruções já estava bem alta. Não se tratava de eu não ter o material — já havia muito mais músicas em meus livros do que eu jamais conseguiria aprender bem. Mas eu não parecia ser capaz de pegar o jeito apenas lendo a respeito.

Ainda não contratei um professor. Nunca foi o momento certo. Eu procrastinei. Ainda estou dedilhando e cantando as mesmas canções que aprendi nos primeiros anos. O som vivo e cintilante do banjo, que nunca deixou de fazer pés sapatearem e de causar ondas de riso, agora aborrece minha esposa e filhos até às lágrimas. Eu mesmo não fico nem um pouco entediado. Ainda pretendo obter um professor.



Um desejo de oração se acendeu cedo em minha vida. Quando as brasas esfriavam, como faziam de tempos em tempos, eu aplicava o fole de uma palestra, um livro, uma oficina ou uma conferência. O movimento evangélico, no qual cresci, exortava frequentemente a orar. De muitas e variadas maneiras, disseram-me que a oração era urgente. Havia também uma grande quantidade de material didático sobre oração, a maioria dele em livros. Eu respondia às exortações e lia os livros. Entretanto, por mais úteis que esses recursos tenham sido para me iniciar e estabelecer, chegou um momento em que senti a necessidade de algo diferente — algo mais pessoal, mais íntimo.

O que seria? Ao tatear para obter esclarecimento sobre o que eu queria, descobri o que eu não queria. Eu não queria um conselheiro ou terapeuta. Eu não tinha conhecimento de qualquer neurose incapacitante que precisasse ser remediada. Eu não queria informações; eu já sabia muito mais do que praticava. Não era por falta de conhecimento que eu estava inquieto. E não era exatamente um amigo o que eu queria, uma pessoa com quem eu pudesse desafogar minhas esperanças e medos íntimos quando tivesse vontade.

Meu senso de necessidade era vago e sem foco. Não obstante, aquilo tinha a ver com meu desenvolvimento na oração e meu crescimento na fé — eu sabia disso. Também tinha a ver com o que Francisco de Sales chamou “as emboscadas e enganos do maligno”.³ Porém, eu não sabia como consegui-lo. Comecei a orar por alguém que me guiasse nas partes essenciais, formativas de minha vida: minha percepção de Deus, minha prática de oração, meu entendimento da graça. Eu queria alguém que levasse minha vida de oração e minha peregrinação com Cristo tão a sério (ou mais a sério) do que eu, que fosse capaz de calar-se o tempo suficiente para ouvir a distinta singularidade de minha espiritualidade, e que tivesse um freio suficientemente disciplinado para não me impor uma forma exterior.

Eu havia lido em livros que, nos séculos anteriores, os orientadores espirituais constituíam uma parte normal da vida de fé. Eu sabia também que, em outras tradições, era impensável as pessoas que tivessem qualquer tipo de responsabilidade de liderança na vida de oração atuassem sem ter um orientador espiritual. As intensidades espirituais eram perigosas e o coração, desesperadamente perverso; quem entrava na jaula do leão da oração necessitava de orientação pessoal constante. Entretanto, assim como as notas de rodapé e os

anexos de meus livros de banjo, esse conhecimento estava fora da órbita de minhas associações e experiência.

Além disso, eu gosto de fazer as coisas por conta própria. Descobri-las. Dominar habilidades. Jejuar. Trançar os dedos e girar os polegares. Meditar. Isso tudo era certo para uma pessoa não instruída ou desmotivada para obter ajuda, mas não era o meu caso. “Só Jesus e eu” estava profundamente enraizado em minha compreensão da vida cristã madura. O objetivo era a independência de todo relacionamento humano e somente a intimidade com Cristo.

Todavia, indo na contramão da formação e da inclinação, encontrei-me com uma oração focada: “Leve-me a um orientador espiritual”. Considerei vários amigos e conhecidos. De algum modo, nenhum deles parecia ser o certo. Percebi que eles não entenderiam as minhas necessidades. Posso ter me enganado nisso — num dos casos, agora sei que sim. Porém, ninguém parecia ser a resposta à minha oração por um orientador espiritual.

Eu não estava com pressa. Mantive-me alerta. No decorrer dessa espera e observação, conheci um homem que, gradualmente, passei a sentir ser a pessoa que poderia ser meu orientador espiritual. Quanto mais o conheci, mais confiante me tornei de que ele me entenderia e me guiaria com sabedoria.

Nesse ponto, surpreendi-me grandemente: eu não lhe pedi. Eu estava convencido de que necessitava de um orientador espiritual. Eu estava razoavelmente certo de que essa pessoa seria um bom orientador para mim. E, de repente, senti uma grande relutância em aproximar-me dele. Nós nos encontrávamos muito regularmente e, por isso, tive frequentes oportunidades para me aproximar dele. Mas eu procrastinei.

Não demorou muito tempo para que eu chegasse à raiz da minha relutância: eu não queria compartilhar o que era mais essencial para mim. Eu queria manter o controle. Eu queria ser o chefe. Frequentemente eu havia sentido e, às vezes, me queixado da solidão da oração, mas agora havia encontrado prazeres inconscientemente queridos de que eu detestava abrir mão — um tipo de espiritualidade elitista alimentada pela incompreensão ou o mau entendimento de pessoas de fora, mas que desapareceria no momento em que alguém compreendesse e entendesse. Eu queria estar no comando de minha vida interior. Eu queria ter a última palavra em meu relacionamento com Deus.

Eu não tinha ideia de ter esses sentimentos. Fiquei genuinamente surpreso com sua intensidade. Tentei a rota da racionalização teológica: que Cristo era o meu mediador, que o Espírito estava orando profundamente em meu interior, além das palavras, e que um orientador espiritual interferiria nesses relacionamentos primários. Entretanto, embora a teologia fosse segura, a relevância para o meu estado não era. O que detectei em mim não era uma luta por integridade teológica, mas uma batalha com orgulho espiritual.

Levei exatamente um ano para pedir a John para ser meu orientador espiritual. Porém, não foi um ano desperdiçado. Agora eu conhecia pelo menos um dos motivos pelos quais os antigos mestres recomendavam um orientador espiritual e por que eles insistiam em que nunca abandonássemos a necessidade de tê-lo. Era orgulho, esse mal incrivelmente desonesto e alarmantemente insidioso que é tão difícil de detectar em mim, mas tão óbvio para um amigo com discernimento. Ao mesmo tempo, compreendi um componente da minha solidão espiritual, de não fazer alguém valorizar a intensidade das lutas e disciplinas espirituais. Mais uma vez, orgulho: o orgulho isola.

Em nosso primeiro encontro, John perguntou quais eram as minhas expectativas. Eu não tinha expectativas. Eu nunca havia feito aquilo e não sabia o que esperar. Eu só sabia que queria explorar as dimensões pessoais de fé e oração com um guia, em vez de trabalhar por tentativa e erro, como vinha fazendo. Ao refletir sobre o que se desenvolveu nessas conversas mensais, três coisas se destacam.

A primeira coisa que percebi após começar a me encontrar com meu orientador espiritual foi um aumento acentuado da espontaneidade. Uma vez que essa pessoa havia concordado com prestar atenção à minha condição espiritual comigo, não mais me sinto o único responsável por cuidar dela. Agora que alguém com experiência em avaliar a saúde e a patologia na vida de fé está lá para me dizer se estou saindo dos trilhos, parei de pesar e avaliar cada nuance de atitude e comportamento. Sempre tive uma tendência à compulsividade em disciplinas espirituais e, frequentemente, persistia em certas práticas quer tivesse vontade ou não, ano após ano, numa determinação obstinada por fornecer as condições nas quais eu estaria pronto e receptivo para o que quer que o Espírito tivesse para mim. Eu conhecia os perigos da rigidez obsessiva e tentava me proteger contra ela. Mas esse era exatamente o problema. Eu era o disciplinador de minha vida interior, a que estava sendo disciplinada, e o supervisor do meu disciplinador — muitos papéis para ficar trocando ao longo do dia. Imediatamente, desisti de ser “supervisor” e “disciplinador” compartilhado com

meu orientador. A carga psíquica foi reduzida acentuadamente. Eu relaxei. Não tinha mais medo de que estaria sujeito a uma autoindulgência rastejante se divergisse da minha regra, com a certeza de que isso seria notado em pouco tempo pelo meu orientador. Passei a confiar mais nas minhas intuições, sabendo que, mais cedo ou mais tarde, seria chamado por meu orientador a prestar contas do autoengano. A linha que separava meus tempos estruturados de oração e meditação do resto de minha vida perdeu a nitidez. Eu já não tinha mais a total responsabilidade de decidir como moldar as disciplinas. Encontrava-me mais espontâneo, mais livre para inovar, mais à vontade para ser improdutivo e brincalhão.

Outra coisa de que me dei conta foi haver assuntos sobre os quais eu raramente, ou nunca, falo com outras pessoas de minha vida, mas levo regularmente ao meu orientador. Não se trata de coisas vergonhosas que quero manter escondidas; também não são coisas lisonjeiras sobre as quais sou reticente em falar por modéstia. Elas são as coisas comuns, corriqueiras de minha vida. Eu não trato delas na conversação diária porque não quero entediar minha família e meus amigos. Não quero que as pessoas percam o interesse em mim e busquem um interlocutor mais empolgante, como buscaram um melhor banjoísta. Não obstante, essas questões ocupam uma grande parte de minha vida. Ao expressar interesse em quem eu sou (não no que faço) e direcionar a atenção ao que é (não o que deveria ser ou o que eu quero que as coisas sejam), meu orientador possibilita a reflexão conversacional nessas áreas.

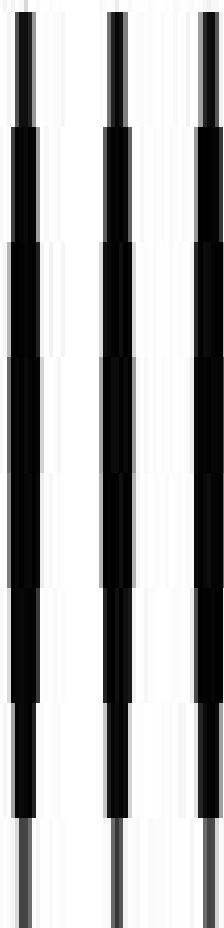
Estou acostumado a procurar os sinais da presença de Deus na crise e na bênção. Sou forçado a olhar para Deus quando falhei ou pequei. Já estou motivado a olhar para Deus quando tudo se encaixa numa experiência de plenitude e visitação. E quanto ao comum aleatório? É aí que estou me preparando para o próximo triunfo. Ou me encaminhando ao próximo desastre. Porém, que tal explorar aquela normalidade cotidiana em busca da presença de Deus e das obras da graça? Será que quando “nada está acontecendo” alguma coisa está, talvez, acontecendo? Os tempos monótonos, os tempos intermediários, os comportamentos de rotina são também (nas palavras de Gerard Manley Hopkins) “carregados da grandiosidade de Deus”. Eu sempre soube disso, mas era intermitente e esporádico na exploração desse território. Agora, por haver essa pessoa com quem não tenho de encerrar a conversação, tenho espaço e lazer para fazer expedições ao que é comum. Lembrei-me da insistência de James Joyce em que “a literatura trata do comum; o incomum e o extraordinário pertencem ao jornalismo”⁴ e enxerguei a analogia com o que estava acontecendo nessas

conversas. Penso que, se um problema realmente grande aparecesse em minha vida agora, eu ficaria relutante em conversar sobre ele com meu orientador, porque isso roubaria tempo de dar atenção ao mundo maior do que não é problemático.

A terceira coisa que me surpreendeu foi a diferença entre estar em contato com uma tradição oral e uma tradição escrita. Descobri os mestres de oração da igreja numa idade precoce e, subsequentemente, mergulhei em seus escritos. Sua experiência e análise me são familiares. Sua leitura me é benéfica. Alguns deles parecem muito vivos e contemporâneos. Durante um longo tempo isso pareceu ser suficiente. No entanto, há uma diferença radical entre um livro e uma pessoa. Um livro que me conta sobre a noite escura e a pessoa que comenta sobre a minha noite escura são diferentes, embora as palavras sejam as mesmas. Eu consigo ler com desapego; não consigo ouvir com desapego. A proximidade e a intimidade da conversa transformam conhecimento em sabedoria.

Há também a questão do tempo certo. Das dezenas de autores que escreveram sobre oração, as centenas de verdades sobre a fé e as miríades de verdades penetrantes da vida espiritual, qual é apropriada neste momento? Pesquisar em índices para encontrar a página em que determinado assunto é apresentado não é o mesmo que fazer uma pessoa perceber e denominar a verdade com que eu estou lutando agora em minha própria vida.

Em reuniões com meu orientador espiritual, frequentemente tive a sensação de estar sendo levado a uma tradição oral viva. Estou em contato com uma fonte de sabedoria e discernimento na vida de fé e na prática da oração de uma maneira diferente de quando estou sozinho em meu gabinete. Isso não é diferente da experiência que tenho em adoração ao participar de leituras bíblicas, pregar, cantar hinos e ministrar sacramentos. Esses não são tanto assuntos sobre os quais você sabe, mas sim uma vida orgânica na qual você entra. Na orientação espiritual, sou guiado para atentar à minha singularidade no contexto maior e discernir mais precisamente onde o desenvolvimento de minha fé se encaixa no horizonte do juízo e da graça.



Obviamente, nenhuma dessas experiências depende de ter um orientador espiritual. Nenhuma delas me era desconhecida quanto à espécie, mas apenas em grau. Algumas pessoas se desenvolvem maravilhosamente nessas áreas sem jamais ter ouvido falar de um orientador espiritual. Ainda assim, na maior parte da história da fé cristã era esperado que uma pessoa devesse ter um orientador espiritual. Em algumas partes da igreja, isso ainda é esperado. Essa não é uma prática excepcional. Ela não é para aqueles que são dotados em oração ou mais fortemente motivados do que os demais. De fato, à medida que a responsabilidade e a maturidade aumentam na vida de fé, as sutilezas da tentação também aumentam e a urgência de ter um orientador espiritual aumenta.

Em seu livro *Concluding Unscientific Postscript*, Søren Kierkegaard escreveu que a orientação espiritual “precisa explorar todos os caminhos, precisa saber onde os erros se escondem, onde os humores têm seus esconderijos, como as paixões se entendem na solidão (e todo homem que tem alguma paixão sempre tem algum grau de solidão; somente os insensatos abrem inteiramente seus corações); ela precisa saber onde as ilusões espalham suas tentações, onde os caminhos alternativos se esgueiram”.⁵ Os maiores erros na vida espiritual não são cometidos por noviços, mas pelos adeptos. A maior capacidade de autoengano na oração não vem nos primeiros anos, mas nos anos médios e tardios. Parece-me que não é sábio para tratar de ânimo leve ou como uma questão de gosto pessoal o que a maioria das gerações de cristãos concordaram ser essencial.

IX Praticando a orientação espiritual

Cinco pastores tiveram oportunidade de fornecer orientação espiritual para George Fox nos primeiros meses de seu despertar religioso. Todos falharam terrivelmente. Fox era adolescente quando se deparou com essa desanimadora sequência de desorientações espirituais. Ele não identifica a natureza do problema que o levou a procurar os pastores. Às vezes, refere-se a ele como “desespero e tentação”. Está claro, porém, que ele estava procurando por Deus. E nenhum dos cinco pastores percebeu isso.

O fracasso dos cinco não é surpreendente. George Fox era complexo. A orientação espiritual é difícil. A sabedoria pastoral não está disponível por receita. Cada pessoa que chega a um pastor com um coração cheio de anseios disformes e uma cabeça cheia de perguntas importunas é complexa de uma maneira nova. Não existem fórmulas infalíveis.

Fox conta a história em seu Journal [diário]. Ao refletir sobre essas respostas inadequadas, mas representativas, de colegas pastorais de trezentos anos atrás, aprendemos, pelo menos, como não fazer. Somente os pastores que ignoram a história estão condenados a repeti-la.

Primeiro Pastor: Nathaniel Stephens

Após algum tempo, voltei para meu próprio país e estava lá havia cerca de um ano, com grandes tristezas e angústias, caminhando muitas noites sozinho. Então, Nathaniel Stephens, o sacerdote de Drayton, minha cidade natal, vinha frequentemente ao meu encontro e eu, ao dele; e, às vezes, outro sacerdote vinha com ele; e se dedicavam a mim e a ouvir-me, e eu lhes fazia perguntas e arrazoava com eles. E esse sacerdote Stephens me fez uma pergunta, a saber: “por que Cristo clamou na cruz: ‘Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?’ e por que Ele disse: ‘se possível, passe de mim este cálice!’

Todavia, não seja como eu quero, e sim como tu queres’?”. Eu disse a ele que, naquele momento, os pecados de toda a humanidade estavam sobre Ele, bem como suas iniquidades e transgressões com que Ele foi ferido, que Ele teve de suportar, e para ser uma oferta por eles, por ser homem, mas não morreu, por ser Deus; e assim, por ter morrido por todos os homens e provado a morte por todos os homens, Ele foi uma oferta pelos pecados de todo o mundo. Isso, disse eu, estando naquele momento, até certo ponto, consciente dos sofrimentos de Cristo e daquilo pelo que Ele passou. E o sacerdote disse que aquela resposta era muito boa, completa e diferente de todas as que já ouvira. Naquela época, ele me aplaudia e falava muito de mim para os outros; e o que eu dizia ao conversar com ele nos dias de semana ele pregava aos domingos; por isso, não gostei dele. Depois, esse sacerdote se tornou meu grande perseguidor.¹

Nathaniel Stephens transforma a conversa da orientação espiritual em investigação teológica. Ele fala como um diletante intelectual, recolhendo opiniões e saboreando nuances de sabor (“o sacerdote disse que aquela resposta era muito boa, completa e diferente de todas as que já ouvira”). As conversas eram, sem dúvida, estimulantes. Nem Stephens, nem Fox teria passado tanto tempo conversando se não tivesse encontrado as trocas interessantes. Mas, independentemente da gravidade do assunto — Deus, a alma, tentação —, as conversas em si não eram sérias. O diálogo degenerava em tagarelíce.

Stephens delata seu jogo diletante ao pregar aos domingos o material que reúne de Fox nos dias de semana. Fox era o seu latão teológico de ilustrações. Esse investigador, repleto de discernimento, é saqueado pelo propósito de pregar sermões. Será que ele nunca ocorreu a Stephens perguntar a si mesmo ou a Fox por que as perguntas eram importantes ou que diferença elas faziam na vida real deles? Aparentemente, não. Ele não trata com dignidade e respeito a pessoa (ele mesmo e Fox) que faz perguntas e busca respostas de Deus.

Para os pastores, a atração da abordagem de Stephens é enorme. Toda pessoa que vem para ajudar é um fascinante estudo de caso em teologia viva na forma desta mulher, no perfil deste homem. Nós transferimos a nossa atenção do livro para a pessoa com bastante facilidade, mas nenhuma mudança correspondente ocorre em nós — “lemos” a pessoa tão impessoalmente quanto lemos o livro. O efeito é desastroso. Tratar uma pessoa como uma borboleta teológica, independentemente de quanto cuidado transmitamos ao fixá-la na placa de

montagem e ao estudar as marcas de identificação, é uma violação. Se reduzimos uma pessoa a material de sermão, somos agentes de alienação.

Esse relacionamento teológico/intelectual não deixava de ser atraente a Fox (ele afirma que ia frequentemente ao encontro do sacerdote), mas, finalmente, falhou. Consigo lembrar-me isso? Se essa pessoa que se atreveu a começar a pensar com paixão pessoal sobre Deus perceber que eu vejo nossos encontros como apenas um desvio teológico da monotonia de paroquianos mais maçantes (e uma fonte de material para pregação), sua desilusão será certa. Quando uma pessoa vem a mim para obter orientação espiritual, não é para entrar numa discussão teológica, mas para encontrar um amigo num contexto teológico.

Segundo Pastor: “Sacerdote Antigo de Mancetter”

Depois disso, procurei outro sacerdote antigo de Mancetter, em Warwickshire, e discutia com ele sobre desespero e tentações; mas ele ignorava a minha condição; ele me mandou usar tabaco e cantar salmos. O tabaco era uma coisa que eu não gostava; quanto aos salmos, eu não estava em condições de cantar; eu não sabia cantar. Então, ele me mandou ir outra vez e me disse muitas coisas; mas, quando eu cheguei, ele estava irritado e rabugento, porque minhas palavras anteriores lhe haviam desagradado. Ele contou meus problemas, tristezas e mágoas e aos seus criados, de modo que chegaram ao conhecimento das camponesas, o que me entristeceu por eu ter me aberto com tal pessoa. Vi que todos eram consoladores infelizes; isso fez meus problemas pesarem mais sobre mim.²

O sacerdote antigo de Mancetter é um balconista numa farmácia eclesiástica. Ele tem um estoque de sabedoria popular, que ele mistura com admoestação de igreja e, em seguida, distribui como um boticário. Provavelmente, ele se considerava uma fonte de remédios simples respeitados na comunidade por seu senso comum. A combinação “tabaco e salmos” dá, de fato, essa impressão.

O problema não estava somente em seus conselhos, mas também na intenção

com que ele os dava. Ele revela suas motivações ao ficar irritado com a recusa de Fox a comprar. Fox, um cliente teimoso, recusa o medicamento prescrito. Para o sacerdote, aquilo constitui uma rejeição. Se Fox não “usar tabaco e cantar salmos”, o vendedor perdeu um cliente. Sua raiva é a resposta adequada, ainda que sem tato.

O sacerdote não vê Fox como uma pessoa a ser orientada, mas como um consumidor de bens espirituais, um possível comprador de um remédio. Ele arrisca um relacionamento com base na aceitação das mercadorias do sacerdote pelo potencial comprador. A rejeição dissolve o relacionamento. Quando a fofoca chegou às camponesas, Fox percebeu que o sacerdote não se importava em absoluto com ele, mas apenas com ele haver aceitado o conselho. Após recusar o conselho, não gostando do tabaco e sendo incapaz de cantar salmos, Fox percebeu, pela raiva do sacerdote, que havia sido despersonalizado em cliente — por sinal, um mau cliente. Uma vez que Fox rejeitou o conselho, o sacerdote rejeitou Fox, recusando-se a tolerar em sua loja tal material não impressionável. Era melhor livrar-se dele ridicularizando-o.

A destituição por escárnio faz parte da síndrome. Se um paroquiano não se dispuser a seguir o nosso conselho, ele é uma prova agravante de nossa incompetência. A saída mais fácil é sugerir às camponesas que existem questões preocupantes de estabilidade, imaturidade ou neurose.

Terceiro Pastor: “Sacerdote Próximo a Tamworth”

Então, ouvi falar de um sacerdote que morava próximo a Tamworth e era considerado um homem experiente, e viajei onze quilômetros para chegar a ele; porém, encontrei-o como um barril oco vazio.³

A dificuldade diária para os pastores que se dedicam à orientação espiritual é a insuficiência da técnica, habilidade e reputação. Esses atributos podem nos ajudar em muitos casos rotineiros, mas, quando aparece uma pessoa genuinamente perturbada, lutando com os anjos, às voltas com os demônios,

nossas almas são expostas, testadas no deserto. Se não estamos preparados para nos envolver numa investigação aberta, honesta e compartilhada em busca de Deus, somos inúteis: “um barril oco vazio”.

Essas investigações são sempre uma ameaça implícita, porque nunca se sabe quando sua busca implacável exporá em nós alguma superficialidade não detectada, alguma banalidade não examinada. Inventamos estratégias e papéis que nos permitem atuar com sucesso e sem dificuldades, dor, angústia e gasto indevido de energia psíquica. Porém, nada disso pode ser tolerado num encontro espiritual intensamente pessoal.

Um interesse passageiro em aconselhamento pastoral é, às vezes (nem sempre), um papel — a aquisição de uma nova técnica à custa de tornar-se uma nova pessoa. Uma disciplina rigorosa visando à excelência no púlpito é, às vezes (nem sempre), um papel — uma atuação pública que evita a dor de orar com as pessoas. Em vez de nos entregarmos a uma integração de pessoa e pastor, aprendemos técnicas que dão uma fachada de perícia em espiritualidade e uma reputação para cuidar. Contudo, basta um único George Fox para destruir o papel-imagem.

Reputações não contam em direção espiritual. “Experiência” não é suficiente no gabinete do pastor. Quando George Fox entra nele, começa um novo jogo de bola. As histórias de que nos valem para ilustrar uma experiência, os conhecimentos que usamos para iluminar o desenvolvimento da personalidade, por mais impressionantes que sejam, não sobreviverão à inquieta sondagem de uma alma perturbada. Somente uma vida comprometida com aventura espiritual, integridade pessoal, e oração de busca honesta e alerta é adequada à tarefa. Fox sempre detectará o “barril oco vazio”, mesmo que “considerado um homem experiente”.

Assim, nossa tarefa primária é ser um peregrino. Nossa melhor preparação para o trabalho de orientação espiritual é uma vida honesta. A oração e a capacidade, em desenvolvimento, de adoração e a alegria autenticam a existência pastoral.

Quarto Pastor: Dr. Cradock

Ouvi também falar de um tal Dr. Cradock, de Coventry, e fui até ele. Perguntei-lhe sobre tentações e desespero, e como os problemas vieram a ser forçados no homem. Ele me perguntou: “Quem eram o pai e a mãe de Cristo?”. Eu lhe disse: “Maria era sua mãe e Ele deveria ser o filho de José, mas era o Filho de Deus”. Ora, enquanto caminhávamos juntos por um corredor estreito em seu jardim, ao virar-me, meu pé tocou por acaso no lado de um canteiro; o homem ficou com muita raiva, como se sua casa tivesse pegado fogo. Assim, todo o nosso discurso se perdeu e fui embora mais triste do que estava ao chegar. Considerei-os consoladores infelizes e vi que eles todos eram como nada para mim; porque eles não tinham capacidade para compreender a minha condição.⁴

Dr. Cradock se preocupa com a ortodoxia, não apenas teologicamente, mas peripateticamente. Sua preocupação é que Fox tenha pensamentos retos e trilhe um caminho reto. Sua raiva quando Fox pisou fora do caminho em seu canteiro de flores não foi um lapso lamentável, mas uma expressão reveladora de sua mentalidade. Na mente do Dr. Cradock, um desvio do reto e estreito causa o que está errado no mundo. Para ele, o desespero humano está enraizado no pensamento errado. Corrija a teologia de uma pessoa e você a consertará. Por Cradock ser dogmático, sua resposta a um inquiridor desesperado é fazer a pergunta de teste. Ele funcionava como um professor examinador, procurando o que estava errado com a estrutura de crença de Fox. Quando a encontrasse, ele seria capaz de instruí-lo em que acreditar para poder voltar a ser íntegro. Ele só tinha de descobrir como Fox divergia do modelo do cristianismo ortodoxo, para endireitá-lo.

A progênie do Dr. Cradock no século 20 tem a probabilidade de ter pressupostos tanto psicológicos quanto teológicos. Entre muitos pastores, Freud previu Calvino como pai da ortodoxia. A pergunta de hoje mudou de “Quem eram o pai e a mãe de Cristo?” para “O que você pensa de sua mãe?” —, mas com a mesma intenção: obter material para diagnóstico, dados para comparar com o modelo ortodoxo.

Felizmente, Fox não teve de suportar a investigação durante muito tempo — Cradock demonstrou seu poder, queimando de raiva pela transgressão no jardim. Fox, um candidato impossível a qualquer canteiro inflexível, foi tristemente procurar outro tipo de ajuda.

A ortodoxia não pode ser imposta. O orientador espiritual está num lugar invejável para observar as infinitas variações da graça, a fantástica fertilidade do Espírito divino trazendo fé à criação. Mas “nunca poderemos saber como Cristo será formado em outra pessoa”.⁵ Se fizermos erroneamente nosso trabalho no estilo mestre-escola dogmático do Dr. Cradock, bem merecemos o epitáfio “consolador infeliz”.

Quinto Pastor: “Um certo Macham”

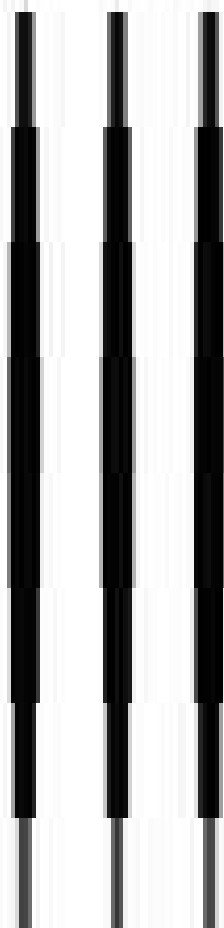
Depois disso, procurei outro, um certo Macham, um sacerdote bem considerado. Ele precisaria me dar algum cuidado médico e me deveriam ter sido aplicadas sanguessugas; mas elas não conseguiram obter de mim uma gota sequer de sangue, tanto dos braços quanto do coração (embora elas tenham se esforçado), devido ao meu corpo estar, por assim dizer, seco de amargura, sofrimento e dificuldades, que eram tão grandes em mim que eu poderia ter desejado nunca haver nascido, ou haver nascido cego, para nunca ter visto vaidade e maldade, e surdo, para nunca ter ouvido palavras vãs e falsas, ou o nome do Senhor ser blasfemado.⁶

Macham é um ativista. Ele não perderá tempo com conversa fiada ou escuta inútil. Algo tem de ser feito. Não importa o que, faça alguma coisa: “Dê-lhe um cuidado médico e tire um pouco de sangue”.

A sugestão de fazer algo é quase sempre inadequada, pois as pessoas que vêm em busca de orientação espiritual estão preocupadas com algum distúrbio ou insatisfação no ser, não no fazer. Elas precisam de um amigo que preste atenção a quem elas são, não de um gerente de projetos que pedirá ocupação adicional. Habitualmente, atos precipitados tentam evitar algo. Eles distraem momentaneamente e proporcionam um alívio temporário (e bem-vindo). A atração por “dar cuidado médico e tirar um pouco de sangue” é quase irresistível numa situação fortemente ambígua. A sensação de definição fornecida pelo ato preciso fornece uma enorme satisfação. Porém, não há crescimento no espírito, nem desenvolvimento para a maturidade.

Os pastores são particularmente ameaçados nessa área devido ao ativismo compulsivo, tanto cultural quanto eclesiástico, em que estamos imersos simplesmente por estarmos vivos neste momento na história. É necessária uma observação cautelosa e persistente para evitar cair na armadilha ativista.

George Fox precisava de um pastor que fosse suficientemente seguro para absorver, refletir e tolerar a ambiguidade do seu desespero e tentação tribulados, e suficientemente forte para não fazer algo a ele ou por ele. Isso teria fornecido espaço para o Espírito Santo iniciar a nova vida. Isso, sim, poderia ter feito diferença.



Há algo que eu possa fazer para evitar a perpetuação da negligência dos cinco pastores de George Fox? Existem maneiras de me preparar para o próximo George Fox que, após uma reunião, espere até todos terem ido embora e arrisque uma pergunta tímida? Ou me encontre na rua e pergunte se posso lhe conceder alguns minutos enquanto tomamos café? Ou escreva uma carta? Ou, mais deliberada e formalmente, organize uma série de conversas para “chegar ao que está me incomodando”? Richard Baxter diz que um pastor não deve “remendar um pouco” esse trabalho.⁷ Os aspectos negativos da experiência de Fox sugerem alguns pontos positivos.

Para começar, posso cultivar uma atitude de temor. Preciso estar preparado para maravilhar-me. Essa face diante de mim, sua beleza marcada com estresse, é feita à imagem de Deus. Esse corpo inquieto e largado que estou olhando é um templo do Espírito Santo. Essa reunião estranha e ligeiramente assimétrica de pernas e braços, orelhas e boca, faz parte do corpo de Cristo. Estou pronto para surpreender-me com o que Deus moldou ou estou diligentemente absorvido em classificar minhas observações? O que vejo é reforçado por uma imaginação instruída pela fé ou é reduzido ao que pode ser resolvido e se encaixa nas pastas-arquivos da biologia, da psicologia e da sociologia? Por que é que, assim que se senta à minha frente uma pessoa cujo rosto é uma imagem não convincente de Deus, ou cujo corpo é uma paródia do templo do Espírito Santo, ou cujas palavras e ações exibem nenhuma coordenação evidente com os membros e órgãos do corpo de Cristo, eu abandono tão rapidamente minha orientação básica e os textos sobre os quais ponderei, preguei e ensinei durante todos esses anos, e abraço slogans e fórmulas semidigeridos que colho no ar da contemporaneidade?

Minha orientação básica como pastor é que a importância do que vejo diante de mim não é o que vejo diante de mim, mas o que Cristo disse e fez. Muito mais relevante do que aquilo que sinto ou penso, ou que essa pessoa sente ou pensa, é o que Cristo disse e fez. Essa é uma pessoa por quem Cristo morreu, uma pessoa a quem ele ama: um fato tremendo! Essa é uma pessoa preservada viva até este exato momento num mundo de automóveis que colidem, doenças devastadoras e ameaças psicóticas. Estou preparado para admirar? Estou preparado para respeitar? Estou preparado para estar em reverência?

Quando sou lançado no papel de autoridade espiritual, somente a uma incessante vigilância me impede de responder com paternalismo condescendente. Se eles

olharem para cima em minha direção, como posso me impedir de olhar para baixo na direção deles? Não com menosprezo, certamente, mas numa espécie de reducionismo “eu compreendo o que é melhor para você”. Porém, quando faço isso, eles abandonam a conversação benignamente menosprezados.

Há muitos anos tenho prestado especial atenção aos pastores quando eles falam sobre as pessoas que eles batizam e a quem eles entregam a palavra, o corpo e o sangue de Cristo. O que eles realmente pensam delas? Quão raramente ouço qualquer temor ou maravilha em seu discurso, quão raramente detecto qualquer aplauso pelas glórias que ninguém mais percebe, a graça que todos negligenciam. George Fox era uma pessoa notável, mas nenhum de seus cinco pastores teve a menor ideia disso.

Todo encontro com outra pessoa é um privilégio. Em conversas pastorais, tenho oportunidades que muitos nunca têm com tanta facilidade ou frequência — oportunidades de espiar glória suprimida, bênção ignorada, graça esquecida. É melhor eu não perdê-las.

Em segundo lugar, posso cultivar uma consciência de minha ignorância. Há tanta coisa que não conheço sobre essa pessoa. Há camadas de anos de experiência às quais não tenho acesso. Há sentimentos de raiva, alegria, fé e desespero que nunca serão articulados. Há sonhos e fantasias de vaidade e realização, sexualidade e aventura, que nunca verão a luz do dia. Migalhas e fragmentos serão insinuados na conversação, mas a maior parte permanecerá como território desconhecido. Tem-se a impressão de que os cinco pastores de George Fox o entenderam, e também a vontade de Deus para ele, nos primeiros dez ou quinze minutos.

É difícil manter uma consciência de minha ignorância. Os pastores passaram por tantos exames, ouviram tantas palestras, leram tantos livros e têm tanta experiência com a matéria-prima da verdade — morte, dor, sofrimento, celebração, culpa, amor — que assumimos facilmente uma postura de onisciência. Porém, há muito mais que não sabemos. Mal atravessamos o limiar da compreensão. Lewis Thomas escreve: “Em nenhum outro século de nossa breve existência os seres humanos aprenderam tão profundamente, e tão dolorosamente, a extensão e a profundidade de sua ignorância”.⁸ Todavia, é difícil não ficar impressionado com o que sei. Eu li e estudei as Escrituras durante anos e tenho a ambição de compartilhar o que aprendi. Fui ensinado e treinado em teologia durante anos e estou ansioso para transmitir o que sei. Dado

o estímulo de uma pergunta ou o sinal de uma pesquisa, eu derramo respostas e comentários. Quero levar a plenitude que está em minha cabeça ao vazio que está na outra cabeça. Porém, e se o que está envolvido aqui não for cabeças, mas algo mais parecido com corações, vidas? Então, eu não sei muito mais do que eu sei. Von Hugel diz: “É a marca de uma mente sem instrução ser mais dogmática do que o assunto permite”. É melhor eu ficar quieto por um tempo, escutar e observar. Aqui há mais do que o aparente. Há muito que não foi dito. O que é?

Uma dimensão ainda mais preocupante de minha ignorância diz respeito a Deus. O que Deus fez com essa pessoa antes de ela aparecer em meu gabinete? Que mensagens foram recebidas, distorcidas, perdidas? Deus tem operado nessa pessoa desde o nascimento dela. Tudo o que aconteceu nessa vida ocorreu, de uma forma ou de outra, no contexto de uma boa criação e uma salvação pretendida. Tudo.

Quando essa pessoa deixa a minha presença, a boa criação e a salvação pretendida permanecerão básicas. A graça de Deus está operando e persistirá. Minhas palavras e meus gestos e atos ocorrem em meio a um grande drama, sobre os detalhes dos quais conheço pouco ou nada. De modo algum isso significa que a minha parte não tem importância ou é dispensável. Eu levo totalmente a sério qualquer papel que desempenho, mas sou um jogador de apoio e não o principal. Faço o meu melhor, mas de modo algum falo ou ajo de modo a que a resposta da pessoa a mim seja a atuação central. Deus quer se encontrar com essa pessoa; por mais desfocado que seja o desejo dessa pessoa, ela quer se encontrar com Deus. Eu não devo manipular a conversa ou interpretar o cenário para ser percebido como estando no comando; caso contrário, simplesmente retardo as coisas de Deus.

Em terceiro lugar, posso cultivar uma predisposição à oração. Minha premissa básica em todos os encontros pastorais é que o que a pessoa realmente quer de mim é aprender a orar ou ser orientada para a maturidade na oração. Essa suposição nem sempre é confirmada pelos acontecimentos posteriores, mas perde-se menos em fazer a suposição errada do que em, equivocadamente, não fazê-la.

É mais fácil falar sobre ideias, pessoas ou projetos. Para o momento, isso costuma ser suficientemente satisfatório. Mas, se é com Deus que a pessoa realmente quer tratar, tudo que fiz foi desviar a busca ou retardar o encontro. Enganei-me pensando ser o parceiro principal na conversação, quando o que a

pessoa está realmente procurando é uma conversação com Deus. Se eu domino a conversação, ignorando a palavra, a presença e a misericórdia de Deus ou consignando-o a uma posição meramente cerimonial, estou sendo um obstáculo.

É com Deus que temos a ver. As pessoas passam um longo tempo sem ter consciência disso, pensando ter de tratar de dinheiro, sexo, trabalho, filhos, pais, uma causa política, uma competição de atletismo ou uma aprendizagem. Qualquer um desses assuntos, ou uma combinação deles, pode absorvê-las e, durante algum tempo, lhes dar o significado e propósito de que os seres humanos parecem necessitar. Mas, em seguida, há um trecho lento de tédio. Ou um desastre. Ou um desmoronamento repentino do sentido. Elas querem mais. Eles querem Deus. Quando uma pessoa busca significado e orientação, fazendo perguntas e testando afirmações, não devemos ser desviados para qualquer coisa diferente ou menor.

Isso não significa que a tarefa do pastor é levar as pessoas a se ajoelharem o mais depressa possível. Isso não significa que temos um manual de instruções sobre a oração, no qual atribuímos lições. Muitas vezes, não haverá oração formal ou verbalizada. Frequentemente, não haverá qualquer referência explícita à oração. Porém, precisa haver uma predisposição à oração, uma prontidão para a oração. Então, a orientação espiritual é realizada com uma consciência de que ela ocorre na presença ativa de Deus e de que nossa conversação é, portanto, condicionada pelo falar, ouvir a presença de Deus.

Isso não pode ser reduzido a um processo ou a uma fórmula. Isso é realizado mais pela maneira como somos quando nos encontramos, do que pelo que fazemos ou dizemos ao outro. Clemente de Alexandria disse que oração é “ficar na companhia de Deus”. “Ficar na companhia” envolve gestos e silêncio, meditação relaxada e pronunciamento com propósito. Outras pessoas podem entrar e sair da companhia sem perturbá-la. Mais frequentemente do que se pensa, a razão silenciosa, às vezes inconsciente, pela qual as pessoas procuram conversar com o pastor é um desejo de ficar na companhia de Deus; se forem suficientemente azaradas de chegar a um pastor que não está ativo na companhia, elas ficarão decepcionadas como George Fox; nenhum de seus pastores deu qualquer orientação sobre oração ou foi percebido como uma pessoa de oração.

Notas

Introdução

-

1. THORNTON, Martin. Spiritual Direction. Boston: Cowley Publications, 1984, p. 27.

2. TYLER, Anne. Morgan's Passing. Nova York: Alfred A. Knopf, 1980.

3. "... profissionais são homens autônomos, em dívida com a natureza das coisas e dos juízos de seus pares, e não sujeitos a chefes ou burocratas, mas obrigados, por um juramento explícito ou implícito, a beneficiar seus clientes e a comunidade". In: GOODMAN, Paul. The New Reformation. Nova York: Random House, 1970, p. 47.

4. O'CONNOR, Flannery. The Habit of Being. Sally Fitzgerald, org. Nova York: Farrar, Strauss, Giroux, 1979, p. 81.

5. LEWIS, C. S. The Screwtape Letters. Nova York: Macmillan, 1952, p. 131ss.

6. CHESTERTON, G. K. Twelve Types. Londres: Arthur Humphreys, 1920, p. 67-68.

7. THORNTON, Martin. The Rock and the River. Nova York: Morehouse-Barlow, 1965, p. 30.

8. HUGEL, Friedrich von. Letters to a Niece. Gwendolen Green, org. e intr. Londres: J. M. Dent & Sons, 1958, p. xxix.

Capítulo I

■

1. [CHESTERTON, G. K. Orthodoxy. Nova York: John Lane, 1908, p. 85.](#)
2. [GRENE, David e LATTIMORE, Richmond, org. The Complete Greek Tragedies. Chicago: University of Chicago Press, 1959, 1:311-351.](#)
3. [JAEGER, Werner. Paideia: The Ideals of Greek Culture. Trad. Gilbert Highet. Nova York: Oxford University Press, 1945, 1:263.](#)
4. [Ver, por exemplo, O'CONNOR, Sister Mary Catherine. The Art of Dying Well: The Development of the "Ars Moriendi". Nova York: Columbia University Press, 1942.](#)
5. [LUTERO, Martinho. Luther's Works. Jaroslav Pelikan, org. St. Louis: Concordia, 1956, 13:128.](#)
6. [DUHM, Bernard. Die Psalmen. KHAR XIV Frieberg, 1899, p. 72.](#)
7. [CLEMENTS, Ronald E. One Hundred Years of Old Testament Interpretation. Filadélfia: Westminster Press, 1976, p. 76-98.](#)
8. [Ibid., p. 83.](#)
9. [GRONBECH, Vilhelm. The Culture of the Teutons. Oxford, 1931.](#)
10. [CLEMENTS. One Hundred Years, p. 95.](#)

Capítulo II

■

1. [MCNAMARA, William, O.C.D. The Human Adventure. Garden City, NY: Doubleday & Co., Image Books, 1976, p. 89.](#)

2. WESTERMANN, Claus. Praise and Lament in the Psalms. Trad. Keith R. Crim e Richard N. Soulen. Atlanta: John Knox Press, 1981, p. 250-257;
WILSON, Gerald H. The Editing of the Hebrew Psalter. Chico, CA: Scholars Press, 1985.
3. WEISER, Artur. The Old Testament: Its Formation and Development. Nova York: Association Press, 1961, p. 286.
4. BARTH, Christoph. Introduction to the Psalms. Trad. R. A. Wilson. Nova York: Charles Scribner's Sons, 1966, p. 4.
5. Citado por ANDERSON, Bernard W. Out of the Depths. Filadélfia: Westminster Press, 1974, p. x.
6. CALVINO, João. Commentary on the Book of Psalms. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 1949, 1:xxxvii.
7. GASMER, Michael, O.P. The Psalms, School of Spirituality. St. Louis: B. Herder, 1961, p. 3.
8. AMBROSE. Discourses on the Psalms, citado na leitura para a quinta-feira após a Trindade, Book of Common Prayer.
9. Até onde sei, isso não foi publicado. Ouvi o Dr. Miller apresentar numa Lenten Teaching Mission em 1978 na Calvary Baptist Church, Bel Air, Maryland.
10. DRIVER, S. R. A Critical and Exegetical Commentary on Deuteronomy. Nova York: Charles Scribner's Sons, 1895, p. xxvii-xxxiv.
11. Este argumento é bem defendido por Mascall:

Ora, a relação sexual dos seres pessoais, mesmo no nível finito e criado, é caracteristicamente de conversação, da mútua comunicação de pensamento e conhecimento; é por isso que a linguagem desempenha um papel tão importante na sociedade humana. E, mesmo quando dois seres humanos alcançam tal grau de união que, nos pontos de sua mais alta realização a linguagem dá lugar ao silêncio, o elemento de comunicação, na verdade, de autocomunicação, longe de

desaparecer, permanece e é reforçado. Deveras, se eu estava correto ao afirmar que a essência do conhecimento é que o conhecedor, de maneira misteriosa, “ontencionalmente”, como dizem os tomistas, se torna o objeto conhecido, é impossível conceber até mesmo os modos mais inferiores e mais descompromissados da comunicação humana como deixando o conhecedor e o conhecido inteiramente externos um ao outro. Então, quando consideramos a possibilidade de Deus se revelar ao homem, muito mais impossível é pensar em Deus como impactando o homem de modo puramente exterior ou como simplesmente oferecendo-lhe elementos de informação.

MASCALL, E. L. *The Openness of Being*. Filadélfia: Westminster Press, 1971, p. 148-149.

Capítulo III

■

1. OATES, Wayne. *Workaholics, Making Laziness Work for You*. Garden City, NY: Doubleday & Co., 1978, p. 59.

2. HOPKINS, Gerard Manley. “As Kingfishers Catch Fire”. In: GARDNER, W. H., org. *Poems and Prose of Gerard Manley Hopkins*. Baltimore: Penguin Books, 1953, p. 51.

3. RAHNER, Hugo. *Man at Play*. Nova York: Herder and Herder, 1972.

4. EDWARDS, Tilden. *Sabbath Time*. Nova York: Seabury Press, 1982, p. 20.

5. SARTON, May. *Journal of a Solitude*. Nova York: W. W. Norton & Co., 1973, p. 98.

6. SHEEHAN, George. *On Running*. Mountain View, CA: World Publications, 1975, p. 196.

7. BARTH, Karl. “A Letter of Thanks to Mozart”. In: Wolfgang Amadeus Mozart. Trad. Clarence K. Pott. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 1986, p.

22.

8. ERIKSON, Erik. Toys and Reasons. Nova York: W. W. Norton, 1977, p. 17.

9. Citado em BROWN, Norman. Life against Death. Middletown, CT: Wesleyan University Press, 1959, p. 33.

10. HUIZINGA, Johann. Homo Ludens. Boston: Beacon Press, 1955.

Capítulo IV

■

1. POUND, Ezra. “Hugh Selwyn Mauberley”. In: Selected Poems. Londres: Faber & Faber, 1928, p. 173-187.

2. AUDEN, W. H. Secondary Worlds. Nova York: Random House, 1968, p. 128.

3. ONG, Walter. S. J., The Presence of the Word. New Haven: Yale University Press, 1967, p. 19.

4. ONG, Walter, S. J. Orality and Literacy. Nova York: Methuen, 1982, p. 75.

5. ONG. The Presence of the Word, p. 323.

6. MCLUHAN, Marshall. The Mechanical Bride. Nova York: Vanguard Press, 1951, p. 72.

7. SHAKESPEARE, William. Soneto 23. In: Shakespeare’s Sonnets. BUSH, Douglas e HARBAGE, Alfred, org. Baltimore: Penguin Books, 1961, p. 45.

Capítulo V

-
1. MELVILLE, Herman. White Jacket. Evanston, IL: Northwestern University Press, 1970.
 2. ONG, Walter. The Presence of the Word. New Haven: Yale University Press, 1967, p. 309.
 3. Ibid., p. 315.
 4. Dos teólogos que trataram do “de alguma maneira ou de outra”, obtive o maior benefício das obras de BARTH, Karl. Church Dogmatics, I/1, 2. Edinburgo: T. & T. Clark, 1936, 1956; e BALTHASAR, Hans Urs von. The Glory of God. San Francisco: Ignatius Press, 1982, 1:527-677.
 5. ONG. The Presence of the Word, p. 3.
 6. FRYE, Northrop. The Great Code. Nova York: Harcourt Brace Jovanovich, 1982, p. 117-118.
 7. Josefo registrou que Herodes construiu um anfiteatro em Jerusalém. C. Schick descobriu um ao sul da cidade em 1887, mas não tem certeza quanto a ser herodiano. Veja Interpreters Dictionary of the Bible. Nova York: Abingdon Press, 1962, 4:615.
 8. FRYE. The Great Code, p. 198.
 9. Walter Brueggemann mostra os profundos e extensos usos educacionais que podem ser dados a essa disposição canônica em nossas comunidades de fé em The Creative Word. Filadélfia: Fortress Press, 1982.
 10. A literatura sobre isso é extensa. O simpósio sobre história citado em Theology Today 32 (1975) fornece uma boa orientação. Hans Frei nos dá o melhor relato de como a narrativa da Escritura foi perdida para o mundo exegético atual. Veja seu livro The Eclipse of Biblical Narrative. New Haven: Yale University Press, 1976.
 11. FRYE. The Great Code, p. 209.

Capítulo VI

■

* No original, I-land. Eu sou a ilha (N. do E.).

1. BUBER, Martin. Meetings. Maurice Freedman, org. La Salle, IL: Open Court, 1973, p. 54.

2. GOODMAN, Ellen. The Baltimore Sun, 15 de junho de 1979.

3. BARTH, Karl. Church Dogmatics I/1. Edinburgo: T. & T. Clark, 1936, p. 208.

4. Citado por BARTH. CD I/2. Edimburgo: T. & T. Clark, 1956, p. 484.

5. BARR, James. Old and New in Interpretation. Londres: SCM Press, 1966, p. 199.

6. ROSENSTOCK-HUESSY, Eugen. Speech and Reality. Norwich, VT: Argos Books, 1970, p. 145.

7. AUERBACH, Erich. Mimesis. Princeton: Princeton University Press, 1953, p. 15.

8. Citado por STEINER, George. Language and Silence. Nova York: Atheneum, 1970, p. 67.

9. AUERBACH. Mimesis, p. 44.

10. Ver “Gnostic Gospels and Related Documents”. In: HENNECKE, E. e SCHNEEMELCHER, W. NT Apocrypha I. 2ª ed.; 1968.

11. Citado por OWENS, Virginia Stem. And the Trees Clap Their Hands. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 1983, p. 89.

12. CHILDS, Brevard. Biblical Theology in Crisis. Filadélfia: Westminster

Press, 1970, p. 219.

13. HOLMER, Paul. A Grammar of Faith. San Francisco: Harper & Row, 1978, p. 203.

14. RICOEUR, Paul. Essays in Biblical Interpretation. Filadélfia: Fortress Press, 1980, p. 52.

15. GADAMER, Hans-Georg. Truth and Method. Londres: Sheed & Ward, 1975, p. 238.

16. Citado por THISELTON, Anthony. The Two Horizons. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 1980, p. 386.

17. Citado por OUTLER, Albert. Theology Today, vol. 42, no. 3. Outubro de 1985: 290.

18. PERCY, Walker. The Message in the Bottle. Nova York: Farrar, Straus, and Giroux, 1975.

Capítulo VII

■

1. AUERBACH, Erich. Mimesis. Princeton: Princeton University Press, 1953, p. 43.

2. Ibid., p. 92.

3. BERDYAEV, Nicholas. The Fate of Man in the Modern World. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1969, p. 12.

4. LEWIS, C. S. Mere Christianity. Nova York: Macmillan, 1976, p. 97.

5. ELIOT, George. The Mill on the Floss. Nova York: Century, 1911, p. 310.

Capítulo VIII

■

1. São Doroteu de Gaza é representativo desse consenso:

Nada é mais prejudicial do que tentar orientar a si mesmo... É por isso que eu nunca me permiti seguir os meus próprios desejos sem procurar aconselhamento... O livro de Provérbios diz: “Não havendo sábia direção, cai o povo, mas na multidão de conselheiros há segurança” (11.14). Deem uma boa olhada nesse ditado, irmãos. Vejam o que a Escritura nos ensina. Ela nos diz que não devemos nos estabelecer como guias, que não devemos nos considerar sábios, que jamais devemos pensar que podemos orientar a nós mesmos. Precisamos da ajuda de outra pessoa; precisamos de orientação além da graça de Deus. Ninguém é mais pobre, ninguém é mais indefeso do que uma pessoa que não tem alguém para guiá-la ao longo do caminho para Deus. Em algumas versões, a mesma passagem da Escritura diz: “Os que não têm orientação caem como folhas”. As folhas são sempre verdes no início; elas crescem rapidamente e são muito agradáveis de se ver. Então, depois de algum tempo, elas secam e caem e, finalmente, são sopradas pelo vento e pisadas. Assim é a pessoa que não é guiada por alguém. No início, ela tem grande fervor por jejum, vigiando, orando, em silêncio, obediência e outras práticas ascéticas. Depois de pouco tempo, o fogo é apagado e, não tendo ninguém para guiá-la, apoiá-la e acender seu fogo novamente, ela seca; assim, tornando-se desobediente, ela cai e finalmente se torna uma ferramenta na mão de seus inimigos, que fazem com ela o que querem.

Citado em NEUFELDER, Jerome M. e COELHO, Mary C. Writings on Spiritual Direction. Nova York: Seabury Press, 1982, p. 3.

2. BONA, John Cardinal. A Treatise of Spiritual Life. Trad. D. A. Donovan.

[Nova York: Pustet, 1901, p. 5, 66.](#)

[3. SALES, Francis de. Introduction to the Devout Life Trad. John K. Ryan. Garden City, NY: Doubleday & Co., 1955, p. 42.](#)

[4. JOYCE, James. Citado por BARRETT, William. Time of Need. Nova York: Harper & Row, 1972, p. 140.](#)

[5. KIERKEGAARD, Søren. Concluding Unscientific Postscript. Princeton: Princeton University Press, 1941, p. 382-383.](#)

Capítulo IX

■

[1. FOX, George. Journal. Londres: J. M. Dent & Sons, 1924, p. 4.](#)

[2. Ibid., p. 4-5.](#)

[3. Ibid., p. 5.](#)

[4. Ibid.](#)

[5. BONHOEFFER, Dietrich. Life Together. Nova York: Harper & Brothers, 1954.](#)

[6. FOX. Journal, p. 5.](#)

[7. BAXTER, Richard. The Reformed Pastor. Hugh Martin, org. Richmond: John Knox Press, 1956, p. 119.](#)

[8. THOMAS, Lewis. The Medusa and the Snail. Nova York: Viking Press, 1979, p. 16.](#)